

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**Cláudia Soares de Oliveira**

**Velhices e envelhecimento:**

**Potências do cuidado tecido nas dobras e redobras do bordado**

**MESTRADO EM GERONTOLOGIA SOCIAL**

**São Paulo**

**2018**

**Cláudia Soares de Oliveira**

**Velhices e envelhecimento:**

Potências do cuidado tecido nas dobras e redobras do bordado

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Gerontologia Social, sob a orientação da Profa. Dra. Silvana Maria Corrêa Tótoro.

**São Paulo**

**2018**

**Cláudia Soares de Oliveira**

**Velhices e envelhecimento:**

Potências do cuidado tecido nas dobras e redobras do bordado

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Gerontologia Social, sob a orientação da Profa. Dra. Silvana Maria Corrêa Tótorá.

**Aprovado em:** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Silvana Maria Corrêa Tótorá – PUC-SP

---

Profa. Dra. Beltrina da Purificação Côrte Pereira – PUC-SP

---

Profa. Dra. Celina Dias Azevedo – SESC-SP

**São Paulo**

**2018**

Ao meu filho Bruno, por fazer com que eu  
deseje manter a vida com intensidade  
e não abdique nunca do jogo intenso  
das criações e dos devires.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES)- Código de Financiamento 001.

## AGRADECIMENTOS

**Aos que vieram antes de mim.**

**Silvana Tótora, amiga e orientadora**

O espaço de orientação sempre foi um espaço de tensão, forçando uma expansão, rompendo margens, abrindo novos espaços, novas pontes para o enfrentamento de questões e inquietações, o que não significou, de maneira alguma, a busca de respostas ou de caminhos, mas antes, foi uma procura por percorrer descaminhos de discursos contemporâneos, foi circular por entre pontes e margens, foi investigar a vida em espaços fronteiraços.

Passei a habitar a terceira margem.

Lugar onde se entrelaçam experiências e expectativas, modos de viver e de ser, saberes e sabores, visões e versões, onde se desfazem os laços estreitos das dualidades, onde se rompem com as oposições binárias colocando em relevo as múltiplas e complexas facetas do viver.

**Rioco, Cristina, Maria Alice, Nívea, Tia Ana, Edmara, Érica, Beth, Nair, bordadeiras, aranhas, amigas**

Me acolheram e me ensinaram

através da convivência:

Que precisamos cada vez de menos palavras,  
pois o que importa é o com-sentimento.

E tudo o que dizemos é uma poética da amizade.

Que a vida dói sim,

mas que nesses momentos devemos fazer  
o que melhor as aranhas sabem fazer: tecer suas teias.

E com muita honra e orgulho passei  
a dançar junto delas ao som da brisa  
que faz vibrar suas, nossas, teias.

**Miguel Chaia, Salma Tannus, Suzana C. Fonseca, Beltrina Corte,  
amigos e professores**

Arte, filosofia, linguagem, envelhecimento,  
fios que me ajudaram a tecer a teia do  
cuidado que potencializa a vida.

**Bruno, filho, amigo, companheiro de *uma vida***

Escuta, fala franca, cumplicidade, afinidades, entusiasmo, desânimo,  
dúvidas, certezas, perdas, lutos, co-cuidado, criações, invenções,  
devires, dores e alegrias compartilhadas no percurso de nossas existências.

**Thamirez, Gabriela, Marcelo e Bruno, generosos amigos de orientação**

Juntos trilhamos pelos descaminhos de nossas pesquisas.  
Compartilhamos saberes, não-saberes,  
alegrias e tristezas da vida.

**Marcos Cobra, amigo e parceiro de vida**

Presença, Disponibilidade, Facilitação, Logística, Carinho e Dedicção.

**Suely Tornaque, doce e bela amiga,**

Cores, tecidos, costuras, fios, pedras, que passaram a iluminar  
uma *expressão outra* de mim mesma.

**André Fogliano,**

Conversas, troca conceitual, tradução de palavras  
que construíram um argumento.

**Gustavo Cadaval,**

Captura de imagens, foco, olhares, conversas, cuidado.

**Sofia Osório,**

Palavras, leitura, atenção, rigor, cuidado e forma.

**Rafael Q. Arbeche**

Organização, Prontidão, Paciência e Acolhimento.

**Nina Veiga,**

Ousadia

Fibra e Fibras, Texto-Tessitura e Texturas, Pensares e Sentires

Dimensão outra de amizade.

**Instituto Candeias**

Encontros potentes, trocas afetivas, resistência.

**CAPES,**

pelo apoio financeiro que possibilitou o

desenvolvimento desta pesquisa.

*Era um caminho, quase sem pegadas, onde tantas madrugadas, folhas serenaram.  
Era uma estrada, muitas curvas tortas, quantas passagens e portas, ali se ocultaram.  
Era uma linha, sem começo e fim e as flores desse jardim, meus avós plantaram.  
Era uma voz um vento, um sussurro, relampo, trovão e murro, nos que se lembraram.  
Uma palavra quase sem sentido, um tapa no pé do ouvido, todos escutaram.  
Um grito mudo, perguntando aonde, nossa lembrança se esconde, meus avós gritaram.  
Era uma dança, quase uma miragem, cada gesto, uma imagem, dos que se encantaram.  
Um movimento, um traquejo forte, traçado, risco e recorte, se descortinaram.  
Uma semente no meio da poeira, chão da lavoura primeira, meus avós dançaram.  
Uma pancada, um ronco, um estralo, um trupé e um cavalo, guerreiros brincaram.  
Quase uma queda, quase uma descida, uma seta remetida, as mãos se apertaram.  
Era uma festa, chegada e partida, saudações e despedida, meus avós choraram.  
Onde estará, aquele passo tonto, e as armas para o confronto, onde se ocultaram.  
E o lampejo da luz estupenda, que atravessou a fenda, e tantos enxergaram.  
Ah! Se eu pudesse, só por um segundo, rever os portões do mundo, que os avós criaram.*

## RESUMO

Esta pesquisa buscou, ao traçar uma linha de vida entre a ciência, a filosofia e a arte, um modo de existir outro, ou seja, aquele que não segue um modelo preestabelecido mas que cria suas próprias condutas. Partiu-se de questionamentos em torno do cuidado com a vida na atualidade onde a formação técnica prevalece com ênfase nas disciplinas, nas especialidades e na tecnologia resultando uma medicina que controla e exige autocontrole do corpo a partir de um cuidado prescritivo, pois o que interessa é agir de modo integrado e protocolado em termos multiprofissionais sobre os processos desejantes vinculados à produção dos modos de existências, pautados pelo olhar do risco de adoecer e morrer. Nesse sentido, falar do cuidado no tempo da velhice é falar do cuidado da saúde do corpo biológico. A pesquisa se deu a partir do convívio junto ao grupo Teia de Aranha formado por mulheres bordadeiras de diferentes idades e pretendeu mostrar que o não-reconhecimento da realidade abre a brecha para o real, para o encontro com o imprevisível e para as potências da vida. A partir da convivência com essas bordadeiras mostramos o exercício daquilo que buscamos constituir: a produção de um cuidado que se exerce no cotidiano mais simples e necessário e que pode desencarcerar e potencializar a vida. Nessa perspectiva são abordados aspectos e momentos desse grupo onde o reconhecimento e acolhimento das incertezas, acasos e o desejo de persistir no caminho da vida cotidiana, resulta em uma ética afirmativa na produção de bons e alegres encontros que ampliam sensibilidades, lugares e tempos. Tecemos uma teia para pensar o cuidado com a vida a partir das pistas que julgamos potentes e que surgiram nos encontros de bordado ou nos encontros festivos do grupo. Com este enfoque abordamos a leitura e o bordado como possibilidades de fugir da normalização do modo de existência na velhice. Literatura, poesia e bordado enquanto lugares do cuidado inserido num tempo-espaco povoado de intensidades. Mostramos que o corpo-fazedor dessas bordadeiras que envelhecem entre amigas está em constante processo de contaminação e transformação e que a aposta nas trocas, nas forças do agir e do pensar irão implicar em um “cuidado de si”.

Palavras-chave: Afecto; Amizade; Arte; Bordado; Corpo; Cuidado; Encontro; Leitura; Vida.

## ABSTRACT

This study seeks, upon drawing a life line between science, philosophy and art, a way for the other to exist, or a way for one who does not follow a preestablished model to, rather, create her own behaviour. It arised out of questions centering on the contemporary manner of care for life where technical education prevails and puts an emphasis on disciplines, specialities and Technologies, resulting in a practice of medicine that controls and demands the auto control of the body, centered on prescriptive care since what is of most importance is to proceed in an integrated and orderly fashion in multi-professional terms about the desired processes attached to the production of existing copying mechanisms, and guided by an eye on the risk of getting sick and dying. In this sense, addressing care of the aging is addressing care for the biological body's health. The study was made possible by the work done in conjunction with *Teia de Aranha* (Spider's Web), a multi-aged women's embroidery group, and was designed to demonstrate that the failure to recognize reality opens a pathway to that which is real, to an encounter with the unpredictable, and to life's possibilities. Based on the interaction with these embroiderers, we show the exercise of that which we seek to form: the production of care which is carried out in simple and necessary day-to-day life which can release and energize life. In this perspective aspects and moments of this group are addressed where the recognition and reception of uncertainties, coincidences, and the desire to continue on life's daily paths results in an affirmative ethic in the production of good and happy meetings which increase sensibilities, places, and times. We weave a web for thought on the care for life starting with the clues we judged to have potential and which arose in the embroidery meetings or in the group's parties. With this focus, we addressed reading and embroidering as possibilities for escape from the normalization of modes of existence among the aging. Literature, poetry and embroidery while places of care inserted into a space-time populated with intensities. We show that the body — maker of these embroidered works — which grows old among friends is in the constant process of contamination and transformation and that focus on the exchanges, the efforts to act and to think will implicate a form of care in and of itself.

Key words: Affection; Friendship; Art; Embroidery; Body; Care; Meeting; Reading; Life.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>Procedimentos metodológicos e percurso da pesquisa.....</b>	<b>17</b>
Inquietações iniciais.....	18
Linha metodológica.....	29
<b>PRIMEIRO MOVIMENTO</b>	
<b>Velhice e velhices, a vida entre as bordas do fazer e do aprender.....</b>	<b>33</b>
Estar Vivo: Vida para o seu destino ético.....	43
Potências procurando outros caminhos.....	46
Diálogo insurrecional com a vida.....	49
<i>Grande sertão: veredas</i> , um acaso e a tessitura de um mundo outro.....	53
<b>SEGUNDO MOVIMENTO</b>	
<b>Cuidado tecido nos espaços da memória e dos silêncios.....</b>	<b>69</b>
Um incômodo: o que acontece quando nada está acontecendo?.....	73
Onde estão aquelas que lêem e bordam?.....	77
<b>TERCEIRO MOVIMENTO</b>	
<b>Teia de Aranha: uma rajada de vida.....</b>	<b>85</b>
A arte, o bordado... a vida nas bordas e nas dobras.....	88
Mãos de Ariadne: um fio que se liga com outro.....	92
O que importa são os modos de viver.....	94
Trama tecida a partir do encontro com a literatura e a poesia.....	98
E os fios não cessam de se entrelaçar.....	107
<b>QUARTO MOVIMENTO</b>	
<b>Bordar: Gesto menor que possibilita o cuidar?.....</b>	<b>111</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>121</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>127</b>

## INTRODUÇÃO

O pressuposto que ainda organiza vários discursos gerontológicos é o de que nós ficaremos mais velhos, mais doentes, e gastaremos mais. Raramente discute-se essa convenção em outros termos, mesmo havendo vários autores que argumentam que há um aumento no número de velhos, mas não no número de doenças, que é mais ou menos estável. Se as condições de vida e os comportamentos forem ‘mais saudáveis’, e se aceitarmos que a morte é inevitável e que é preciso dar conforto e dignidade aos indivíduos para encará-la, essa visão apocalíptica dos custos do envelhecimento populacional se desfará. Como pontua Félix (2007):

O envelhecimento da população brasileira está relacionado a um fenômeno mundial. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), em seu último relatório técnico ‘Previsões sobre a população mundial’, elaborado pelo Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais, nos próximos 43 anos o número de pessoas com mais de 60 anos de idade será três vezes maior do que o atual. Os idosos representarão um quarto da população mundial projetada, ou seja, cerca de 2 bilhões de indivíduos (no total de 9,2 bilhões). No critério da Organização Mundial da Saúde (OMS), é considerado idoso o habitante de país em desenvolvimento com 60 anos ou mais e o habitante de país desenvolvido com ou acima de 65 anos.

Em 2050, a expectativa de vida nos países desenvolvidos será de 87,5 anos para os homens e 92,5 para as mulheres (contra 70,6 e 78,4 anos em 1998). Já nos países em desenvolvimento, será de 82 anos para homens e 86 para mulheres, ou seja, 21 anos a mais do que os 62,1 e 65,2 atuais. Este fenômeno ocorre devido à redução nas taxas de fecundidade e mortalidade.

As previsões sobre o futuro acabam por organizar o nosso presente, muitas vezes de maneira nefasta para certos grupos da população. Frente ao envelhecimento da população, emerge toda uma nova gama de dispositivos — ao mesmo tempo relações de poder e produção de verdade, aquilo que Foucault (1988, 2003, 2014c) entende pelo dito e o não-dito do poder — que atuam sobre o corpo do velho em prol das projeções e das curvas desenhadas pelos cálculos estatísticos sobre um futuro ao mesmo tempo próximo e distante; é por meio desta imagem que se constrói uma série de relações de poder no presente e que afetam os corpos e as vidas hoje. Um desses efeitos é a constituição de um novo sujeito: o sujeito-velho; ou seja, um outro equacionamento do direito e do aparato jurídico-político, em cuja criação de todo um bloco de direitos de ‘minorias’ se insere o direito do velho. O velho como cidadão de direito, ou seja, “como uma pessoa definida, registrada, vigiada, controlada, assistida — em suma,

pesada, contada e medida por um Estado-nação territorial. (...) ser (ou dever-ser) cidadão, em outras palavras, súdito de um Estado *soberano*, isto é, transcendente” (CASTRO, 2016, p. 10).

Entretanto, a constituição de um sujeito-velho não se dá somente no âmbito da captura pela lei, pelo direito e pelo Estado (transcendente), mas também na minúcia dos exercícios de poder que atravessam a sociedade e marcam os corpos. Grande parte das técnicas de poder se calca no controle da vida, próximo daquilo que Foucault (1988) denominou como biopoder; as práticas de governo se dão no âmbito do cuidado da população enquanto espécie, tratando de seus processos biológicos (taxas de natalidade e mortalidade, por exemplo), otimizando e gerindo a vida. Pode-se dizer que o poder se incumbe de fazer viver. Neste sentido, trata-se de *cuidar* da vida de toda a população a cada instante, individual e coletivamente, da vida miúda e cotidiana de um velho e da vida da população como um todo.

Emerge uma heterogeneidade de técnicas que fazem com que esse cuidado não se exerça apenas de forma vertical, do Estado para com seus súditos, tal como um pastor que cuida de seu rebanho. Trata-se, também, do exercício de cada súdito autogovernar-se e governar os demais, o que dissemina as relações de poder por toda a sociedade e garante a eficiência dessas relações. Neste contexto, algumas abordagens buscam promover o cuidado com vistas ao desenvolvimento de recursos para gerenciar doenças crônicas e/ou modificar estilos de vida, de modo a melhorar o estado de saúde e bem-estar das pessoas. Tudo isso funciona por uma racionalidade compartilhada por todos, onde o cuidado com sua própria vida confunde-se com o autogoverno, a fim de se alcançar determinado modelo de vida.

[...] hoje o eu é o corpo. A subjetividade foi reduzida ao corpo, à sua aparência, à sua imagem, à sua performance, à sua saúde, à sua longevidade [...] Agora cada um se submete voluntariamente a uma ascese, seguindo um preceito científico e estético. [...] Por um lado, trata-se de adequar o corpo às normas científicas, da saúde, longevidade, equilíbrio, por outro, trata-se de adequar o corpo às normas da cultura do espetáculo. (PELBART, 2017, p. 27-28).

Tal vida, gerida na trama das relações de poder, pode ser entendida como uma vida mínima, mantida por um fio, uma sobrevida. Entretanto, existem forças na vida que não estão contidas nos sujeitos arbitrariamente estabelecidos e nem nas delimitações jurídicas; um corpo que foge da disciplina e se abre aos *afectos* — potência de afetar e ser afetado. O enfrentamento e o combate a um corpo e uma vida formatados passam pela invenção de um modo outro de se relacionar consigo mesmo, incluindo a doença e a morte. Esse processo se dá pela experimentação de outra saúde, não aquela entendida como bem-estar, mas sim a saúde como

produção de vida; não é uma saúde de ferro, de um corpo nunca acometido pelas enfermidades da vida, mas a saúde de que goza *uma* vida artista, uma vida que se experimenta em um momento “grande demais”. Trata-se de “uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota, dando-lhe contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis” (DELEUZE, 2011, p. 14). Não se trata de ser jovem ou velho para experimentar algo grande demais, mas inventar sua existência, sem perder do horizonte uma *grande saúde*. Reconhecer que a vida é arte de viver.

Nietzsche nos propõe manter a arte de viver em primeiro plano, debruçando-nos sobre a tarefa de descobrir e inventar novas formas de vida; participar de maneira renovada na ordem do mundo, construir a própria singularidade; contribuir para que a saúde possa significar vida criativa e presença no mundo. Vida pensada, querida e desejada tal como um artista deseja e cria sua obra. Entretanto, para o autor, precisamos, ir além dos artistas, para quem essa criação “termina, normalmente, onde termina a arte e começa a vida; *nós*, no entanto, queremos ser os poetas-autores de nossas vidas, principiando pelas coisas mínimas e cotidianas” (NIETZSCHE, 2012, p. 180). Nietzsche se aproxima daquela ascese dos antigos retomada por Foucault, em seu curso *A Hermenêutica do sujeito*, como a prática do cuidado de si: “uma atitude geral, um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro. A *epimélie heautoû* (cuidado de si) é uma atitude — para consigo, para com os outros, para com o mundo” (FOUCAULT, 2010, p. 11). Um modo de estar no mundo, colocando a si mesmo como objeto de elaboração e de cuidado, dando forma ao caráter e estética à vida, fazendo da vida uma vida bela, ou, como Foucault chama, uma estética da existência.

Em primeira instância, podem parecer similares o cuidado de si grego e todo o apelo médico e científico para as pessoas se cuidarem. Porém, são imensas as diferenças entre estes dois modos de cuidado, entre estes dois ascetismos: “a bioscese é um cuidado de si, mas à diferença dos antigos, cujo cuidado de si visava a bela vida, e que Foucault chamou de estética da existência, o nosso cuidado visa o próprio corpo, sua longevidade, saúde, beleza, boa forma, felicidade científica e estética, ou o que Deleuze chamaria a gorda saúde dominante” (PELBART, 2016, p. 28).

No tempo em que vivemos, é urgente o debate acerca dos modos estabelecidos para nos relacionarmos com o mundo, com os outros e conosco (éthos). Para além de uma discussão sobre a vida na antiguidade e sobre o estatuto do cuidado necessário à população idosa, o estudo do cuidado pode abrir a possibilidade de olhar a velhice sob a perspectiva da vida. Não se trata

de buscar algo perdido, mas de nos fazer diferente daquilo que nós somos — “os novos, únicos, incomparáveis, que dão leis a si mesmos, que criam a si mesmos” (NIETZSCHE, 2012, p. 199).

Contudo, este não é *apenas* de um processo solitário ao longo de *uma* vida, mas uma questão sobretudo política, uma vez que o cuidado é fortemente associado — tanto na antiguidade grega como na modernidade — ao melhor governo do outro, ou seja, à necessidade de se elaborar ao longo da vida para ser um bom governante e cuidar bem dos outros. Trata-se, também, de pensar uma relação de cuidado para com o outro que não seja nem uma relação de governo, de si ou dos outros, e muito menos uma relação profissional na qual os cuidados são mercantilizados visando tratar os velhos doentes. Interessa-nos outra coisa, que passa *entre* as duas e nos leva para outro lugar. Algo muito mais próximo da relação entre amigos onde não se busca dominar e controlar aquele de quem cuidamos, mas elaborar uma relação de liberdade, uma associação de amigos.

Não se trata de um binarismo, muito menos de um julgamento, onde se oporiam dois modos de cuidar. A questão é todo um agenciamento no qual coexistem vetores de estratificação e formatação que controlam e limitam o acesso às potências da vida e do cuidado; mas há, também, uma série de forças presentes que cavam buracos nessas formatações, que traçam linhas de fuga, que abrem espaços no que está dado. Portanto, quais são os possíveis de serem traçados em um espaço onde as relações em torno da velhice se dão em consonância com os modelos estabelecidos pela OMS de envelhecimento ativo? E quais são as linhas ainda não amarradas, as pontas soltas, as brechas para se elaborar um modo outro de se relacionar com todas as questões e práticas de cuidado?

Na busca por novas possibilidades de envelhecimento que traduzam as potências do cuidado, faremos um experimento ético-estético que vem sendo vivido por um grupo de mulheres que se encontram semanalmente para bordar há quase 20 anos e vêm envelhecendo juntas, o Teia de Aranha. A relevância deste grupo de mulheres é questionar que mundos se tecem a cada ponto. Que pontos se tecem em cada mundo? Estas mulheres produzem novas subjetividades bordando a vida ponto a ponto, por laços e traços, unindo mãos e formando uma teia. Bordam costumes, medos, violências, dificuldades, alegrias, desejos e, assim, afirmam a vida. Nossa hipótese é a de que as relações estabelecidas nesse grupo são relações de cuidado de si e cuidado do outro em um tempo do bordar, que é um tempo próximo ao tempo de cuidar. Entretanto, a elaboração de outro modo de se relacionar não se traduz como uma solução ou um modelo a ser seguido; como formula Foucault (2010) acerca dos gregos, mais do que códigos ou respostas fáceis, são pistas de um ar ainda não respirado, um mundo ainda por vir.

Tarefa difícil, ir para um lugar desconhecido, voltar-se para si mesmo a fim de traçar a si mesmo, possibilitar novos possíveis no tempo da velhice. Essas são necessidades urgentes para nós. Assim, aproximar esse estudo da vida e da arte constitui-se, para nós, um exercício de “se colocar fora de si, fora dos clichês e dos lugares comuns, a fim de não morrer do tédio de si, da esclerose da língua e do horror aos valores predominantes do mundo. A arte é uma invenção de novos possíveis” (TÓTORA, 2015, p. 205).

Realizar uma cartografia das forças e relações de poder que atuam sobre o corpo do velho — formatado enquanto sujeito-velho —, a fim de apreender suas especificidades em relação a outros dispositivos de poder e os novos equacionamentos no âmbito do direito, situando as relações de cuidado, em especial o cuidado voltado para os velhos, é nosso objetivo mais geral. Frente a ele, uma pergunta se coloca: como pensar o cuidado hoje? E um novo objetivo, mais específico, surge: existem fissuras para a vivência de novas relações de cuidado — fora das formatações existentes em nossa sociedade? Qual cuidado é esse que pode potencializar a vida?

### **Procedimentos metodológicos e percurso da pesquisa**

Quando elaborei o projeto de pesquisa pensava em trabalhar com o grupo Teia de Aranha e em paralelo pretendia oferecer oficinas para um grupo de idosos no Centro de Convivência do Idoso do CRI Norte – Centro de Referência do Idoso da Zona Norte de São Paulo, onde as propostas de atividades são embasadas no conceito de ‘Envelhecimento Ativo’: “processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida À medida que as pessoas ficam mais velhas” (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005, p. 13). Com o início do projeto e com minha aproximação do grupo Teia de Aranha, surgiram outras percepções, questionamentos e sentimentos em relação ao trabalho de pesquisa. Entendi que promover uma programação diversificada de oficinas e atividades planejadas que estimulasse o conhecimento, a independência e a autonomia dos idosos frequentadores, contemplando os pilares determinantes do Programa de Envelhecimento Ativo da Organização Mundial da Saúde (OMS) — cultura e gênero/ saúde e serviço social/ fatores comportamentais/ aspectos sociais/ ambiente físico e social/ fatores econômicos (IBIDEM, p. 19-32) —, já não fazia mais sentido. Desta forma, decidi suspender as atividades com os grupos do CRI-Norte, entendendo que não haveria nenhum prejuízo para o problema da minha pesquisa. Ademais, já havia realizado percursos com estes grupos em outro momento da minha atividade profissional. Também as entrevistas com profissionais da área foram canceladas. Mantive apenas a participação semanal no Teia de Aranha, com a

proposta de estabelecer conversas ao longo dos encontros de bordado, evitando o formato de entrevistas fechadas.

Teia de Aranha é um grupo de bordados criado por mulheres com diferentes idades que se reúnem semanalmente, desde 2001. Elas bordam a partir da leitura de obras literárias (de autores como Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Mia Couto, Euclides da Cunha) e também a partir das contingências da vida, tais como aniversários, nascimentos, mortes, etc. Mulheres que bordam pelo prazer do tecer os fios das linhas e os fios da vida. Elas não determinam tempo para acabar, não aceitam encomendas e não vendem seus bordados. A proposta do grupo é apenas fazer com que seus bordados dialoguem com outras linguagens artísticas e, portanto, os trabalhos são disponibilizados para exposições culturais, teatros, shows, saraus. Estão sempre habitando territórios de intercessão e fronteira: tecem um envelhecer compartilhado e um envelhecer entre amigas. Um envelhecer povoado de literatura, panos, linhas e agulhas.

### ***Inquietações iniciais***

Minha inserção no grupo se deu de forma muito cuidadosa. O meu contato inicial foi com uma das bordadeiras, a Rioco, que acolheu minha pesquisa desde nossa primeira conversa. Ela levou a minha proposta ao grupo, que decidiu permitir a realização da pesquisa junto ao Teia de Aranha. Marcamos uma data para que eu apresentasse pessoalmente a proposta, quando fui muito bem acolhida por todas; no final deste encontro, disseram formalmente que eu poderia iniciar o trabalho junto ao grupo.

Os encontros para bordar acontecem semanalmente, toda terça-feira, das 20h às 22h, na casa de Maria Alice, que é casada com Fernando, tem duas filhas adolescentes, Gabriela e Graziela, uma cachorrinha chamada Ginja, e conta com a ajuda da Val, a secretária do lar que faz quitutes deliciosos para lancharmos, mas que vai embora no final da tarde, antes da nossa chegada. Existe uma dinâmica familiar que nunca é suspensa nas noites dos encontros: Maria Alice e Fernando chegam do trabalho pouco antes das 20h, as meninas estão em casa e, enquanto vamos chegando e nos instalando na sala de visitas, a família está reunida na cozinha para o jantar. O encontro do bordado acontece ao mesmo tempo que as atividades da rotina da casa. As bordadeiras chegam, instalam-se e começam a bordar. Nada parece ser modificado na dinâmica da família: as conversas na mesa do jantar, as eventuais “broncas” nas meninas, a arrumação da cozinha, a organização das compras possivelmente realizadas, os telefonemas, entre outros eventos do cotidiano de uma família. O bordado estabelece outro território que convive paralela e harmoniosamente com o território familiar. Isso se repete a cada semana, como um ritual. Adentrar essa rotina mobilizou em mim várias inquietações. Percebia o quanto

as relações dessas mulheres são intensas e como a dinâmica criada por elas é singular. Isso me fazia sentir, caso adotasse a postura de uma pesquisadora na condição de observadora, uma intrusa. Meu receio era de ser invasiva, e não me sentia confortável em compartilhar momentos de tanta intimidade do grupo e também dessa família. Passei a pensar muito como seria seguir com essa metodologia. As conversas com a minha orientadora, as trocas com os colegas de orientação, as leituras sugeridas sobre a metodologia me ajudaram a pensar essas inquietações e, assim, o percurso metodológico foi sendo traçado, elaborado e revisto ao longo da pesquisa.

Traçar percursos metodológicos segundo exigências do problema significa, portanto, a invenção de procedimentos que permitam um movimento e considerem a amplitude do problema traçado. Não se trata, pois, de um método a ser universalizado, e sim um percurso mutável. Construir o percurso e evitar as generalidades foi um desafio que tornou essa pesquisa apaixonante. E, mais ainda, uma atitude metodológica que permite a abertura para uma ética de ultrapassagem de nós mesmos, segundo nos sugere Foucault (2014a).

Tal procedimento nos conduz a uma quebra na identidade de pesquisador distanciado do objeto de pesquisa, abrindo para um processo de produção de nós mesmos na relação com os outros. Tornamo-nos diferentes de nós mesmos. Uma subjetividade outra se produz nessa mistura que é da ordem do devir, e não da busca por afinidades.

Como me inserir no grupo sem ser invasiva? Como garantir a aceitação? Como me comportar? Como evitar que o pertencimento e a aceitação, que são constitutivos de nossa sociabilidade primordial, passem a ser recompensa por “bom comportamento”? Como experimentar a serenidade com respeito ao futuro, mesmo sem conhecê-lo? Será que os registros serão fieis aos encontros? Como é possível ter um encontro alegre com a incerteza e fazer dela palco de improviso e criação? Como criar e habitar um campo seguro em que a confiança não se confunda com a necessidade de garantias? Como pisar um chão firme sem que ele se erga em paredes? Como não fazer do medo um aborto constante de devires?

Foi partindo dessas inquietações e incômodos que a linha metodológica da pesquisa foi sendo construída. Assim, após os três primeiros meses ficou claro que a pesquisa se daria a partir da minha própria experimentação enquanto bordadeira. Não era apenas observar, conversar ou aprender alguns pontos de bordado. Era realmente ter uma proposta de bordado e também participar das atividades para além dos encontros semanais juntamente com essas bordadeiras.

Decidi mergulhar nesse universo, e pouco a pouco fui me transformando em uma bordadeira e membro do próprio grupo, ou seja, quem sabe, em uma *aranha bordadeira*. Esse processo aconteceu espontaneamente e de forma muito acolhedora. O respeito pelos tempos

individuais é algo maravilhoso que acontece entre as bordadeiras, e que também se deu em relação a mim. Em outubro de 2017, Rioco e Beth programaram uma viagem para Morro da Garça<sup>1</sup> — cidade que faz parte do circuito Guimarães Rosa — para participarem do XXV Encontro de Arte e Cultura ao pé da “Pirâmide do Sertão”<sup>2</sup>, que teve como tema: *O sertão homenageia Marily*, e onde aconteceu também a I Mostra Mutum de Cinema: *10 anos de “Mutum”*<sup>3</sup>. Fui convidada por Rioco e consegui realizar a viagem, o que me fez adentrar no universo de Guimarães Rosa. Conheci Cordisburgo, cidade natal do escritor, e também a cidade de Curvelo.

Passsei então a seguir os mesmos passos desse grupo que me ensinou que um bordado começa com um projeto. Assim, a partir das conversas, das imagens absorvidas durante os encontros semanais e a viagem, das sensações geradas no meu corpo, criei o meu primeiro projeto de bordado: um painel com o percurso profissional que me levou para o Mestrado em Gerontologia, ou seja, bordar o meu memorial. Durante os encontros, elas bordavam os painéis da obra *Os sertões* e eu bordava o meu memorial.

Escrever um memorial é transitar por um território conhecido, o da escrita. Já bordar me lançou para um novo território. Assim, bordar o memorial foi adentrar um tempo-espço a inventar. O espaço da dobra lembrar-bordar; o espaço da arte não como entretenimento, mas como pensamento e experimentação.

A etapa de riscar é a primeira fase da preparação de todo trabalho do bordado. Mas *antes de riscar, temos que imaginar, com isso desenhar e só então riscar*, ou seja, transferir o molde do bordado para o tecido. Usualmente são utilizados desenhos em papel, papel vegetal ou papel para pão, que são transferidos para o tecido usando lápis grafite. Então, fiz meu risco em papel craft e transferi esse risco para o tecido.

---

<sup>1</sup> Cf. Vídeos produzidos pelo Colégio São domingos e que mostram as peculiaridades da cidade e de seus moradores: <https://www.youtube.com/watch?v=72O7SnnWN6o> e <https://www.youtube.com/watch?v=CleDFvWmR3Q> (Acesso em 10 mar. 2018). Cf. também o documentário: “Conto o que vi, o que não vi não conto” produzido por Ziani em 2012.

<sup>2</sup> Cf. <https://www.cordisnoticias.com.br/2017/01/xxiv-encontro-de-arte-e-cultura-ao-pe.html> (Acesso em: 20 jan. 2018).

<sup>3</sup> Cf. <http://arquivo.cinemaemcena.com.br/plus/modulos/noticias/ler.php?cdnoticia=722&cdcategoria=7> (Acesso em: 20 jan. 2018).

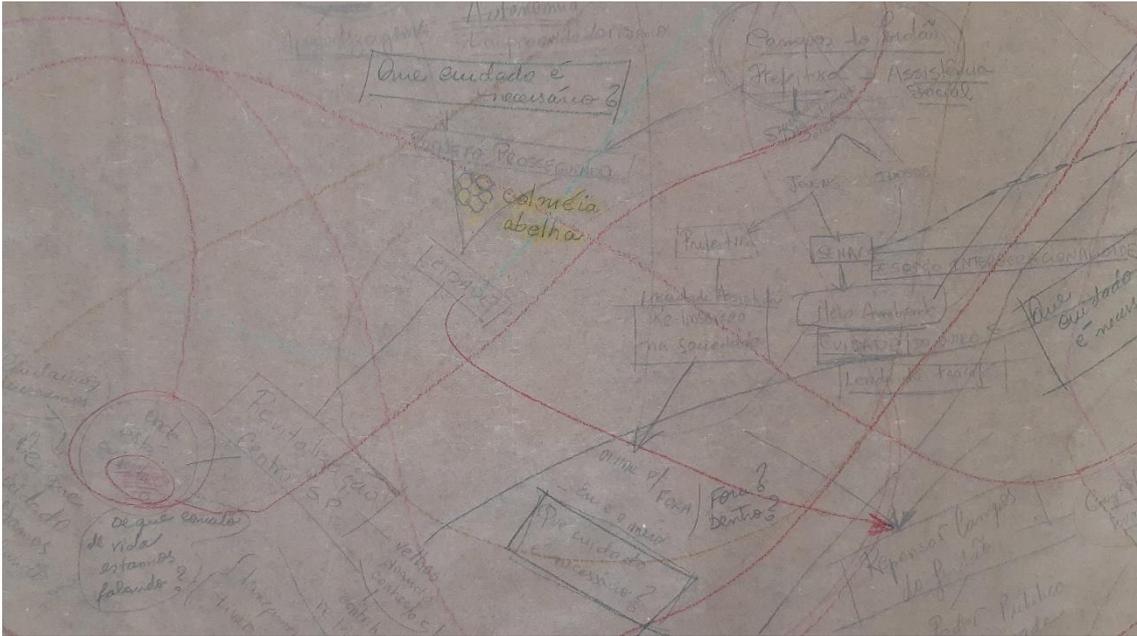


Foto da autora.

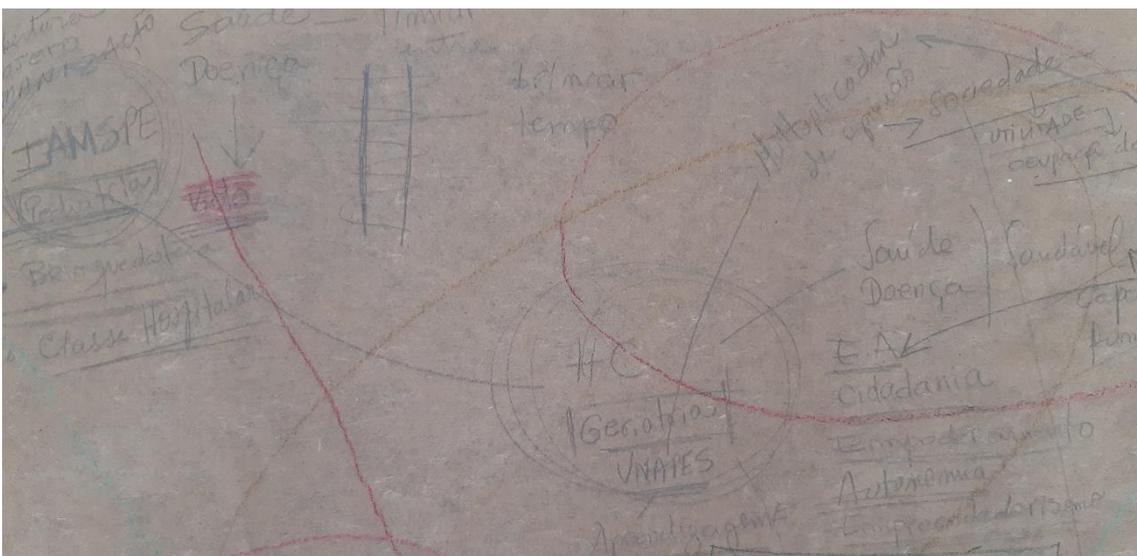


Foto da autora.

Em seguida passei a separar linhas e agulhas para começar a *espetar*, *contornar*, *alinhar* percursos e indagações estabelecendo os percursos, os *preenchimentos* e *arremates* através dos fios de linhas e dos pontos do bordado. Passei a bordar e a cada instante, *mirar*, *admirar*, *apreciar* não só o bordado, mas a minha trajetória. Agenciar o bordado com a narrativa de experiências vividas. Fazer uma retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes através da experiência de bordar e adentrar, assim, outro tempo: o do ainda não vivido, mas já presente no bordar.

Assim fui percebendo que a feitura do bordado, além de requerer muitas *artimanhas*, é um momento em que se pode ser dono de seu tempo, abrindo-se como um hiato entre as tarefas

e responsabilidades impostas pelas forças externas de uma sociedade capitalista que visa produtividade. Bordar é ter um tempo para si; é adentrar repositórios de uma memória ancestral; é materializar experiências. *Bordar é combinar imaginação, razão e emoção.* Bordar o memorial constituiu para mim uma experiência de fazer-manual criativo que me convidou a exercitar filosoficamente o próprio pensar-fazer, criando um território que é também [des]território, pois desloca, desacostuma, desequilibra o fazer acadêmico.

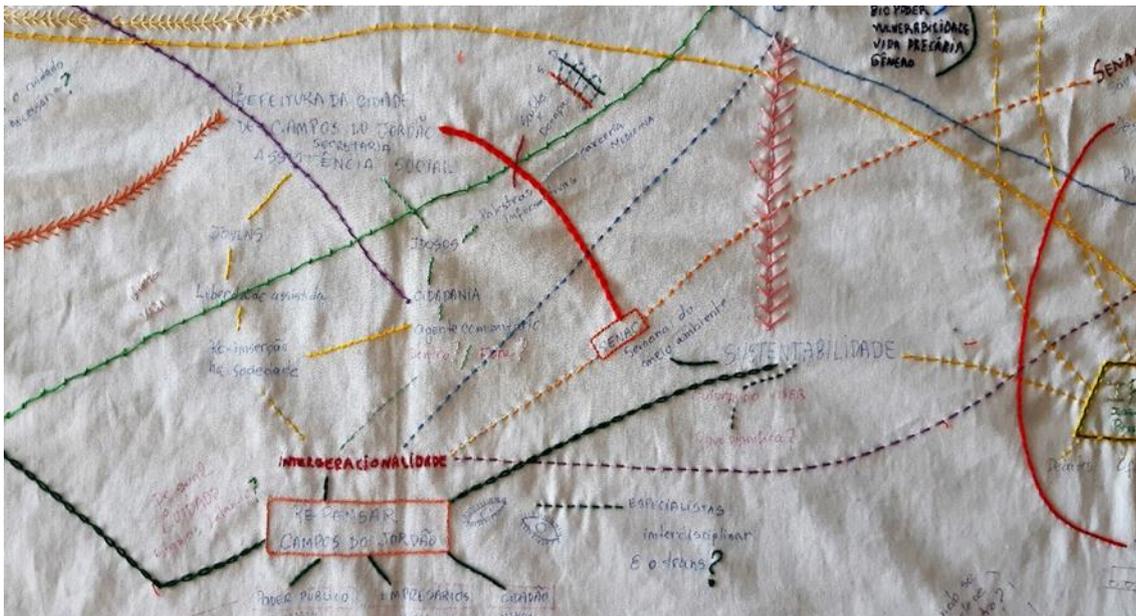


Foto da autora.



Foto da autora.

O início de 2018 foi atravessado por outro projeto: bordar uma colcha para o futuro neto de Cristina, o Raul. Os netos das bordadeiras são presenteados com uma colcha de retalhos bordados, cujo tema é decidido pela avó juntamente com o grupo. O nascimento de Raul estava previsto para a segunda quinzena de junho, e o tema escolhido para o bordado da colcha foi a festa de São João. Para minha alegria, fui convidada por Cristina para bordar um dos quadradinhos que ela preparou. Existe um ritual que envolve o processo: a avó compra o tecido, corta os quadradinhos e os distribui entre as bordadeiras. Neste dia da entrega, fizemos uma pesquisa em livros de festas folclóricas para buscar imagens. Algumas já tinham em mente o desenho para bordar e eu, com a ajuda do grupo, escolhi bordar a dança do pau de fitas. Com este acontecimento, senti que meu vínculo com o grupo foi fortalecido.

Assim, após a viagem para o Morro da Garça e após o bordado da colcha do Raul, minha existência enquanto “pesquisadora-bordadeira” ganhou mais realidade.

## Colcha de Raul



Fotos da autora.

## Cartão de aniversário<sup>4</sup>



Foto da autora.

---

<sup>4</sup> Este foi o meu segundo bordado, feito para presentear a Rioco em seu aniversário, em abril de 2018.

## Cordisburgo – Museu Casa Guimarães Rosa



Foto da autora.



Foto da autora.



Fotos da autora.



## Morro da Garça



Foto da autora.

## Casa de Cultura do Sertão, Morro da Garça - MG



Fotos da autora.



Foto da autora.

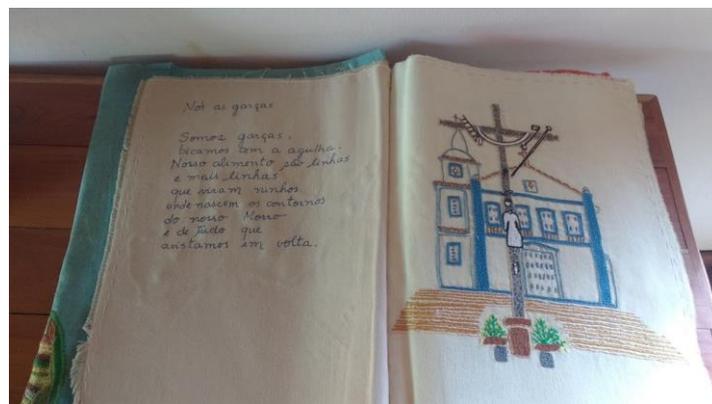
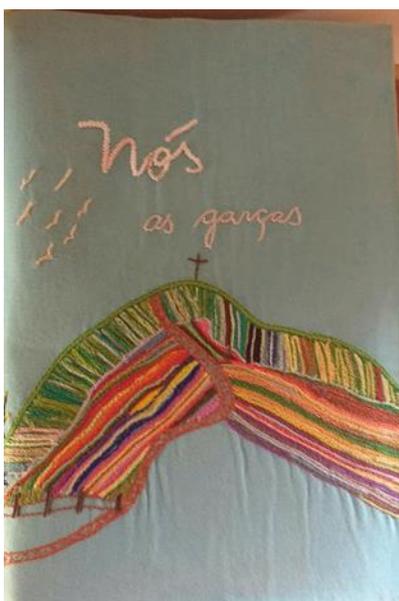


Fotos da autora.





Fotos da autora.



Fotos da autora.

### ***Linha metodológica***

Como pensar a linha metodológica com o intuito de dar visibilidade aos campos intensivos criados nos encontros do grupo de bordado como modos de produção de outras estratégias de vida, presença e cuidado? Nossa opção foi dar ênfase ao procedimento cartográfico. Segundo Kastrup (in PASSOS, 2009), a cartografia é proposta por Gilles Deleuze e Félix Guatarri para o estudo da dimensão processual da subjetividade e de seu processo de produção, que requer primordialmente a habitação do território investigativo e a implicação do pesquisador no trabalho de campo.

Pode-se afirmar que o procedimento da cartografia tem como objetivo acompanhar processos, cunhando matérias de expressão e criação de sentidos, sem premissas de definir um conjunto de regras abstratas acerca dos procedimentos a serem empregados como um método ou caminho já percorrido e visando a um fim já previsto. Ao contrário, trata-se sempre de um certo habitar de um campo de pesquisa para, com ele, dar forma àquilo que se apresenta enquanto traços de um território intensivo. Nesse nosso percurso, o que está em jogo são práticas que permitam inventar modos de dar contorno às atualizações vividas em um experienciar-se com um grupo de bordado.

Assim, nessa experiência, pode-se dizer que a pesquisa só pode ocorrer no tempo da própria imersão no processo proposto: a investigação das fronteiras<sup>5</sup> dos corpos em criação, como impulso à invenção de formas de expressão para aquilo que o corpo escuta da realidade enquanto campo de forças (ROLNIK, 2011), considerando as formas esboçadas como “secreções” (ROLNIK, 2005) que trazem à tona os territórios intensivos criados. Desenhando os acontecimentos do grupo de bordado, intentamos apreender como se dá a experimentação do próprio bordado: lançar-se nos limites do corpo, dos panos e das linhas, tateando fluxos e territórios no campo das sensações.

Relatos dos caminhos trilhados pelo grupo nas ações de bordar serão utilizados como narrativas compostas pelas diversas vozes que experimentam a participação nesta prática em diferentes recortes de tempo. Aqui, as bordadeiras falam a partir de um só lugar: o campo de afetações produzido na dinâmica dos encontros entre seus corpos, suas memórias, a literatura, seus panos, suas agulhas e suas linhas.

---

<sup>5</sup> Sobre esta noção, Ferracini (2014) afirma que “fronteira não é linha. Nem demarcação meramente espacial ou temporal entre dois pontos ou territórios. Não é uma marca de delimitação. Em realidade é também... mas não é, absolutamente, esse o sentido comum-senso-comum-que interessa. Espaço-entre, in-between, MA (TADASHI ENDO), Entre-mundo (BHABHA), Indiscernibilidade (DELEUZE), esses são os outros nomes de fronteira que interessam, pois eles não são apenas nomes, mas estados-de-vida-em-aberto-e-em-potência. Um espaço, um território de fronteira, é, por excelência, um território de devir”.

Desta forma, as narrativas utilizadas para esboçar esse processo surgirão a partir de relatos, imagens, sensações, pensamentos, sentidos e percepções suscitados ao longo do fazer-bordar e que, desde esta prática, compõem cada corpo-memória. São histórias, cenas, imagens, sensações, *flashes* que, quando forem retomados, atualizarão forças na memória-corpo ou descreverão memórias-experiências.

Aqui, baseados nas ideias de Bergson visitadas por Deleuze (2012), entendemos memória não mais como acúmulo de lembranças, mas como processo em recriação infinita; assim, não tratamos de memórias como passado acumulado, mas como atualização de virtualidades, em que passado e presente se [co]acumulam em reconfigurações contínuas, ou seja, recriam-se continuamente a cada atualização, a cada encontro, a cada afeto, constituindo o corpo do presente. Cumpre-se, pois, arrancar de cada relato pessoal fluxos de intensidades, afetos, forças, territórios de potência.

Neste ponto, apoiados pela concepção de Espinosa de potência como algo que se estabelece no aumento ou diminuição de intensidade na relação entre corpos (DELEUZE, 2002), o que consideramos potência pode ser também entendido como estratégia de produção de comum (PELBART, 2015), posto que o comum deve ser gestado no ato de **[c]o[m]posição** e encontros intra/entre corpos. Dessa forma, cada encontro traz a possibilidade de criação e invenção de outros mundos. Dar visibilidade a esse plano significa promover estratégias de produção de saúde, outros mundos de ação de saúde e cuidado, como produção de encontros que aumentam nossa potência de agir ou força de existir, que ampliam e produzem vida no sentido intensivo, como forma de vida. Vida como criação e **[c]o[m]posição**.

Lançamo-nos, então, à experiência da pesquisa, buscando entender os movimentos do território intensivo em que esta se implica, sem a preocupação de explicar ou revelar verdades. A preocupação é, sobretudo, sustentar uma ética da pesquisa como quem sustenta a vida em seu movimento de expansão (ROLNIK, 2011). Assim, o objetivo deste decantar das experiências foi tecer enlaces, conexões e gerar territórios de experimentação que permitam a construção de um conhecimento que se faça nos corpos, com corpos e como criação de corpos. Experimentação singular, baseada na ideia de sujeito que se constrói, que é modificável e que se relaciona a partir da ação ética no mundo como elaboração de uma estética da existência. Trabalho que se enreda como costura das muitas teias de afetos que envolvem tanto um ‘memorar-corpo’ quanto um ‘bordar-cuidar’.

Ao sugerir uma interferência entre bordado e cuidado como potência para a criação de outros estados composicionais, buscaremos criar fluxos móveis, flexíveis, perturbadores e instáveis. Fluxos mutantes em novas contorções criativas a cada cristalização e a cada ruptura,

sem expectativas de construção de uma *forma* ou *modelo* para produzir um corpo aberto ou um tipo de cuidado ideal, mas como estados criativos suscitados em uma prática híbrida. Trata-se de um encontro **[entre]**.

Buscamos a afirmação de diferenças, uma **[c]o[m]posição** entre os modos de diferenciar-se em ato. Estabelecemos contato com o outro para ir além de nós mesmos e do outro, numa produção de devires. Nesse processo de tornar-se outro, em sua geração de campos de tensão e de circulação de fluxos, permitiu-se ao cuidado inscrever-se no campo do bordado e ao bordado inscrever-se no campo do cuidado, pois tratou-se, aqui, de uma mesma coisa, da articulação do bordado com o cuidado e a vida, inseparáveis do processo de pesquisa: a criação de acontecimentos que coloquem afetos em movimento nos corpos.

Intensificação de si, inquietude de si, atravessamento de diferenças, invenção de si, provocação, turbulência, **[c]o[m]posição**, **[de]composição** — são nomes possíveis para estes estados experimentados. Territórios em construção em um trajeto de trocas intensivas em que se pretende traçar um mapa de possibilidades de cuidado, uma zona de contágio em constante mutação.

Buscou-se uma desterritorialização dos modos de acomodar saberes pautados nas técnicas e em modelos ideais de ser/estar, quer seja nas relações de cuidado, quer seja nas relações de um grupo de bordadeiras. Para Deleuze e Guattari (2012), traça-se uma linha de fuga quando se faz uma ruptura, mas nela se pode encontrar elementos que reordenam o conjunto e reconstituem o território. Assim, situamos bordado e cuidado como dispositivos de agenciamentos de multiplicidades, meios para criar e viver o mundo. Criação a partir dos confrontos com os limites da vida. Artes de inventar a si e o vivido.

Desse ponto de indiscernibilidade entre campos de experimentação e prática é que rastreamos os efeitos de um processo. É a partir deste contágio que nos colocamos à espreita do que pode surgir como “secreções” (ROLNIK, 2005) da experiência grupo de bordado e da experiência de pesquisa. Deixar delirarem-se as coisas e os modos; subverter regimes de signos e valores existentes acerca do cuidado. Habitar a fronteira e caminhar pelo meio nos destitui do lugar de um sujeito do conhecimento. Desandar. Desviar. Investir na deriva e deixar-se ir.



## PRIMEIRO MOVIMENTO

### Velhice e velhices, a vida entre as bordas do saber e do aprender

Viver a vida — de modo largo e breve, estreito e breve, largo e longo, estreito e longo... há de tudo. Mas esse estreito ou esse largo é estreito ou largo enquanto se vive; a vida é reafirmada porque o estreito é estreito, o largo é largo. E quer a vida seja estreita, quer larga, o quanto vocês a valorizam ao viver? Mesmo que seja um elo dos mais tênues — não, isso não tem nada a ver com elo, acho que não é isso. Por mais tênue que seja o elo, por mais forte que seja a cisão, eles têm que ter vida. O que importa não é simplesmente expressar de modo estreito ou largo, e sim a relação que se estabelece com a energia, através dos movimentos — é isso que armazena a força que palpita em seu interior. Vida estreita, vida larga. Quer seja a ponta de sua unha, seu dedo mindinho — o que quer que seja, que seja a cada instante.(OHNO, 2016, p. 50).

Vemos que os saberes constitutivos da gerontologia não estão dissociados do controle e do governo do corpo, isto é, da vida. Configura-se, desse modo, um dispositivo biopolítico em torno do corpo do velho, produzindo uma identidade da velhice, uma formatação, que nasce do encontro entre saber e poder. O saber, isto é, os enunciados e regimes de veridicção do dispositivo gerontológico não têm nada de pensamento. Precisamos atentar que, de acordo com a filosofia de Gilles Deleuze (2000), o pensamento é inimigo do bom senso e do senso comum (da doxa); é o pensamento dobrado: pensamento que não mais está no desenrolar, no encadear, na subsunção representativa, na determinação ou na convocação dos fins. Os enunciados produzidos pelos *experts* em envelhecimento, não só médicos, circulam pela sociedade e se transformam numa espécie de imperativo que faz com que todos repitam em consonância os mesmos enunciados e, também, acabem por controlar as suas próprias condutas e dos demais em prol de uma vida saudável, para se alcançar a longevidade.

[...] única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, os descaminhos daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. (FOUCAULT, 2014a, p. 13).

Desse modo, a filosofia se apresenta como atitude, o desafio do viver afirmativo encontra-se na coragem desse embate nas tramas de saber-poder que nos sujeitam. Essa invenção de exterioridade do pensar como ato político, esse estranhamento de si e das coisas do mundo e, em última instância, da própria linguagem que produz e territorializa esse mundo, parecem ser condição que intensifica esse pensamento não reflexivo — pensamento do não pensado.

Por isso a questão do pensamento é da ordem ético-política, na medida em que implica nossas relações com o mundo e com nós mesmos. Foucault nos provoca: trata-se de um exercício filosófico — “saber em que medida o trabalho de pensar sua própria história pode liberar o pensamento daquilo que ele pensa silenciosamente, e permitir-lhe pensar diferentemente” (FOUCAULT, 2014a, p. 14). E, ao mesmo tempo, convoca-nos: “somos prisioneiros de algumas concepções de nós mesmos e de nossa conduta. Devemos libertar nossa subjetividade, nossa relação a nós mesmos” (FOUCAULT, 2003, p. 318). É o contato visceral com a atualidade que nos obrigaria, ético-politicamente, a um trabalho do pensamento sobre o próprio pensamento. Por não se realizar na impunidade da cultura, o ato de pensar remete à atitude política de resistência. Ao comentar o estatuto do pensamento na obra foucaultiana, Gilles Deleuze afirma:

No momento em que alguém dá um passo fora do que já foi pensado, quando se aventura para fora do reconhecível e do tranquilizador, quando precisa inventar novos conceitos para terras desconhecidas, caem os métodos e as morais, e pensar torna-se, como diz Foucault, um “ato arriscado”, uma violência que se exerce primeiro sobre si mesmo. (DELEUZE, 2013, p. 132).

Lançar-se a esse *fora* do pensamento, a essa experiência de exterioridade que se afirma de modo irreduzível, transtornando a endogenia do sujeito e do conhecimento, parece engendrar a própria experiência de resistência. O pensamento “é, em si mesmo, uma ação — um ato perigoso” (FOUCAULT, 1999b, p. 453). No limite, tal experiência coloca em risco aquilo que nos torna familiar e estranhos a nós mesmos: a própria linguagem. O pensamento como experiência de resistência instaura necessariamente um plano de criação. Tal ato se faz como uma espécie de “dobra” do pensamento, na qual é a própria linguagem que se encontra *sub judice*, exausta diante dos rebatimentos infinitos dos atos de reflexão — esse jogo especular das representações e seus avessos.

Nesse sentido, podemos dizer que há um saber relacionado à velhice, ou seja, um modelo, uma identidade maior, uma espécie de ideal que deve ser buscado por todos. Um saber que, como foi dito, está entranhado nos enunciados e nas práticas de poder que sujeitam o corpo do velho, mas também de toda uma sociedade. Entretanto, há um *pensar* sobre a velhice, que é totalmente diferente do saber, pois este não se dá em relação a modelos pré-estabelecidos, mas nas singularidades do envelhecer. Colocando-se contra o bom senso e o senso comum do pensamento sobre a velhice, um pensamento que viola ele mesmo e permite que pensemos o impensável. Não é uma tarefa fácil, no entanto; é preciso *aprender a pensar*.

Na verdade, a Ideia não é o elemento do saber, mas de um infinito que, por natureza, difere do saber, pois aprender evolui inteiramente na compreensão dos problemas enquanto tais, na apreensão e condensação das singularidades, na composição dos corpos e acontecimentos ideais. Aprender a nadar, aprender uma língua estrangeira, significa compor os pontos singulares do seu próprio corpo ou da sua própria língua com os de uma outra figura, de um outro elemento que desmembra, que nos leva a penetrar num mundo de problemas até então desconhecidos, inauditos. (DELEUZE, 2000, p. 317).

Portanto, saímos da esfera da velhice como uniformidade para adentrar à questão das muitas velhices possíveis e que desafiam o encarceramento da vida. E, assim, o desafio é aprender a viver uma vida que desafia o viver. O que parece não ter sentido e que é equivalente ao embate entre o pensar e o bom senso. Se o mais verdadeiro pensar é ridicularizado pelo senso comum, o mais verdadeiro viver, que não cabe nas medidas da vida formatada, vai ser logo denunciado como loucura ou demência. Entretanto, se estamos em favor da vida não devemos julgar ou tentar [re]enquadrar em categorias essa existência que por si só é desmedida. A questão que passa a importar é: como desencarcerar a vida que está sufocada nas formas do presente?

Para possibilitar essa experiência é preciso operar um desvio de nossa atenção, não mais para as luzes, mas para o obscuro do tempo. Aprender a aderir e a tomar distância ao mesmo tempo é o que sugere o filósofo Giorgio Agamben (2014) quando se refere ao contemporâneo:

Pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua ínfima obscuridade. Por que conseguir perceber as trevas que provêm da época deveria nos interessar? Não é talvez o escuro uma experiência anônima e, por definição, impenetrável, algo que não está direcionado para nós e não pode, por isso, nos dizer respeito? Ao contrário, o

contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo. (AGAMBEN, 2014, p. 26).

Devemos nos dispor a perceber não somente as luzes, que são tão evidentes, mas também o escuro que faz parte delas, e não identificamos de imediato. Se a escuridão faz parte, pertence à luz, para reconhecê-la precisamos desenvolver a habilidade particular de impedir que o que está na luz nos distraia da necessidade de buscar o que não está nela aparente. Sobretudo com relação ao envelhecimento e à velhice, esta é a tarefa que se impõe: aprender a ver o que já está naquilo que dele se fala, mas ainda no escuro dessa fala. Assim, os pilotos automáticos de certos discursos poderão ser desativados. Alguns discursos se dizem e passam com o ato que os pronunciou, e outros são retomados constantemente. Mas pode-se forçá-los a tomar posição em questões sobre as quais estavam desatentos. Ver aquilo que ninguém viu muda tudo em uma vida.

Nesta época de enfraquecimento da vida, não envelhecemos mais: apostamos na preservação de uma saúde feita de privações e disciplinas aprisionantes. Mas por que se deseja viver muito? “Sabes o que torna os homens ávidos do futuro? O fato de nenhum conseguir realizar-se” (SÊNECA, 2014, p.121).

Nossos corpos não vibram, estão silenciados, adestrados para serem belos e jovens a qualquer custo. Corpos blindados e docilizados. Quais as possibilidades de resistência dos corpos indiferentes, dos corpos da vida de rebanho? Qual o cuidado que potencializa a vida? Como deixar que outras forças do mundo nos atravessem? Como aguentar as intensidades da vida, vibrar com elas, deixar-se levar, dar lugar às experimentações sem se aniquilar, sem produzir um corpo para a morte? Como manter a alegria?

É preciso um distanciamento e um estranhamento para poder sair do domínio do poder e de seus dispositivos. É preciso ser contemporâneo, no sentido que nos sugere Agamben. Exercer o pensar, ousar pensar; e, como já vimos, pensar nunca é reafirmar aquilo que está posto: o pensamento implica um ato de violência, é necessária sempre certa dose de crueldade do pensamento para aquilo que já foi pensado. Em outras palavras, pensar é sempre trair o próprio pensamento. Ousar perguntar pelo arranjo de tudo, por Deus e pelos homens,

como Estamira<sup>6</sup> no meio do lixo. Embora espoliada, ela se ergue contra a estupidez e o cinismo de nossa sociedade.

A vida de Estamira nos põe diante da ‘experiência limite’, ou seja, aquela que se lança para a vida, despojando-se do modelo bem sucedido de identidade. [...] percurso singular de vida, aquele que extrai das adversidades uma força vital que nos faz persistir na existência, e mais, que a busca da longevidade não seja apenas prolongar o tempo de vida. [...] Estamira é pobre, sim, mas não é infeliz, aprendeu a digerir o sofrimento como se digere os alimentos, não os transforma em marcas de ressentimento contra a vida. [...] Faz dos restos, do lixo, dos destroços de uma sociedade de descarte o ‘melhor lugar para viver’. (TÓTORA, 2012, p. 308).

Afirmar a vida com leveza, em tudo aquilo que a compõem, que faz corpo, com a dor e com a velhice: Estamira enquanto atitude diante da vida. Atitude intempestiva, indissociável de uma cólera contra a época. A cada instante, singularmente, compor ou recompor um universo, configurar e descrever configurações. Assim, atravessar o caos: não explicá-lo ou interpretá-lo, mas atravessá-lo, por todos os lados, em uma travessia que ordena planos, paisagens, marcas, mas que deixa atrás de si o caos se fechar como o mar sobre o sulco. Resistir — acreditar no mundo. Contribuir, colocando-nos em jogo, “para que ‘a política que vem’, ‘o homem que vem’ estejam mais perto como potência de vida, potência de ser e não-ser” (ASSMANN, 2007, p. 14).

Problematizar os dispositivos de controle das relações de poder na sociedade capitalista é um percurso necessário para situar o cuidado como invenção de resistências a esses dispositivos e tecnologias de poder. É preciso refazer percursos, pensar e criar. Ter aliados, procurar coletivos mesmo que moleculares, vontades potentes, migrar, do lugar daqueles que possuem o saber e “tratam as pessoas” prescritivamente, para um outro lugar. Um lugar de produção de conversa, de escuta e de fazer junto que nos ensina sobre os desequilíbrios, os riscos, as incertezas, os desconfortos, como espaços e afetos potentes para ressignificar as relações consigo mesmo e com os outros. É preciso buscar novas possibilidades de vida.

---

<sup>6</sup> Estamira Gomes de Sousa é uma mulher de 63 anos personagem-título do documentário brasileiro dirigido por Marcos Prado e produzido por José Padilha em 2006. Senhora com distúrbios mentais, que vive de um lixão na Grande Rio (Duque de Caxias, especificamente), Estamira, em seus acessos nervosos, vocifera contra Deus, contra a alienação dos seres humanos pela religião e pelos remédios (“dopantes”), contra uma suposta sociedade de controle, estruturada para calar a voz e os pensamentos dos rebeldes (ela). Em sua retórica irada e em suas manifestações alucinadas, Estamira, sempre dizendo-se a reveladora da verdade, demiurga consciente de seu grau de perturbação, revela aguda coerência em suas análises intensas. Disponível em <http://www.revistacinetica.com.br/estamira.htm> (Acesso em: 13 dez. 2018). Cf. Também “Estamira: fragmentos de um mundo em abismo”, publicado pela editora n-1 (2013) com fragmentos dos textos e fotos do filme.

Quando conheci o grupo Teia de Aranha, reconheci em suas práticas o exercício daquilo que busco constituir: a produção de um cuidado que se exerce no cotidiano mais simples e necessário e que pode potencializar a vida. Os encontros entre a literatura e os corpos-fazedores das bordadeiras movimentam e incitam o trabalho expressivo, abrindo diferentes canais perceptivos que ampliam sensibilidades, lugares e tempos. No grupo, ao apostar nas trocas, nas forças do agir e do pensar coletivamente, possibilitam, promovem e exercitam o “cuidado de si” (FOUCAULT, 2014b).

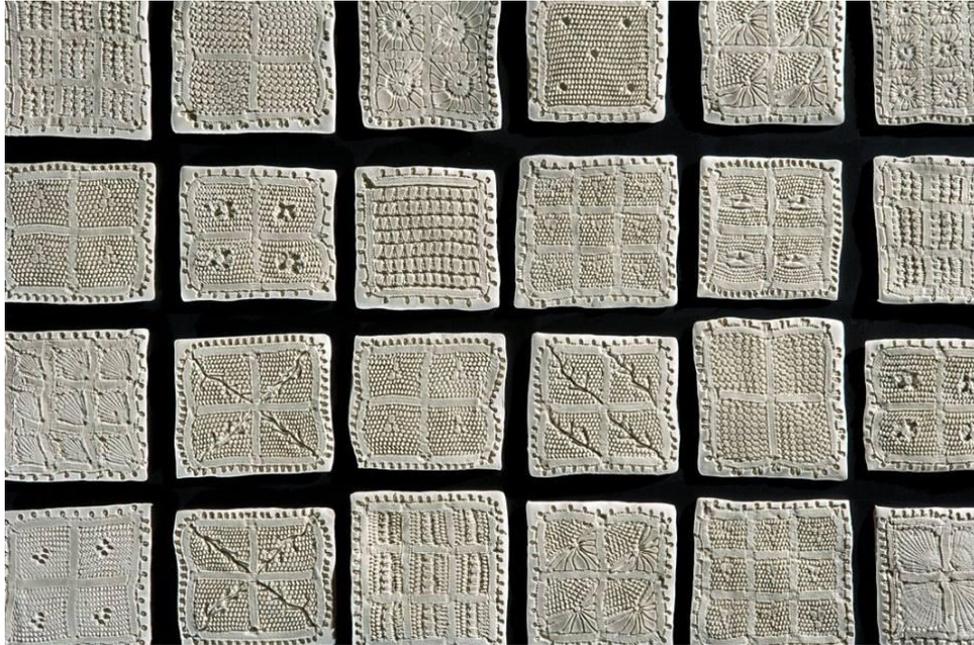
Reconhecendo e acolhendo a imprevisibilidade, as incertezas e o desejo de persistir nesse caminho, o Teia de Aranha investe em uma ética afirmativa na produção de bons e alegres encontros (SPINOZA, 2011). Quando conheci estas mulheres e perguntei-lhes o que as une e as faz permanecerem juntas até hoje, a resposta de Cristina foi imediata e confirmada por todas: *o que nos une é o encontro*. O encontro entre a literatura e os corpos-fazedores das bordadeiras por si só é potente, mas o encontro de que Cristina fala vai além, pois trata-se de encontros entre amigas e com a própria vida. Encontros entre: os próprios corpo-fazedores das bordadeiras; os sabores e os cheiros das comidinhas da Val; os bolos oferecidos pela Nívea e o vinho oferecido por Fernando em nossos aniversários; os sons da casa e das músicas que vez ou outra Fernando nos oferta; as músicas tocadas por Maria Alice em seu piano; as palavras dos textos e livros que Edmara e Cristina compartilham; as músicas, as histórias e o gingado da Tia Ana<sup>7</sup>, as músicas e brincadeiras do Estevão Marques<sup>8</sup> (filho de Cristina); as receitas da Nívea; a agenda de outros grupos de bordado, eventos sobre Guimarães Rosa e eventos culturais da cidade e do sertão mineiro que Rioco compartilha; a militância política de todas. Assim, espontaneamente, os caminhos do grupo e os caminhos da vida são traçados no próprio caminhar, realizados em redes conectivas que se (re)configuram permanentemente nesses encontros e nas suas **[c]o[m]posições**, ou não.

As leituras, as conversas, as escutas, as conexões que o grupo faz com outros coletivos em diferentes espaços (coletivo Linhas do Horizonte – BH/MG; grupo de contadores de estória Miguilim – Cordisburgo/MG; teatro de animação – SP; grupo de bordadeiras Mãos de Ariadne – SP; Jongo de Embu das Artes e de Piquete; teatro ou filmes produzidos e/ou encenados por

<sup>7</sup> Tia Ana, além de bordadeira, é jongueira e participa do grupo de Jongo de Piquete (<http://www.pontaojongo.uff.br/jongo-de-piquetes>) e também do grupo de Jongo de Embú das Artes (<https://www.facebook.com/293990153954041/videos/1074292295923819/>). Tia Ana também participa das rodas de samba do famoso “Samba da Vela”, que acontece todas as segundas-feiras em São Paulo.

<sup>8</sup> Estevão Marques é músico, professor, pesquisador e autor de diversos livros. (Ver: <http://estevaomarkes.com/home/>).

amigos; as cerâmicas de Caroline Harari<sup>9</sup> – SP; Os Tapetes Contadores de Histórias – RJ, entre outros), geram uma produção de conhecimento corporificado que cria marcas e amplia repertórios existenciais.



Obra *Jogo da memória*<sup>10</sup> - Carolina Harari.

---

<sup>9</sup> Caroline Harari é formada em História pela Universidade de São Paulo e especializada em arqueologia e restauração patrimonial. Na década de 90, começou a fazer cerâmica no ateliê de Laís Granato, onde se profissionalizou. Ao iniciar o convívio com a técnica, Caroline viu-se impressionada com a fugacidade não apenas da cerâmica, mas de tudo o que a sociedade atual produz. Por isso, de início, o que a movia era a busca da forma perene, da estrutura de peças que ficassem e passassem de uma geração para outra, que servissem de testemunho de um trabalho com uma certa permanência no tempo.

<sup>10</sup> Renda Renascença e Argila Grés Branca. “São as memórias das rendas e dos bordados. Um código de linguagem feminino e universal, cuja intenção é abençoar o nascimento, a procriação e a morte, isto é, a cama, a mesa e o banho”. Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/ceramicascarolineharari/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/ceramicascarolineharari/posts/?ref=page_internal) (Acesso em: 25 nov. 2018).



Foto da autora<sup>11</sup>

Trata-se de um convite permanentemente à experimentação de processos vivos, fluidos e, sobretudo, movimentos pensantes. Podemos dizer que os encontros geram processos de subjetivação que decorrem das experiências complexas que agregam a dimensão dos afetos e das sensibilidades. Os tempos de aprendizagem e invenção coexistem e colocam em cena todos os corpos e, particularmente, o corpo em estado de presença, pressupondo uma ética do saber implicado, uma ética do ‘cuidado de si’ (FOUCAULT, 2014b).

O sujeito do cuidado de si é aquele que se orienta por verdades que constrói, e essas verdades se traduzem em ações éticas visíveis em seus atos e posturas corporais. Bem diferente disso, é uma verdade a ser decifrada como segredo de consciência, seja por especialistas, seja por diretores religiosos. Nesse último caso, trata-se de um dispositivo de dominação, enquanto no anterior seria um exercício de liberdade.” (TÓTORA:2014:p. 42)

Podemos recorrer aqui ao conceito de ‘aprendizagem inventiva’, ou seja, o desencadeamento de um processo de criação que pode ocorrer quando nos encontramos com algo que nos surpreende, provocando estranhamento e nos forçando a pensar (KASTRUP, 2010). A aprendizagem inventiva coloca-se como uma política cognitiva na qual o sujeito é

---

<sup>11</sup> Peças produzidas por Caroline Harari para Mostra Cultural em Morro da Garça – 2017.

instigado a criar situações e pensamentos ao invés de apresentar respostas a problemas já existentes. Difere da aprendizagem que vê a cognição (percepção, memória, linguagem e solução de problemas) apenas como aparato para o processamento de informação, deixando de lado aspectos afetivos, emocionais, sociais, políticos etc., retirando seu caráter de experiência e não abrindo espaço para o questionamento nem para o exercício de um pensamento-imaginação.

É preciso tomar a vida como algo a ser criado. Dobrar a força que incide sobre cada um produzindo sujeitos, para que seja possível viver, sentir e pensar de outra maneira. Para Foucault (2003; 2014c), os sujeitos não são uma substância, mas formas produzidas por jogos de poder e saber e que se encontram em relações de produção e de significação complexas. Pesquisando as relações entre sujeito e verdade, o autor explorou as práticas do sujeito consigo mesmo, o cuidado de si e sua emergência no mundo grego. Trata-se de práticas e ações pelas quais o sujeito, ele mesmo, se coloca em movimento, atuando naquilo que constitui os modos de subjetivação. Segundo Deleuze, Foucault estava se perguntando sobre a possibilidade da resistência: “transpor a linha de força, ultrapassar o poder, [...] seria como curvar a força, fazer com que ela mesma se afete, em vez de afetar outras forças: uma ‘dobra’, uma relação de força consigo” (DELEUZE, 2013, p. 127). O ‘cuidado de si’ remete ao conhecer em sentido ampliado como movimento da existência, já que não há acesso ao conhecimento sem uma transformação contínua de si mesmo.

O cuidado de si é certamente o conhecimento de si [...], mas é também o conhecimento de um certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições. Cuidar de si é se munir dessas verdades: nesse caso a ética se liga ao jogo da verdade. (FOUCAULT, 2014d, p. 263).

Por outro lado, o ‘cuidado de si’ é inseparável de uma atitude diante do outro e implica relações complexas, assim como o sujeito só pode conhecer a si mesmo perante outro sujeito. “Tem-se aí um dos pontos mais importantes dessa atividade consagrada a si mesmo: ela não constitui um exercício da solidão, mas sim uma verdadeira prática social” (FOUCAULT, 2014b, p. 67). Para os gregos, o cuidado de si

[...] implica relações complexas com os outros, uma vez que esse *êthos* da liberdade é também uma maneira de cuidar dos outros; por isso é importante, para um homem livre que se conduz adequadamente, saber governar sua mulher, seus filhos, sua casa. [...] O *êthos* também implica uma relação com os outros, já que o cuidado de si permite

ocupar na cidade, na comunidade ou nas relações interindividuais o lugar conveniente — seja para exercer uma magistratura ou para manter relações de amizade. Além disso, o cuidado de si implica também a relação com um outro, uma vez que para cuidar bem de si, é preciso ouvir as lições de um mestre. (FOUCAULT, 2014d, p.264-265).

Assim, o ‘cuidado de si’ torna-se ponto de referência de uma estética da existência, constituição de um modo de ser e de se conduzir, que se completa em uma dimensão de ação, por meio das práticas de si. Essas práticas não são alguma coisa que o próprio sujeito inventa, mas esquemas que ele encontra em sua cultura, sua sociedade e seu grupo social; elas entram em conexão com a produção da vida como obra de arte e envolvem a criação de parcelas, ainda que pequenas, de mundos que se abrem em novas **[c]o[m]posições** entre corpos. Ao nos debruçarmos sobre os estudos de Foucault, vemos que o medo da morte, da finitude, de ser vulnerável aparece quando o cristianismo introduz a salvação como salvação depois da morte. Tomemos, em contraponto, os gregos e romanos no estoicismo tardio, para quem, uma vez que

[...] se cuida de si em sua própria vida e de que a reputação que se vai deixar é o único além com o qual é possível se preocupar, o cuidado de si poderá então estar inteiramente centrado em si mesmo, naquilo que se faz, no lugar que se ocupa entre os outros; ele poderá estar centrado na aceitação da própria morte. [...] em Sêneca, por exemplo, a importância do tema: apressamo-nos em envelhecer, precipitam-nos para o final, que nos permitirá nos reunirmos conosco mesmos. Essa espécie que se precede a morte, em que nada mais pode acontecer, é diferente do desejo de morte que será novamente encontrado nos cristãos, que esperam a salvação da morte. É como um movimento para precipitar sua existência até o ponto em que só houver diante dela a possibilidade da morte. (FOUCAULT, 2014d, p. 267).

São outras sensibilidades, pensamentos e ações que implicam na imersão em um campo de experiências. Trata-se de promover possibilidades para os encontros consigo, com as pessoas e com coisas. Cuidar de si; cuidar do outro; cuidar das relações. Não estamos com isso dizendo que devemos ter o cuidado de si do estoicismo como modelo, apenas mostrando que é possível pensarmos diferente do que pensamos. Que é possível pensarmos em velhices que escapam aos discursos vigentes na sociedade. Cada um deve buscar as suas verdades e se abrir para novas possibilidades de produção de vida e de cuidado. Traçar novas rotas, dentro mesmo do sistema capitalista e produtivo em que vivemos, buscar as linhas de fuga que nos permitam potencializar a vida.

Veremos como o grupo Teia de Aranha cria essa rota. Cada projeto é um convite delicado a um investimento afetivo, corporal e vincular para mergulhar no desconhecido e se fazer mais presente para viver e produzir ‘acontecimentos’<sup>12</sup>, inventando modos de criar, de se comunicar e construir corpos. Surgem questões que deslocam saberes pré-estabelecidos e, por meio de fragmentos, buscam dar visibilidade a territórios habitados por aquilo que é quase imperceptível e que se expressam na dimensão dos gestos, das sensorialidades, das linguagens, do pensamento.

*Tia Ana — No meu tempo a gente bordava outro estilo, ponto ajour, bordado inglês, ponto paris, tudo aplicado com renda. E eu falei assim: **será que eu vou morar no assunto delas?** Mas aí elas falaram: “ah Tia Ana! **É ponto livre, faz do jeito que quiser**”. Eu falei: “ah é, então é comigo mesmo”. E aí... vai que vai assim, minha filha.... **entrei!!!**<sup>13</sup>*

Algumas vivências, embebidas de afetos e sentidos, produzem marcas nos corpos e impulsionam processos de criação que alargam sensibilidades, constituindo corpos porosos às afetações do mundo que nos atravessam permanentemente. O grupo Teia de Aranha revela que é possível produzir sensibilidades mais atentas ao que é vivo e ao pulso vital, e modificar, mesmo que de modo sutil, as relações e os modos de cuidar.

*Rioco — **A gente coloca muito o nosso bordado, como um bordado contemporâneo, que é da mulher de hoje. Hoje a mulher não está mais enfiada dentro de casa solitária. Elas estão aí no mundo trabalhando, batalhando... Então o bordado tem que expressar isso, não tem sentido você ficar ali num “bordadinho” que é para ninguém ver. Não! Vamos mostrar nossa cara.***

### **Estar Vivo: Vida para o seu destino ético.**

A vida é inseparável do viver. E como falar de vida na atualidade se o viver foi capturado e está sob controle da sociedade capitalista, que almeja produzir aquilo que foi maquinado e

<sup>12</sup> Conceito deleuziano que será abordado no quarto movimento desta pesquisa.

<sup>13</sup> Passagem retirada do vídeo “Teia de Aranha”. Disponível em: <https://www.facebook.com/instcandeias/videos/458088697709150/> (Acesso em: 28 nov. 2018).

que servirá de engrenagem para que essa máquina continue a girar? Os discursos atuais são introjetados na vida das pessoas e modulam subjetividades que são aceitas. A sociedade de controle determina as escolhas da vida. Cada indivíduo tem direito a um pacote com opções diferentes, mas que são pré-determinadas, então pouco se escolhe. Sem dizer do medo e da culpabilização, afetos que esses discursos criam. Medo de não se atingir a longevidade com qualidade de vida, independência e autonomia; medo da dependência física e econômica dos filhos. Isso leva tanto a uma obediência às prescrições médicas, quanto a um trilhar pelos caminhos da adaptação<sup>14</sup> e da resiliência<sup>15</sup>, competências almejadas e tão pautadas na política do Envelhecimento Ativo<sup>16</sup>, mas que enfraquecem as potências de vida das pessoas. Hoje, grande parte das ações em torno do envelhecimento estão pautadas no conceito de Envelhecimento Ativo, que “é o processo de otimização de oportunidades para a saúde, a aprendizagem ao longo da vida, a participação e a segurança para melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem” (CENTRO Internacional de Longevidade Brasil, 2015, p. 43). Analisando essa política, vemos que ela deixa pouco espaço para as velhices singulares e propõe uma certa padronização às vidas de quem envelhece, já que o “Envelhecimento Ativo é uma abordagem baseada em direitos, e não em necessidades, que reconhece o direito das pessoas à igualdade de oportunidades e tratamento em todos os aspectos da vida à medida que se desenvolvem, amadurecem e envelhecem” (Ibidem, p. 45). A subjetividade que se cria é a responsável e participativa, pois “[...] a atividade não se restringe à atividade física ou à participação na força de trabalho. Ser ‘ativo’ abarca também o engajamento significativo na vida social, cultural, espiritual e familiar, bem como no voluntariado e em causas cívicas” (Ibidem, p. 43).

A própria visão dos pilares dessa política (Saúde; Aprendizagem ao longo da vida; Participação; Segurança; Proteção) é restrita, uma vez que o documento não problematiza o

---

<sup>14</sup> Segundo Canghilem, “o homem só se sente em boa saúde – que é, precisamente, a saúde – quando se sente mais do que normal, isto é, não apenas adaptado ao meio e suas exigências, mas também normativo, capaz de seguir novas normas de vida”. (CANGUILHEM: 2017: p.141) “A vida só se eleva à consciência e à ciência de si mesma pela inadaptação, pelo fracasso e pela dor”. (CANGHILHEM: 2017: p. 149). O autor trabalhando com os conceitos de saúde, doença cunha o conceito de normatividade que amplia muito as discussões no campo da Gerontologia.

<sup>15</sup> Interessa aqui pensar no conceito de resiliência segundo as considerações de Salete Oliveira que diz: “Resiliência, resílio, resálio. A resiliência, com seus resílios, reduz a vida e a saúde a um empreendimento de segurança, protegidas e protocoladas por infundáveis direitos de existir como sobrevivência invertida, sobrevivência e existência dos sem osso”. In: Política e resiliência – apaziguamentos distendidos. Disponível em: file:///C:/Users/Claudia/Downloads/13067-31342-1-SM%20(1).pdf (Acesso em 12 mar. 2016).

<sup>16</sup> Em sua tese de doutorado, “Envelhecer na Contemporaneidade: Subjetivações, modelos e resistências”, Celina Dias faz uma reflexão em torno da noção de Envelhecimento Ativo como “dispositivo atuante em diferentes meios e permeando ações e propostas na formatação de um modelo ideal de envelhecimento e velhice” (DIAS, 2018, p. 9).

funcionamento do capitalismo e seus dispositivos de poder e subjetivação (TÓTORA, 2016). Aliás, o documento está em total consonância com as pretensões capitalistas com base no desenvolvimento sustentável, que

evidencia que o alvo não é mais manter a condição de pobreza, mas elevar os indicadores econômicos, auferir índices de felicidade e desenvolvimento humano (saúde, educação e cultura), disseminar uma *cultura de paz*, educar pessoas e práticas para a *resiliência*, instituir uma *economia verde*, encontrando certa *qualidade de vida* com redutores de vulnerabilidades e gerando condições compartilhadas para uma *vida melhor* de pessoas, ares, mares, relevos, florestas, enfim, do *ambiente*. Trata-se de um investimento na *ocupação* de inteligências, em participações, conexões, múltiplas identificações. Assentamento de direitos, segurança e securitização, conservação do planeta que requer, antes de tudo, *moderação*, e o meio encontrado para tal condição está na vida *resiliente*. (PASSETTI, 2013, p. 12, grifos do autor).

Consonância esta que verificamos com a leitura da “Seção III: Envelhecimento Ativo – Promovendo a Resiliência ao Longo do Curso de Vida”:

O Envelhecimento Ativo pode ser definido de acordo com a atual perspectiva teórica de resiliência — ter acesso às reservas necessárias a se adaptar, suportar, e aprender com os desafios enfrentados ao longo da vida. Saúde, engajamento, redes, segurança material, conhecimentos e habilidades constituem as reservas para alcançar a adaptação e o crescimento pessoal que, por sua vez, levam ao bem-estar e à qualidade de vida. O Envelhecimento Ativo depende de vários fatores para construir as reservas para a resiliência. Esses fatores são parcialmente individuais, mas também refletem o contexto ambiental e social no qual a pessoa vive e envelhece. Uma sociedade genuinamente resiliente promove o desenvolvimento de uma verdadeira resiliência individual, o Envelhecimento Ativo, ao longo do curso de vida. (CENTRO Internacional de Longevidade Brasil, 2015, p. 45).

“Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos despossaram dele” (DELEUZE, 2013, p.222). O cosmos se perdeu diante da razão, só há o homem capaz, positivo e consciente. Pensemos no precário e indeterminado modo de subjetivação que esse nosso modo de existir proporciona. Mas é possível vazar? Ainda é possível traçar uma linha e pô-la a fugir? Como livros, tecidos, agulhas e linhas podem se agenciar e produzir um cuidado que potencialize a vida?

Se o “medo é a estratégia do nada inscrever” (GIL, 2016)<sup>17</sup>, criar é inscrever, é resistir efetivamente, é acontecer. A ativação do artístico e sua expressão — no nosso caso, o bordado — é um fazer-pensar, produzir conhecimento, repetir gestos, criar mundos e a nós mesmos.

Bordar coletivamente, compartilhar fazeres e olhares tanto dos bordados enquanto objeto de experimentação, como da criação enquanto produção e expressão das singularidades das bordadeiras. Quem estou me tornando ao fazer um bordado? O quanto os gestos do fazer-bordar me atravessam e compõem a mim e ao mundo? É sempre mais que um bordado, é sempre produção de vida. Teia de aranha, um jeito de experimentar através do contato com os materiais do bordado, consigo e com o outro, modos de existir que nos atravessam. Mulheres que se ajudam a encontrar caminhos possíveis enquanto bordam.

## Potências procurando outros caminhos

### O instante

*Onde estarão os séculos, o sonho  
de espadas pelos tártaros sonhado,  
onde as fortes muralhas derrubadas,  
onde a Árvore de Adão e o outro Lenho?  
O presente está só. É a memória  
que erige o tempo. Sequência e engano,  
essa é a rotina do relógio. O ano  
é tão vazio quanto a vazia história.  
Entre a aurora e a noite há um abismo  
de agonias, de luzes, de cuidados;  
o rosto que se observa nos usados  
espelhos da noite já não é o mesmo.  
O hoje fugaz é tênue e é eterno;  
não haverá outro Céu nem outro Inferno.*

(BORGES, 2013, p. 46)

<sup>17</sup> No texto “Medo de existir”, o português José Gil diz: “O medo é uma estratégia para nada inscrever. Constitui-se, antes de mais, como *medo de inscrever*, quer dizer, de existir, de afrontar as forças do mundo desencadeando as suas próprias forças e vida. Medo de agir, de tomar decisões diferentes da norma vigente, medo de amar, de criar, de viver. Medo de arriscar. A prudência é a lei do bom senso” (GIL, 2016).

Qual é a potência da vida? Quais são as potências singulares da vida que direcionam as potências de criação? São os afetos? Como buscar a singularidade neste movimento, sem buscar no transcendente, em algo fora da vida? Nietzsche exorta cada um a esculpir sua existência como uma obra de arte. Será este um caminho potente? Ser artista de si mesmo, produzir modos de se constituir / construir. Para o filósofo, a vida deve ser pensada, querida e desejada tal como um artista deseja e cria sua obra ao empregar toda a sua energia para produzir um objeto único. Mantendo a arte de viver em primeiro plano, Nietzsche investe todo o seu saber na tarefa de descobrir e inventar novas formas de vida. Convida o ser humano a participar de maneira renovada na ordem do mundo, construir a própria singularidade, organizar uma rede de referências que o ajude a se moldar na criação de si mesmo. E tudo isso só pode ser feito contra o presente, contra um “eu” constituído. Vida como vontade criadora, uma vez que viver não é apenas manter-se vivo, sobreviver.

Nietzsche concebe a vida como um risco em que se pode ganhar ou perder tudo — isso porque tudo é novo, inédito e perigoso. O filósofo concordaria com Guimarães Rosa quando este diz que “viver é negócio muito perigoso...” (ROSA, 2001, p. 33) e, ao mesmo tempo, que “viver nem não é muito perigoso?” (Ibidem, p. 35). Parece que ambos sabem que a vida é um conjunto de experimentações que o corpo vivencia, e assim, para eles, a vida passa a ser definida a partir da ótica da arte, que privilegia o aspecto de intensificação da potência. As experiências estéticas e os processos de criação são próprios da vida e dos corpos e podem acontecer nas situações cotidianas, mas nosso modo de existência produz distâncias entre o corpo e o que ele pode, sua potência e seus processos.

Como já dissemos anteriormente, viver não é apenas adaptar-se às circunstâncias externas: a vida é antes de tudo, para o filósofo ao qual nos aliamos, atividade criadora. As forças espontâneas, agressivas, expansivas, criadoras de novas formas, interpretações e direções têm primazia sobre as forças de adaptação. “Antes de tudo, qualquer ser vivo deseja *expandir* a sua força — a própria vida é vontade de poder” (NIETZSCHE, 2005, §13).

Um corpo vivo, e não um organismo que se desagrega, quer crescer, expandir sua força, tornar-se mestre do espaço inteiro e expulsar o que resiste à sua expansão. Todo o acontecimento, toda a mudança é uma luta não pela vida, mas pela potência. A regra não é a luta pela vida, mas a luta de uma vida que quer mais vida.

Um movimento assim, quase um disparate, totalmente distante do movimento cotidiano, talvez esteja mais próximo da verdade. Não pode ser mera imitação do disparate. É preciso voltar mais uma vez no ventre materno. (OHNO, 2016, p. 48).

A potência, o desejo de expandir, o poder de criar, de crescer, de vencer as resistências é o que impulsiona o movimento da vida, que é “especificamente o de tornar-se, em vez do ser, da incipiência da renovação ao longo de um caminho, em vez do da extensividade do deslocamento no espaço” (INGOLD, 2015, p. 122).

A nossa atualidade é marcada por uma busca alucinante pela longevidade, o que se contrapõe, muitas vezes, à intensidade de uma vida (TÓTORA, 2015).

Para que correr para aproveitar o Tempo? Para que saber se usou seu Tempo em vão ou não? Deixe o tempo correr junto com as nossas vidas... Quando o Tempo decidir que devemos ir para bem longe, vamos sem titubear. (ROSMANINHO, 2002, p.3)<sup>18</sup>

Segundo Nietzsche, “o amor à vida é quase sempre o contrário do amor à longa vida. Todo o amor pensa no instante e na eternidade — mas jamais na extensão” (NIETZSCHE apud TÓTORA, 2015, p.111). O que está em questão para Nietzsche é ter vivido um grande momento, algo forte demais, um ‘instante arrebatador’. Assim, estarmos na companhia de Nietzsche é nos lançarmos para a possibilidade de novos possíveis em relação à velhice, sempre a partir da ética afirmativa integral da vida do eterno retorno.

“Olha esse portal, anão!”, falei também; “ele tem duas faces. Dois caminhos aqui se encontram: ninguém trilhou até o fim.

Essa longa rua para trás: ela dura uma eternidade. E a longa rua para lá — isso é outra eternidade.

Eles não se contradizem, esses caminhos; eles se chocam frontalmente: — é aqui, nesse portal que eles se encontram. O nome do portal está em cima: *‘Instante’*.

[...] E, se tudo já esteve aí, que achas, anão, desse instante? Também esse portal não deve já — ter estado aí?

[...] E se essa lenta aranha que se arrasta à luz da lua, e essa luz mesma, e tu e eu junto ao portal, sussurrando, um para o outro, sussurrando sobre coisas eternas — não temos de haver existido todos nós?” (NIETZSCHE, 2011, p. 150-151, grifo nosso).

---

<sup>18</sup> Luis Antonio Ferreira Rosmaninho, o LUBA, filho da bordadeira Maria Alice, era poeta e faleceu ainda garoto.

## Diálogo insurrecional com a vida

Existem momentos que nos damos conta de que tudo passa, e sentimos a dimensão disto. Por que vou fazer alguma coisa se tudo acaba? Por que agir se tudo resulta num vazio de sentido? Diante dessa tragicidade, que postura o homem deve ter?

Temos que aceitar a nossa existência em toda a plenitude possível; tudo, inclusive o inaudito, deve ficar possível dentro dela. No fundo, só essa coragem nos é exigida: a de sermos corajosos em face do estranho, do maravilhoso e do inexplicável que se nos pode defrontar. Por se terem revelado covardes nesse sentido, foi a vida prejudicada imensamente. As experiências a que se dá o nome de “aparecimento”, todo o pretenso mundo “sobrenatural”, a morte, todas essas coisas tão próximas de nós têm sido tão excluídas da vida, por uma defensiva cotidiana, que os sentidos com os quais as poderíamos aferrar se atrofiaram. (RILKE, 2001, p. 68).

Para explorar estas questões vou relatar duas passagens que denominei *Ana Maria Amaral: um encontro potente* e *Teia de Aranha: um lugar de encontros cuidadores*.

### *Ana Maria Amaral: um encontro potente*

Na minha estadia em Morro da Garça em outubro de 2017 tive o prazer de conhecer Ana Maria Amaral<sup>19</sup>, pesquisadora, professora e diretora de “Teatro de Formas Animadas”<sup>20</sup> e amiga das bordadeiras do Teia de Aranha. Durante a rápida, mas intensa convivência em Morro da Garça, pude ver como Ana Maria, com ou sem palavras, coloca poesia no movimento da vida. Ana Maria é portadora da doença de Alzheimer em estado leve para moderado, mas isso não a impediu de estar conosco em Morro da Garça de maneira atuante e incrivelmente divertida: vivendo a vida com intensidade e alegria, acolhendo as imprevisibilidades e as incertezas. Uma pessoa capaz de situar-se nas fronteiras da saúde e da doença, de estar no aberto, nos intervalos, nas fissuras, ou seja, estar onde tudo pode acontecer. Habitar o entre, entendido como zona que pode integrar, lugar onde estão as maiores potências de transfiguração, foi o que Ana Maria me mostrou ser possível. Naqueles dias, a cidade acolheu

<sup>19</sup> Currículo disponível em: <http://premiogorgorito.blogspot.com/2010/05/ana-maria-amaral-brasil.html> (Acesso em: 25 nov. 2018).

<sup>20</sup> Como o passado é facilmente lembrado, Ana Maria me explicou, durante o tempo que estivemos juntas em Morro da Garça, que o “Teatro de Formas Animadas” é marcado por uma forte relação do ator manipulador com o boneco, a máscara e o objeto que ele “anima”, baseada em um profundo respeito pelo significado simbólico neles contidos, e que a ele (ator-manipulador) cabe desencadear a expressão. Pois que, para esses artistas do teatro de formas animadas, os bonecos e as máscaras contêm uma vida, a qual precisa de alguém para exteriorizá-la.

com respeito Ana Maria, o que possibilitou que ela circulasse livremente e ao mesmo tempo fosse cuidada por todos.

Foi uma experiência que me mostrou que é possível se juntar e conviver por ressonância, escutando os efeitos do outro no meu corpo. Não sei se isso sempre acontece nesta cidade, ou se isso se deu devido à constelação daquele momento, mas isso não me importa. Quero me deter nos *instantes vividos* naquela viagem. Algo tão diferente da lógica da nossa sociedade, que ousou chamar de *acontecimento*. Viagem para Morro da Garça, acontecimento que criou uma diferença, que me fez transvalorar o modo de vida, lançando-me para um futuro que foi realizado na vivência de um presente mais denso.

Ana Maria me fez ter a certeza que o humor desaba a lógica, desestabiliza, desorganiza e abre para novos possíveis, pois “rir junto é melhor que falar a mesma língua. Ou talvez o riso seja uma língua anterior que fomos perdendo à medida que o mundo foi deixando de ser nosso” (COUTO, 2008, p. 113). Acho que devemos habitar ilhas de alegrias. E não seria esse o lugar da velhice?

Aqui em São Paulo, tive a alegria de reencontrar Ana Maria e conhecer o seu espaço de trabalho. Foi um encontro organizado por alguns de seus amigos com a intenção de celebrar a vida. Ana já apresenta sinais de que a doença avançou, mas a alegria continua assim como as grandes palavras que remetem a uma sabedoria de vida incrível. Duas frases que me atravessaram e causaram marcas: “*Só estar vivo é ruim. É preciso ação*” e “*Às vezes a vida te joga no vazio. E aí você tem que encontrar algo para fazer. Eu escrevo poemas*”. Ao fazer, Ana Maria cria o tempo, não o tempo linear que lhe garantirá mais anos de vida, mas outro, o tempo de afirmação da vida. Diz sim a sua vida, com todas as suas dificuldades e tristezas. Ao escrever poemas ela dá voz aos seus silêncios. Palavras que ecoam no vazio do momento e que cuidam da vida. Uma vida artista<sup>21</sup>, onde vemos presente a força ativa que forma, cria e intensifica a própria vida. As palavras e a escrita são de extrema singularidade no que diz respeito à produção de uma vida artista, “escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido” (DELEUZE, 2011, p. 11).

A doença impede que Ana Maria se lembre de muitas coisas. Quando nos reencontramos ela não se lembrou de mim, mas disse: “nossa, você se parece muito com uma moça que que conheci lá em Morro da Garça”. Essa moça era eu mesma — ela não se lembrou, mas lembrou-

---

<sup>21</sup> “Uma vida artista, segundo a abordagem de Foucault, é a invenção de si fora de qualquer ideia de um sujeito como substância preexistente. O uso do termo invenção compreende desvencilhar-se da ideia da origem como algo que antecede a história, a vida e os experimentos do corpo” (TÓTORA, 2015, p. 95).

se da viagem. O que realmente importa é que em Ana Maria, assim como em Mija, protagonista do filme *Poesia*, “a perda gradativa da memória provocada pela doença [...] contrasta com os afetos de uma memória que luta contra as forças do esquecimento, para criar uma memória de futuro que permite tornar vivas, as forças e potências afirmativas da vida” (TÓTORA, 2015, p.162). Ao invés de caminhar em direção à morte, faz de sua existência um fenômeno estético e assim pode suportar sua doença. Agora não é mais a arte dos bonecos animados que se cria, mas sim a vida, a vida mesma uma obra de arte. E assim, Ana Maria não é doente, mas sim a médica de si própria, segundo o pensamento de Nietzsche.

Apesar de Ana Maria não ser uma das bordadeiras do grupo Teia de Aranha, tinha que me deter nesse relato e mostrar como fui atravessada por esse encontro potente. Os afetos produzidos em mim fizeram com que eu pudesse ressignificar algumas experiências vividas no passado e, no que diz respeito à minha pesquisa, continuar pensando na potência dos bons encontros. Retomar a fala de Cristina que nos diz que *é o encontro que une* e faz com que o grupo Teia de Aranha se mantenha por quase 20 anos. Penso agora nesse espaço do encontro, o espaço [entre]. Me parece que o corpo-fazedor de Ana Maria, assim como os corpos-fazedores das bordadeiras, ocupa e se autoriza estar nesse lugar. Eles habitam o [entre], o tempo do intervalo, o estar presente no aqui agora, a apropriação do devir, espaço-tempo onde o que se está em jogo é a relação de uma pluralidade de forças. Eles cabem nesse lugar. Pergunto então: não será este um espaço de cuidado?

#### *Teia de Aranha – lugar de encontros cuidadores*

Teia de Aranha: grupo de mulheres de diferentes idades e com diferentes desafios, que são amigas e bordam juntas. Bordado: um trabalho artesanal. Aqui se aprende perseverança, paciência e atenção ao pequeno. Aqui se faz um trabalho corpo a corpo, tecido em micromovimentos, enlaçando os fios de linhas e os fios da vida. O corpo é afetado pelo encontro com a paisagem contida em cada conto que será bordado, pelos diversos cheiros compartilhados durante o bordado, pelas músicas cantadas e pelas memórias ressurgidas nas conversas. E tudo isso produz estados paradoxais: confortos e desconfortos, incômodos e satisfações, distanciamentos e aproximações. Deslocamentos da vida cotidiana para uma outra realidade, aquela criada a partir do encontro. Na maioria das vezes, os encontros constituem oportunidades para saber mais de si, dos modos de funcionamento acessados na complexidade dos contatos, na tentativa de fugir dos mapas e trilhas habituais. Ampliação da percepção e da sensibilidade, instauração de um estado de presença.

Estar em grupo amplia a chance de acionar nessas mulheres uma experiência que ousamos dizer ser estética, apostando que estas podem colocar a pessoa em movimento, desencadeando processos de criação, engendrando novos “territórios existenciais”<sup>22</sup>, reinventando vidas. As mulheres são catalizadoras e também testemunhas das experiências. A cada encontro cria-se um território propício à surpresa, ao acolhimento do inesperado e ao acionamento de movimentos inventivos.

No entanto, a experiência de que falamos aqui não é aquela meramente divertida ou que gera entretenimento, mas sim aquela que é marcada por sensações intensas, por vezes trazendo sofrimento: entrar na casa de Maria Alice e saber que naquele dia seu filho, o Luba, estaria completando 30 anos se estivesse vivo e aguentar esse desconforto emocional coletivamente, olhando para o seu livro<sup>23</sup> de poesias que, totalmente por acaso, caiu nos meus pés. O silêncio deu o tom daquela noite. Troca de olhares parceiros que só pode ser sustentada entre amigos, e apenas uma frase na despedida: “*se precisar, estou aqui*”.

A percepção sutil dos processos, o cuidado e o modo como se traz a proposta do bordado, a construção de um ambiente confiável e um respeito pelos tempos individuais favorecem que a experiência possa ser incorporada e atualizada para novas e outras situações. A cada encontro, um convite silencioso se faz. Um convite ao olhar. Olhar atento para os pontos do bordado. Admiração ao pano bordado. Olhar acolhedor para si, para o outro e para o mundo. E, assim, as relações de cuidado com a vida vão sendo tecidas.

Maria Alice começou no grupo logo após a morte do seu filho. O convite a ela foi feito por sugestão do filho de Rioco, que era amigo de Luba. Maria Alice, num ato de coragem e de “cuidado de si”, aceitou o convite. E assim, mesmo que não determinado por ninguém, o luto passou a não ser somente dela. Nos tempos de aproximações e evitações, da busca de intimidade com muito pouco contato, da falta de olhar nos olhos e tocar a pele, estar num grupo que pode acolher a sua dor trouxe para Maria Alice a força para seguir com a vida. Ao cuidar de si, descobriu um coletivo, uma dor que se desindividualiza, uma alegria de não estar só. A alegria da criação de si, depois que tudo desmoronou, e da criação de uma parcela pequena de mundo. Um novo mundo que se abre para que sejam inventadas outras formas de vida possíveis diante da tragicidade da existência. Maria Alice, assim como Ana Maria, também se aproxima de Mija que, “em meio a uma profunda dor, inventa o seu percurso poético de estar no mundo [...] não existe uma velhice ideal [...]. Experimentar a velhice é poder deslizar sobre os problemas,

---

<sup>22</sup> Trabalharemos com esse conceito no segundo movimento.

<sup>23</sup> *Luba sem titubear: poesias de Luis Ferreira Rosmarinho*. Livro organizado pelos pais com a ajuda de familiares, amigos e da Associação Brasileira de Apoio ao Luto – CASULO. São Paulo, 2002.

sofrimentos, dores e doenças como artistas que inventam saídas alegres e impensadas” (TÓTORA, 2015, p. 165 e 221). Os encontros de bordado são mais um convite para criar e “esculpir” afetos do que um convite para as produções dos bordados. Assim, a cada momento em que deslocamentos, estranhezas, silêncios, contaminações pedem passagem, o acolhimento é exercido como forma de cuidado com a própria vida. Estar com o grupo Teia de Aranha me levou para um lugar de desapego do saber e de entrega ao fazer e ao sentir.

Nívea — *É interessante que quando você começa um bordado de repente você descobre que você sabe fazer. Você vai fazendo, vai inventando, vai criando; as colegas dão palpite sabe? E de repente você se vê bordando. É muito gostoso!!*<sup>24</sup>

Para que a subjetividade possa sustentar-se na tensão de sua desestabilização entre as formas que produzem certa estabilidade e as forças que a atravessam, é preciso a emergência de um processo de criação que converta as afetações em imagens, palavras, gestos, modos de existência. “O que somos, ou o que podemos ser, não vem pronto. Temos, perpétua e infinitamente, que estar nos fazendo a nós mesmos. Isso é o que a vida é, o que a história é, e o que significa produzir” (INGOLD, 2015, p. 31).

### ***Grande sertão: veredas, um acaso e a tessitura de um mundo outro***

Cristina — *O grupo Teia de Aranha surgiu da necessidade de algumas mulheres formalizarem um encontro. Um encontro onde elas pudessem compartilhar a vida ou senão construir alguma coisa comum: a arte.*<sup>25</sup>

Iniciar com os bordados a partir da obra literária de Guimarães Rosa foi um acaso da vida. Estas mulheres já haviam constituído o grupo, já sabiam que o nome seria Teia de Aranha, que queriam realizar trabalhos artísticos com as mãos, mas ainda não sabiam exatamente o que seria. Foi quando apareceu a oportunidade de realizar um painel sobre a obra de Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*.

João Guimarães Rosa gostava de cavalo, de vaca, de sertão e do “homem do sertão” (não gostava da expressão sertanejo). E gostava de escrever sobre esse mundo. Rosa dizia que

<sup>24</sup> Passagem retirada do vídeo “Teia de Aranha”. Disponível em: <https://www.facebook.com/instcandeias/videos/458088697709150/> (Acesso em: 25 nov. 2018).

<sup>25</sup> Ibidem

um homem não deve separar vida e obra, e foi numa viagem de dez dias pelo norte mineiro, em 1952, acompanhado de uma vaquejada nas imediações do rio São Francisco, que ele anotou cantos, anedotas, nomes da fauna e da flora e verificou que o “homem do sertão” é um fabulista por natureza (Cf. BEZERRA e HEIDEMANN, 2006). A obra de Rosa é rica em detalhes, o que aguça a imaginação e a criatividade das bordadeiras. O crítico literário Antônio Cândido, ao comentar esta obra, aponta aspectos de destaque que podem suscitar conexões entre a obra e as práticas das bordadeiras:

Na extraordinária obra-prima Grande sertão: veredas há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo impecavelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme o seu ofício; mas em cada aspecto aparecerá o traço fundamental do autor: a absoluta confiança na liberdade de inventar. (CÂNDIDO apud ZIANI, 2017, p. 14).

Apresentarei o percurso do grupo, desde seu início, e a descrição do processo de feitura dos bordados, a partir de trechos retirados da tese de doutorado da pesquisadora e bordadeira do próprio grupo Teia de Aranha, Beth Ziani (2017, p. 104-117).

A proposta de bordar um cenário sobre Grande sertão: veredas surgiu da integração de algumas participantes do grupo em atividades nas cidades do sertão mineiro. Dôra Guimarães e Elisa Almeida do grupo Tudo Era uma vez de Belo Horizonte e coordenadoras do grupo Miguilim de Contadores de Estórias de Cordisburgo, solicitaram apoio na criação de um cenário para uma apresentação em Portugal. Assim, teve início o grupo de bordadeiras Teia de Aranha com uma estreia bastante representativa não apenas pelas dimensões do cenário criado (5 m) como pelo processo que envolveu pesquisadores, estudiosos e artistas conhecedores da obra e da região em uma metodologia que promoveu a leitura do romance e discussões como estímulos a processos de recriação da obra literária. O painel foi feito em juta e integra bordado e aplicação. É composto por cinco módulos, cada um 1m de largura e 5 m de altura. Este trabalho envolveu vinte e duas pessoas e foi realizado em sete meses, de outubro de 2001 a abril de 2002. O estímulo para essa criação foi o espetáculo RIOBALDIADORIM – Encontros no sertão com narrações da obra realizadas por Dôra Guimarães e Elisa Almeida. O roteiro percorre passagens de encontro e desencontro dos protagonistas, Riobaldo e Diadorim, em que a delicadeza, segredos, insegurança são marcas de um amor impossibilitado, mas que se revela diante da guerra. Os trechos selecionados para a narração e que também serviram de estímulo para a criação do painel bordado foram:

- Falas de Riobaldo e Diadorim.

- Primeiro encontro e reencontro de Riobaldo e Diadorim.
- Manuelzinho da Crôa.
- Revelação do nome.
- Nhorinhá.
- Otacília.
- Joca Ramiro.
- Diálogo entre Riobaldo e Diadorim.
- A morte de Diadorim.
- Trechos de entrevista com Guimarães Rosa.

Os textos foram a base para a elaboração de imagens desenhadas e confeccionadas com aplicações em tecido, bordados com vários tipos de linhas e crochê. A pesquisa contou com a participação de estudiosos, artistas e trabalhos a partir da obra: (cinema) o curta metragem de Marily da Cunha Bezerra, Rio de Janeiro-Minas; (áudio) CD 7 episódios de Grande Sertão: Veredas; (imagens) desenhos de Poti; pinturas e xilogravuras de Arlindo Daibert do livro Imagens do Grande Sertão e livros com ilustrações de bordado da família Dumont: Águas emendadas, Amazonas, Exercícios de ser criança e O Brasil em festa.



Foto da autora.

A concepção e o desenvolvimento do painel foram realizados coletivamente em etapas:

1. reunião para leitura e discussão do texto;
2. definição do tipo de material utilizado (tecido, bordado);

3. escolha das representações a partir do texto;
4. criação dos desenhos (a maioria criada por Rioco Kayano)
5. conversa sobre a disposição dos desenhos e a concepção do painel;
6. encontros para o bordado em grupo;
7. bordado individual.

O painel impacta e atrai o espectador pela dimensão, pela quantidade de elementos e pelo colorido que pode ser traduzido pelos que dominam a obra ou apenas apreciado por aqueles que se deixam levar pelo sertão tecido em linha. Do contorno do rio que envolve todos os módulos revelou-se a imagem de um grande cavalo batizado como Siruiz e divide com o rio e o Buriti os destaques do painel.

Como trabalho inaugural de bordado inspirado na literatura de Guimarães Rosa, esse painel percorreu as cidades de Minas e tornou-se um estímulo para a inserção do bordado na região.

A partir desse batismo, o grupo Teia de Aranha realizou vários projetos inspirados na obra do escritor mineiro e levou essa proposta às cidades de Cordisburgo e Morro da Garça.

Projetos realizados pelo grupo a partir da literatura de Guimarães Rosa:

- Grande sertão (2001) – deu origem ao grupo
- Memória do sertão (2005)
- Painel Buriti – Comemoração 50 anos de “Corpo de Baile” – (2005)





Foto da autora. Mandala: Marily Luz do Sertão.

- Cartografia do Morro da Garça em 2005, no projeto “Guimarães Rosa Lugares: em busca do quem das coisas”



Foto da autora.

O processo aprofundou tanto a técnica do bordado como a criação, pois a proposta foi realizar um trabalho coletivo, onde todos os participantes bordariam na mesma base. Houve uma grande adesão da comunidade e mais de cinquenta pessoas contribuíram no estandarte da cidade.

A tela traz cenas do cotidiano do homem do sertão, a lida com a terra e a natureza. Não faltaram as garças, os bois, os pássaros, as maritacas, bem com o a vegetação e o rio que atravessa a cidade. O morrão, como é definido pela comunidade, tem o destaque central, atravessa a tela de ponta a ponta e se fortalece pelo colorido e a textura impressa pelos tipos de pontos, cores e linhas. Os outros elementos estão em diálogo e em função desse centro geodésico, o morro. Como referência à obra de Rosa, foi bordado o infinito na lateral esquerda.

Atualmente essa tela faz parte do acervo da Casa da Cultura do Sertão do Morro da Garça, traz a memória local com referências afetivas sugeridas pela própria comunidade e a inserção da cidade nesse território junto com várias outras ações.

Outros projetos, outros escritores:

- Monteiro Lobato



Fotos da autora.

- Mia Couto



Foto de Gustavo Cadaval.



Foto de Gustavo Cadaval.



Foto de Gustavo Cadaval.



Fotos de Gustavo Cadaval.

- Euclides da Cunha – em andamento



Foto da autora.



Foto da autora.



Foto da autora.



Foto da autora.



Foto da autora.

- Projeto Bordar São Paulo SESC/SP



Projeto Bordar São Paulo. Foto da autora.



Processo criativo do projeto Bordar São Paulo. Foto de Gustavo Cadaval.

### **Teia de Aranha em Cordisburgo**

A participação do grupo Teia de Aranha em Cordisburgo se deu na participação, de algumas integrantes do grupo, nas oficinas que aconteceram em 2003 para criação de um painel bordado para a Semana Roseana, que tinha como tema o romance Grande

sertão: veredas. O painel criado foi do Primeiro Encontro de Riobaldo e Reinaldo (Diadorim) e foi bordado pelo grupo de idosos onde o bordado tradicional já era marca da maioria das participantes desse grupo. O desafio foi integrar e representar a literatura em bordado. Algumas palavras e frases foram selecionadas e tiveram a função de contextualizar a passagem do romance e integrar várias imagens: Carece de ter coragem/ São memórias? São sonhos? / deslembrar / travessia.

Este grupo de idosos foi formado por Beth Ziani, se chamou “Estrelas do Sertão” e estava vinculado ao trabalho voltado às histórias de vida da comunidade que se efetivou através de entrevistas, registros fotográficos e também à cultura local e tradições com oficinas e cursos para esse público. Além da formação do grupo “Estrelas do Sertão” esse trabalho também resultou no projeto intitulado “Memória Viva do Sertão”.

Outros projetos com as bordadeiras foram realizados e a relação bordado e memória foi impressa em um grande painel com o objetivo de tecer a história da cidade e tornou-se um estandarte. As integrantes desse grupo tornaram-se expressão da cidade pelas atividades realizadas não apenas em bordado, mas com estratégias que passaram a mobilizar a comunidade: danças, saraus e outras artes manuais. O conto Uma História de amor foi representado num processo criativo coletivo através de um grande boi – Boi Bonito, que se transformou em cenário para a apresentação de dança (2004) de Zé Maria Carvalho, especialista em dança japonesa Butoh. José Maria de Carvalho é mineiro, morador em São Paulo, desenvolveu outros espetáculos a partir de sua leitura: Era infinitamente maio (2008) e também criou o grupo Corpo de Baile, dançadores de estórias em Morro da Garça (2005/6). Outra criação em pano com técnicas da antroposofia, realizada por Claudete de Souza, foi a confecção dos personagens/bonecos com músicos e a leitura de fragmentos do conto. As atividades se entrelaçavam.

Vitória do acaso sobre o planejamento: a impossibilidade de qualquer plano feito a priori chegar ao seu objetivo de modo inalterado, uma vez que as rajadas de vida, o vento advindo do caos, o acaso atravessando os corpos, os encontros não programados — pois a experiência pura escapa a qualquer programa — desestruturam todo princípio e toda meta final a ser alcançada. O novo só é possível nesse abalo sísmico. Quando um círculo fechado se abre para o outro, o mundo, as forças e corpos cósmicos. O futuro se faz nesse momento do *instante*, naquilo que ele tem de desconhecido e incomensurável. Pois, se um território se faz na **[c]o[m]posição** de corpos em um plano de consistência, esse plano é radicalmente diferente de qualquer plano de organização e qualquer planejamento. O que interessa são as aberturas, as relações que esse plano de vida tem com o Fora. Pois se o plano de organização de um planejamento, para se estabelecer e se firmar, precisa de uma fechadura completa, uma porta sempre trancada que não

deixa o caos adentrar a casa, o plano que nos interessa se coloca num interstício, numa borda, uma vizinhança. Não se perder no caos, tampouco se prender no cosmos – CAOSMOSE.

É preciso firmar uma terra, carregar consigo sua morada, entretanto às vezes abrimos nossa casa e deixamos alguém entrar, convidamos alguém para entrar, uma amiga, outra aranha, trazemos essa outra para dentro de nossa morada e oferecemos um café com bolo, partilhamos de uma caixa de linhas, uma mesa, um sofá, uma sala... desse modo é que as conexões que potencializam a vida se faz. Um círculo que se abre, uma teia que se lança, uma terra para se firmar.

*Maria Alice – É um fio que tá lançado, a gente não sabe onde ele vai se tocar é assim que a aranha faz, a teia: ela lança um fio encontra em uma parede, encosta lá e quando você vê, tem uma teia que te sustenta neste universo que é indefinido.*



## SEGUNDO MOVIMENTO

### Cuidado tecido nos espaços da memória e dos silêncios

Através das leituras, das conversas, das músicas e das histórias que se dão nos encontros e recheiam os projetos dos bordados, as bordadeiras do Teia de Aranha incorporam o passado num exercício constante de experimentação e movimento de modificação, ou seja, de reinvenção de si mesmas. Elas nunca estão prontas, e sabem disso. Tia Ana, cantora oficial do nosso grupo, sempre nos presentearia cantando as músicas marcantes do seu passado, e ao cantar — e, algumas vezes, dançar—, ela renova afetos de alegrias e tristezas que aquela memória lhe traz.



Foto da autora. Sarau<sup>27</sup> – Novembro de 2018

<sup>27</sup> Este sarau foi organizado pelo grupo Mão de Ariadnes (grupo que surgiu inspirado no Teia de Aranha, como será visto no terceiro movimento deste trabalho) para celebrar o lançamento do calendário de 2019. O calendário é fruto do projeto “Elas, alinhavos no tempo”, onde as ariadnes homenageiam mulheres que viveram à frente de seu tempo, deixando um legado de luta, posicionamento e coragem para futuras gerações. As mulheres homenageadas foram: Lia de Itamaracá, Olga Benário, Maria Bonita, Cacilda Becker, Ruth de Souza, Pagu, Maria Quitéria, Cora Coralina, Tarsila do Amaral, Chiquinha Gonzaga, Dandara e Clarice Lispector. Mais fotos deste sarau encontram-se em anexo neste trabalho. Na ocasião, Tia Ana cantou a música “Mãe Preta” (disponível em:

Nos encontros das terças-feiras a música nunca vem sozinha, mas acompanhada de histórias que o pai de tia Ana contava, receitas de comidas, novelas de rádio, momentos políticos vividos e muita emoção. Nestes momentos, também nossas memórias e emoções são evocadas e ressignificadas, não somente no plano individual, mas coletivamente, o que sempre é mais potente. Memória sempre potencialmente geradora de novas linhas de tempo.

Os afetos alegres se potencializam e os afetos tristes são divididos e se tornam mais leves. Esse processo também afeta o bordado, pois essa memória pode evocar imagens que poderão ser adicionadas ao bordado.

Edmara — *usamos memórias, representação, conhecimentos adquiridos e são esses ingredientes que vão favorecendo essa expressividade. E o jeito de bordar, sem bastidor, e essa tentativa de buscar uma coisa mais livre é que vai permitindo essa emotividade, essa afetividade, que também vai carregando a expressão, e acho que é isso que dá esse resultado que é tão vivo.*<sup>28</sup>

As memórias nos arrastam para o passado, mas ao mesmo tempo nos conduzem por movimentos no presente vivido, cuja ação produz o bordado e a própria vida com toda a sua potência e vontade criadora. Assim, o passado não impede o experimento do tempo oportuno do acontecimento, *kairós*, o instante experimentado e vivido, a possibilidade de criação no instante. É um passado que coexiste com o presente, esculpe e cria memória de futuro. Se nos perguntarmos agora: como potencializar o presente? Como transformar a si e ao presente? Eu responderia: através do passado recriado no instante vivido e que nos lança ao futuro. É no instante vivido, no *kairós*, que quebramos a sequência linear do *kronos*. Portanto, valorizar o presente não é uma questão cronológica.

Eu crio o tempo; tenho o tempo em minhas mãos. O tempo não está dado, eu não ocupo o tempo, sou um fabricante de tempo. Cristina me disse em um dos encontros em que eu estava ansiosa com muitos afazeres: “*bordando você se acalma*” e Rioco sabiamente complementou: “*o tempo é criado ao fazer*”. Essas mulheres utilizam seus corpos-fazedores para o processo de criação de um mundo outro, fugindo dessa sociedade, mas não sem recolher armas de combate

---

<https://www.youtube.com/watch?v=0qry0gbbNQ8>. Acesso em: 24 nov. 2018), canção brasileira composta por Caco velho que fala da escravatura, da chibata do senhor. Tia Ana emocionou a todos.

<sup>28</sup> Passagem retirada do vídeo “Teia de Aranha”. Disponível em: <https://www.facebook.com/instcandeias/videos/458088697709150/> (Acesso em: 25 nov. 2018).

pelo caminho. Recolhem pedaços de literatura, músicas, e tudo que possa servir para manter a vida intensa. As palavras, os gestos, o pensamento, os órgãos, tudo vira meio de efetuação da potência. Meio a serviço de vidas singulares e afirmativas. Situar-se no próprio tempo para assim desafiar o seu modo de ser e sermos diferentes de nós mesmos.

Produzir o novo é inventarmos novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios e nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é a potência do homem comum. (PELBART, 2006, p. 16).

Bordar coletivamente é abertura para a produção desse novo de que nos fala o filósofo, através do desafio de criar um diálogo entre linha, agulha, desenho, literatura e vida. Bordar coletivamente é imprimir no tecido as marcas da própria vida. Em um dos encontros, tia Ana cantou a música “Assum Preto”, composta por Luiz Gonzaga do Nascimento e Humberto Teixeira e eternizada na voz de Luiz Gonzaga, o popular Rei do Baião, o que motivou uma conversa sobre pássaros que chegou até a graúna do Henfil, e então começaram a pensar em bordá-la em um dos panos do projeto “O Sertão”. Nívea foi totalmente contra, dizendo: “*não tem nada a ver com a proposta do bordado, não cabe nesse painel*”. Rioco respondeu dizendo: “*no bordado cabe aquilo que o grupo quiser que caiba*”. Fizeram uma votação e Nívea perdeu. Ela, de forma muito leve e divertida, disse que tudo bem, o que gostaria mesmo é que ficasse registrado que ele era contra.

Podemos ver no grupo Teia de Aranha um modo próprio de vida, inventivo. Vidas que não só são singulares, mas que imprimem um modo em que está presente uma maneira artística de se conduzir. Vidas que cabem em si.

Rioco — *Ah, bastidor a gente não usa. Porque **bastidor tem uma coisa que prende e a gente quer um bordado livre. A gente está se libertando do bastidor porque nós queremos não só o ponto livre como a gente ter possibilidade de manusear o pano com liberdade, sabe olhar assim o conjunto, um pedaço, aquele pedaço; e se coloca o bastidor fica mais difícil para soltar as nossas asas e deixar o bordado ser livre e expressar o jeito de ser daquela pessoa.***<sup>29</sup>

<sup>29</sup> Passagem retirada do vídeo “Teia de Aranha”. Disponível em: <https://www.facebook.com/instcandeias/videos/458088697709150/> (Acesso em: 25 nov. 2018).

O que significa caber? Segundo o dicionário Online de Português: “*poder estar dentro; poder ser contido; ter lugar*”. Logo penso na velhice. Não será, então, mais interessante pensarmos na velhice como “caber em si”, e não no que cabe e o que não cabe na velhice? Velhice como potência de vida, “cabendo em si”, entendendo que *si* é uma multiplicidade de forças em relação que não obedecem uma ordem prévia e constituem um modo de construção da subjetividade. Propõe-se, assim, uma reflexão que passe pela atualização do corpo, pela criação de autonarrativas e modos de conexão consigo mesmo, com o outro e com o ambiente (a construção de si passa pela apropriação do mundo). A elaboração de si com o outro e com o mundo é um trabalho muito difícil.

Não há ser mais comum que o corpo, porque uma pessoa não vive sem corpo. Mesmo o ser mais espiritual precisará de um corpo para ser espiritual; espiritualmente corporal. [...] Nosso corpo é o sujeito indivisível, inseparável de nós, se bem que ele não se submeterá jamais inteiramente à nossa observação, ao nosso pensamento, ao nosso olhar. [...] Assim o corpo é essa dupla realidade, ao mesmo tempo sujeito e objeto, meu exterior infinito e meu interior como abismo sem fundo. [...] O corpo é esse entrecruzamento do visível e do invisível, do dentro e do fora, do que se toca e do que é tocado. Ele não é uma coisa, nem uma ideia, mas o que faz existir uma coisa e uma ideia para nós. O corpo é essa espiral, essa circulação, esse enlaçamento, a dobra de meu interior e de meu exterior, entre o mundo e eu, a visibilidade e a opacidade... (UNO, 2014, p. 53-54)

Interessa-nos, então, pensar nas potências de um corpo que envelhece em estado de atenção a si, ao meio e ao outro num jogo de relações que abrem constantemente para novas percepções. Pensar o corpo do velho rompendo com a noção de verdades absolutas e definitivas para permitir e perceber o processo de envelhecimento em toda sua gama de complexidades e intensidades. Criação de corpo que se dá na relação com outros corpos, nos encontros de bordado. Entendemos que, assim, estaremos lidando com as potências da vida e produzindo um cuidado que passa pelos afetos — interpretações do corpo aos encontros que a vida dá.

O que pode um corpo? De que afetos ele é capaz? Os afetos são devires: ora eles nos enfraquecem, quando diminuem nossa potência de agir e decompõem nossas relações (tristezas), ora nos tornam mais fortes, quando aumentam nossa potência e nos fazem entrar em um indivíduo mais vasto ou superior (alegria). Espinoza está sempre nos surpreendendo com o corpo. (...) Não é fácil ser um homem livre: fugir da peste, organizar encontros, aumentar a potência de agir, afetar-se de alegria, multiplicar os afetos que exprimem ou envolvem um máximo de afirmação. Fazer do corpo uma

potência que não se reduz ao organismo, fazer do pensamento uma potência que não se reduz à consciência. (DELEUZE, 1998, p.73-75).

### **Um incômodo: o que acontece quando nada está acontecendo?**

Após o terceiro encontro consecutivo de que participei junto ao Teia de Aranha percebi que sentia um certo desconforto gerado pela dinâmica do grupo. Uma dinâmica, aos meus olhos de iniciante, repetitiva. Sim, tudo parecia acontecer exatamente da mesma maneira, como um ritual, dos horários aos lugares no sofá, e sempre o mesmo pano de bordado nas mãos. Além do ritual paralelo da família que mora na casa onde bordamos — o jantar da família, a arrumação da cozinha, as meninas e o marido que nos cumprimentam e sobem para seus quartos. Era como se eu adentrasse num lugar onde o tempo não passava e nada acontecia. No decorrer da terceira semana fiquei tentando trabalhar com essa questão. E dizia para mim mesma: olhe bem o que acontece quando nada parece acontecer. Lembrei-me do conto *O espelho* de Guimarães Rosa e sua célebre afirmação: “Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo” (ROSA, 2001, p.119). E foi ao longo das semana seguintes que percebi que uma pluralidade silenciosa de sentidos surge a cada pequeno gesto, o que vai abrindo o campo para novos acontecimentos, por menores que sejam.

Perceber algo que convém, que ensina, que abre e revela alguma coisa, que aumenta a potência do viver no aparentemente simples do cotidiano, só é possível se deixarmos de viver “de modo incorrigível, distraídos das coisas mais importantes” (ROSA, 2001, p.120). O que acontece quando nada acontece são relações de forças que inventam, a um só tempo, o si e o mundo. Fui percebendo que é possível investir no precário e indeterminado do artesanal para disparar sensações. Ao bordar, faz-se necessário um estar [**entre**], através de uma escuta do fio, do pano, do gesto, da intensidade do movimento. Faz-se necessário uma percepção do funcionamento da ação dos elementos, por mais elementar que esta seja. E assim, ao colocar o corpo em exercício, surge a possibilidade da relação, do não automatismo. Empenhar-se na busca por uma 'pequena sensação', mas é disso que se trata: *uma vida menor, vazada, precária e apaixonada*<sup>30</sup>.

No bordado contamos apenas com a produção de sensações pequenas, com a coreografia de gestos mínimos, com ações insignificantes, logo esquecidas, desmanchadas, evitadas. É preciso mais do que resistir, é preciso insistir. Exercitar corpos sensíveis, promover lentificações, inventar territórios de silêncio. É preciso silenciar e silenciar-se, suportar

---

<sup>30</sup> Conceitos extraídos da filosofia de Deleuze, Guatarri e Judith Butler.

solidões. Reconciliar-se com sua solidão, para que se possa deixar ir as distrações e se abrir ao encontro do não previsto, do não determinado. Lígia Verdi nos alerta: “Kazuo Ohno diz para não termos receio do Nada, da pausa, do silêncio, pois o espaço vazio é um espaço cheio e é nele que precisamos submergir” (VERDI in OHNO, 2016, p. 19). Olhar as montanhas, que, segundo a Rioco, *transmitem firmeza e determinação*, e pensar nos *silêncios envelhecidos compartilhados*, como diz a Beth. Enxerguei com o passar dos encontros o quanto a vida insiste.

A vida hoje é uma sequência de eventos, e não um desenrolar do tempo. Hoje, a vida é feita de fragmentos, e entretenimento e lazer ocupam o lugar do ócio; “a sociedade da transparência não tolera lapsos de informação nem lapsos visuais, mas o pensamento e a inspiração necessitam de um vazio” (HAN, 2015, p. 17). Rioco, após a comemoração dos cem anos de seu pai, permitiu-se um refúgio. Se ausentar da rotina e do convívio familiar por alguns dias foi essencial, pois, como ela disse: “tive dias muito intensos, que me exigiram muito — do corpo e da mente”. Reconhecer e acolher os afetos produzidos no corpo após dias tão intensos é prática de cuidado de si.

Mas este cuidado já vinha sendo praticado durante o processo de elaboração do um painel bordado para a comemoração. Isso exigiu que cada familiar revisitasse os cem anos vividos pelo Sr. Odityan para que assim pudessem escolher as passagens a serem bordadas. Um passeio pela biografia individual do aniversariante, mas também pela biografia familiar, e que deve ter suscitado várias emoções em cada membro dessa família.



Foto de Rioco. Painel bordado por filhos, netos e bisnetos do Sr. Odityan.

Rioco compartilhou com o Teia de Aranha suas reflexões em torno do aniversário de 100 anos do pai logo ao amanhecer.

### CEM ANOS DO ODIITYAN

*Quero compartilhar com vocês o dia de hoje, entrada do outono, um século de vida do nosso pai. Acordei pensando que algo temos de extrair do fato raro de ter um pai vivo com os filhos adentrando 70 anos... Antes de tudo podemos ver com relatividade a vivência de nossa velhice e que ainda podemos experimentar coisas boas nessa vida. Estamos aprendendo com o pai centenário a sutileza do entendimento sem muitas*

*palavras, a paciência de viver cada dia sem lamentar o passado nem esperar a certeza do amanhã. A ficar contemplando os burburinhos do cotidiano com distanciamento e serenidade. Com o pai centenário estamos aprendendo a aceitar o mistério da finitude e da morte. A humildade de ser maior do que a decadência do corpo. A viver cada instante com a dignidade de quem já conquistou a transcendência do espírito. Tenho a felicidade de compartilhar esses sentimentos com vocês.* (Texto compartilhado pelo Whatsap do Grupo Teia de Aranha em 25 de março de 2018)

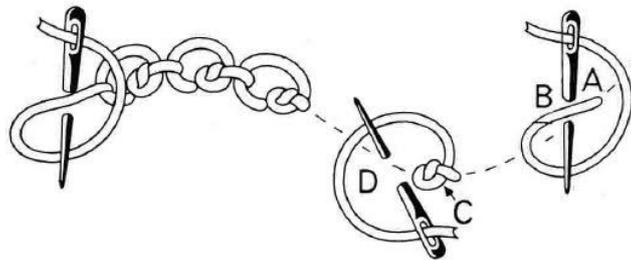
A vida não para de torcer-se, de fazer-se fio. É necessário estar sensível, ter um corpo vibrátil à percepção desse viver, dessa artesanaria invisível. E é aí que entra o bordado como abertura ao sensível, à incorporação de doses de precariedade, à tensão da indeterminação. Colocar-se em movimento é abrir-se à escuta, ao encontro, é pôr-se em diálogo com os materiais do bordado, é implicar o corpo para além da centralidade das normas e dos previstos. É abrir mão de uma relação autocrática utilitarista com o objeto, é superar a instrumentalização e produzir-se em relação sensível. É a relação sensível com o objeto técnico que pode ultrapassar a reconhecimento, a reprodução do já pensado, pois é algo que necessita ser sentido. No entanto, é bom lembrar que o sensível não se restringe apenas ao exercício dos sentidos, vai além, em comunhão com outras faculdades. É nesta direção que podemos afirmar que no encontro, no **[entre]** o bordado e a bordadeira, faz-se nascer uma sensibilidade nos sentidos. E essa ultrapassagem dos sentidos, esse agenciamento com outras faculdades, é produção de sensação, que não é sentimentalismo, mas um *dever*: deixar-se ser afetado e afetar. A sensação trabalhada é um campo problemático que ultrapassa as barreiras empíricas dos sentidos e se torna produção de pensamento. Expressão do bordar como um tecer de si.

Para bordar é preciso um espaço vazio; e para a produção desse cuidado com a vida, que passa pelos afetos, que espaço é necessário? Será que estamos falando do espaço-tempo do **[entre]** já citado? Em homenagem aos cem anos do Sr. Odityan, recorro a um conceito vindo do Japão, o *ma*, para ampliar a reflexão. Para Pilgrim, o *ma* não é um mero vazio ou uma simples abertura; através deles [vazio/abertura] brilha uma luz, e a função deste *ma* torna-se precisamente deixar a luz brilhar através desse vazio/abertura” (PILGRIM in OHNO, 2016, p. 20). *Ma* se refere ao espaço entre coisas. Nas danças e músicas japonesas, esta palavra representa um tempo de pausa, ou uma batida entre palavras que gera um ritmo inesperado. Este parece ser um espaço fértil para a produção de um cuidado que potencialize a vida. Não basta um espaço, é preciso criar o próprio tempo do cuidado.

### Onde estão aquelas que lêem e bordam?

Estão, pois, a viver! Vazadas das formas, a escapar dos modelos preestabelecidos do que seria um bom envelhecimento. Estão habitando as brechas que conseguiram cavar, essa abertura e esse vazio que deixam a luz brilhar e que elas povoam de afetos e intensidades. Estão a efetuar suas próprias potências, uma vez que se constituem nas dobras, enquanto processo, no emaranhado do viver. A vida para elas passou a se compor em pequenos ‘elos em nós’, a marcar o tecido e dar-lhe um estilo peculiar.

#### Ponto de Elos em Nó



Este ponto é feito da direita para a esquerda. Puxe a agulha em A e coloque-a ao longo da linha do desenho, e então com a linha por baixo da agulha e faça um ponto em B que é um Ponto Coral. Passe então a agulha por baixo do ponto entre A e B sem apanhar o tecido, conforme mostrado em C. Com a linha por baixo da agulha, faça um ponto inclinado atravessando a linha em D, bem junto ao Ponto Coral. Puxe então a agulha para formar um Ponto de Cadeia.

Disponível em: <http://tramasepinturas.blogspot.com/2010/10/100-pontos-de-bordado-de-a-z.html> (Acesso em: 25 nov. 2018).

Um estilo, uma estética composta de nós, de marcas que escapam à previsão do modelo, assim como dizem Rioco e Cristina ao falarem da proposta do grupo Teia de Aranha:

Rioco — *Um grupo onde não se tivesse essa divisão entre o que é ideológico, político, cultural, social, acabar com essas divisões e também acabar com essas regras que tem na sociedade numa relação de trabalho qualquer que é o que? A hierarquia, relações de mando, disputa de poder.*

Cristina — *Nesse mundo atual onde tudo desagrega, tudo leva à competição, como poderíamos ir contra essa corrente que nos deixa individualizados e solitários?*<sup>31</sup>

<sup>31</sup> Passagens retiradas do vídeo “Teia de Aranha”. Disponível em: <https://www.facebook.com/instcandeias/videos/458088697709150/> (Acesso em: 25 nov. 2018).

Vida a compor e afirmar marcas. São as marcas que bordam. Modo de existir que pode tornar possível escapar à normalização subjetiva, imposta pela força do poder e do saber médico-científico em relação ao envelhecimento. Deste modo, bordar é a composição de um estilo de vida, uma espécie de forma que se conferiu à própria vida. Uma existência estética, caracterizada por “uma modalidade de trabalho artesanal, árduo e exigente em sua execução”(TÓTORA:2014:p.41).

Rioco — *Mas tem que ser alguma coisa criativa; não ter nada que uma tem que mandar e a outra obedecer. Nada disso! Era muito baseado no que a gente não queria, sabe?*<sup>32</sup>

Na relação consigo, um cuidado de si, um modo de existir alegre que afirma a vida e a velhice, ao invés de se ressentir pelas perdas inerentes ao envelhecimento.

Érika — *Essa mania de a gente se reunir juntas que a gente tem né? De **partilhar momentos bons e momentos desagradáveis, incômodos e a oportunidade de fazer alguma coisa junto de trabalhar com a mão junto, de expor esses momentos e de mesclar as alegrias do que está sendo feito.***<sup>33</sup>

Em um dos encontros de bordado Nair trouxe para a conversa uma preocupação: a solidão na velhice. A conversa começou a caminhar em torno das possíveis causas da solidão no tempo da velhice e nos detivemos mais sobre a perda auditiva, fato que para muitos pode ser uma das causas de solidão neste momento da vida. Mas será que isso acontece a quem age segundo o princípio do ressentimento, ou seja, a quem não reage ao acontecimento e portanto não cria realidade? São pessoas que seguem na mudança, no tempo, no movimento, pois é impossível que isso não as atravesse; mas estes tempo e movimento são os da decadência. Assim, quanto mais o tempo passa, mais fracas, mais doentes, mais impotentes, mais sozinhas essas pessoas ficam. Todos nós, envelhecendo, iremos enfrentar possíveis perdas: audição, visão, equilíbrio, mobilidade... então, como reagir diante desse fato e criar outra realidade? Será que a diferença se dará em podermos conversar com amigas sobre estes assuntos? Trocar experiências, compartilhar as angustias e o cuidado? O assunto naquela noite foi encerrado espontaneamente após Nair recitar o trecho final do poema “Profundamente”, de Manoel Bandeira (1965):

---

<sup>32</sup> Ibidem.

<sup>33</sup> Ibidem.

[...]  
 Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo  
 Minha avó  
 Meu avô  
 Totônio Rodrigues  
 Tomásia  
 Rosa  
 Onde estão todos eles?  
 — Estão todos dormindo  
 Estão todos deitados  
 Dormindo  
 Profundamente.

Ao recitar esse trecho do poema, Nair introduziu outro tipo de surdez, aquela provocada pela ausência da voz do outro, fazendo-nos lembrar que as perdas que acompanham o longeviver não se dão apenas em nossos organismos. Não continuamos com o tema naquele momento e espaço, mas com certeza ele reverberou em nossos silêncios. Naquela noite, voltei para casa pensando como o cuidado com a vida vai sendo tecido, nos vazios e nos silêncios do corpo de cada uma das bordadeiras. Silêncios e vazios produzidos no encontro dos corpos. Cuidado tecido nas dobras e redobras dos encontros dos corpos-fazedores dessas bordadeiras.

A vida é feita de encontros tristes ou alegres, que deixam marcas ou que se apagam da memória, o que importa dizer é que somos resultado dos encontros que temos ou ainda teremos. No encontro, carregamos um pouco dos outros e também deixamos um pouco de nós nos outros.

Nívea — *A gente discute as coisas e ao estar discutindo as coisas a gente está discutindo a vida da gente ... As coisas tristes que acontecem, e nós tivemos muitas coisas tristes, e elas são compartilhadas.*<sup>34</sup>

Cada corpo é um composto de forças capaz de afetar e ser afetado e, a partir dessa afecção, temos a nossa própria potência aumentada ou diminuída. São esses estados afetivos dos corpos que traduzem seus modos de ser, o modo de subjetivação.

---

<sup>34</sup> Passagem retirada do vídeo “Teia de Aranha”. Disponível em: <https://www.facebook.com/instcandeias/videos/458088697709150/> (Acesso em: 25 nov. 2018).

Maria Alice — *É muito importante para a gente ter essa oportunidade de estar junto, e quando a gente começou era um momento muito difícil da minha vida e a gente se sustenta nessa teia.*<sup>35</sup>

Nada é programado na ordem dos encontros, não sabemos o que iremos encontrar pela frente. Mas então, estamos fadados a viver à mercê dos encontros? Não há dúvida de que a vida é esse mergulho na incerteza. A incerteza é o meio em que nos movemos, é quem produz a energia que nos faz avançar e criar. Incerteza como potência para gerar inquietação, movimento, vida, e inventar novos modos de ser. Mas é preciso se preparar para os encontros, não apenas escolhendo os encontros que se quer ter, mas exercitando um cuidado de si que permita enfrentar esses encontros. É um exercício sobre si mesmo, visando não a conservação do que se é, mas, ao contrário, a transformação de si.

No encontro dos corpos nada permanece o mesmo, pois se trata de um encontro de forças que interagem entre si, ampliando-se ou subtraindo-se. O outro é a chave dos encontros, mas esse outro não se reduz a uma pessoa. Paremos para pensar novamente nos encontros que se dão no grupo Teia de Aranha — encontro com amigas, com obras literárias, com paisagens do sertão mineiro, com outros grupos de bordados, com o teatro, com a música, com a dança (jongo dançado pela tia Ana), com os sabores, com a memória, com a política. Inúmeras forças interagindo, dobrando e se redobrando sobre cada corpo, produzindo diferenças, possibilitando a construção dos próprios problemas, a invenção de novos modos de existência e, sobretudo, novos modos de estarem juntas. O que foi e o que será não importa. O que é mais importante é o **[entre]**, lugar onde o movimento acontece, onde se dão os devires. O que há na vida de mais vivo é o que está acontecendo.

Voltando ao tema da solidão, pois foi ele que nos arrastou até aqui, e seguindo com Deleuze & Parnet (1998), é só a partir de uma certa solidão que se dão os encontros. E o que se encontra? Pessoas, movimentos, ideias e o inesperado. Então, o que é um encontro? Não é uma mera contiguidade, não é um mero cruzamento, não é identificação. Significa que cada um daqueles que se encontram é arrastado na direção do outro, mas ambos são arrastados numa direção desconhecida. É ser atravessado por um movimento imprevisto, a uma intensidade desconhecida, mas de tal modo que os dois que se encontram deixam de ser eles mesmos. No caso das bordadeiras do Teia de Aranha, um dos encontros que elas têm é com Guimarães Rosa, que faz corpo com o corpo do bordado, produz-se uma zona de indiscernibilidade **[entre]**

---

<sup>35</sup> Ibidem.

bordado e literatura; um devir-Rosa das bordadeiras. Guimarães Rosa, neste movimento, também foi lançado numa direção outra, a dos bordados. Vejam que não foi com a pessoa de Guimarães Rosa que as bordadeiras se encontraram. Foi com a estrutura “outrem” de Guimarães Rosa, ou seja, um encontro com a expressão de um mundo possível, segundo Deleuze, uma espécie de signo que evoca um mundo possível; um contorno que garante uma mínima harmonia do mundo com o qual eu me deparo; uma espécie de pacificação de elementos que estão à minha volta de tal modo que eles existam pacificamente. “Ele é a doçura das contiguidades e das semelhanças”(DELEUZE, 2015, p. 315).

É preciso se pensar como fazer de si um deserto que possa ser povoado por devires, movimentos, intensidades. Trabalho de criação e reinvenção permanente desse deserto, tomando cuidado para não ser invadido, ficar passivo e à mercê do que entra nesse deserto. Não é o acúmulo de corpos estranhos, mas uma arte da composição e seleção na aliança com a vida. Não se pode afirmar um Eu pré-existente que faria essa seleção, mas um *si* que nasce dessa própria seleção.

A gregariedade é algo que impede o encontro: o compartilhar generalizado das mesmas preferências que impossibilita que exista a distância necessária para se dar o encontro. A gregariedade é algo muito assustador na nossa sociedade, compartilhamos um fundo consensual, compartilhamos certas coisas como se fosse uma opção: “eu” posso escolher. São muitos “eu”, “eu”, “eu”, existe uma fabricação em massa de “eus” que se consideram autônomos. Todo mundo pensa “eu sou eu”, o que cria uma ilusão de singularidade. Nessa gregariedade autocentrada existe um grau de solidão onde não há encontro. Cada “eu” é uma ilha, mas ao mesmo tempo é igual a todo mundo, e esse “eu” é também solitário. Nossa cultura burguesa, centrada no indivíduo e no individualismo, é uma cultura de reafirmação dessa identidade. A ilusão de “eus” autônomos, presos a suas identidades e, assim, menos propensos aos encontros, cria uma solidão negativa. Podemos dizer então, que temos a solidão como fabricação social, co-extensiva à gregariedade — todo mundo junto, mas todo mundo sozinho. Em relação à velhice, vemos isso acontecer em muitos dos programas oferecidos para a “terceira idade”. São atividades determinadas e prescritas pela política de Envelhecimento Ativo, que visa um envelhecimento com qualidade de vida e participação ativa dos idosos mas que não favorece os encontros de que estamos falando e dá uma falsa ideia de escolha e liberdade. Existem nesse programa o controle, o monitoramento, a vigilância e uma ilusão de singularidade em relação aos idosos e seu processo de envelhecimento. Produz-se uma massa de idosos onde são abortadas e estancadas as potências de singularização, que é essa capacidade de se mover numa direção que não está dada de antemão. Hoje, somos tomados pelo tema da

longevidade humana e facilmente capturados por essa outra teia, nada potente, do envelhecimento ativo, como discutimos anteriormente.

Talvez seja importante ressaltar que não estamos negando a existência das solidões forçadas, seja por abandono, descaso, doenças e miséria. Estes são casos que não estão contemplados no âmbito desta pesquisa, mas que podem e devem ser tratados a partir dos mesmos referenciais que utilizamos para direcionar os questionamentos e as possibilidades em torno do cuidado, onde cuidar e apoiar se tornem análogos. Ter como foco a vida em suas formações e processos. Pensando, por exemplo, na população de rua que envelhece, talvez uma das perguntas que possa ser norteadora para o trabalho do SUS seja: como cuidar/apoiar territórios singulares com ofertas que contemplem estas singularidades? Será na aproximação das políticas no/para/com/por meio dos territórios de vida singulares que se fará o cuidado com essa população.

Este território ao qual nos referimos não se reduz apenas a uma região administrativa ou geográfica. Este território diz mais respeito a um ambiente vivo, que tem, por um lado, uma localização geográfica, um perfil populacional, mas que, por outro lado, tem uma dimensão não objetiva, não formada de antemão, uma dimensão que é puro processo de expressão. Com Guattari (1992), vemos que um território existencial não se refere a um território como um ponto em um mapa, estático e já delimitado em si. Mais que uma delimitação espacial, um território existencial é uma localização espaço-temporal. Ele se define a partir de uma localização espacial que é configurada no tempo, ou seja, é um território em constante processo de feitura, sempre sujeito a modificações, desvios e recriações de si mesmo, já que sempre se constitui na relação com outros territórios em movimento. O território existencial existe efetivamente em um espaço relacional, que é uma dimensão não identitária, pois é a dimensão das relações, onde não existem identidades, mas dinâmicas relacionais. Onde não se pode definir um sujeito isolado do outro, um objeto isolado do outro.

As formações no território — seus sujeitos, seus grupos — se formam por meio de um agenciamento coletivo e impessoal de componentes que constituem formas-estados complexos. Esse agenciamento faz emergir formas individuais e/ou coletivas como territórios existenciais auto referenciais, que constituem um corpo individual e/ou coletivo o qual pode ser observado, pode ganhar nome: um sujeito, um grupo, uma cultura. Entretanto, esses corpos estarão sempre em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade também subjetiva, também em movimento (GUATTARI, 1992) — tudo aquilo que margeia o território e suas formações, aquilo que não diz respeito à identidade, mas a relações dinâmicas. Assim, os territórios existenciais são movimentos, expressividades que não pertencem aos seus agentes, a quem

protagoniza o ato de expressar. Pelo contrário, a expressividade que marca e forma esses territórios se constitui em relações, em dinâmicas de movimento sem sujeito. Então, não é a bordadeira e nem o morador de rua quem define seus ambientes de vida, mas é dessa expressividade que emergem os personagens e a cena, a partir de seus movimentos, suas relações. O plano de expressividade faz surgir esses sujeitos e objetos da expressão, ligando a expressão ao plano do coletivo, como diz Passos (2009), ao plano da relação, o que nos faz entender os personagens desse território como constituídos em certos modos de relação. Isso quer dizer que a expressão nasce em um plano de relações, e não na identidade de um sujeito ou território. A expressão é sempre um agenciamento de elementos diversos, sem sujeito. E assim, ao considerar um território existencial, o que temos antes dos sujeitos, são paisagens subjetivas – todo um clima, um ambiente repleto de tonalidades afetivas, que não são passíveis de serem reduzidos a sujeitos já determinados (ALVAREZ e PASSOS, 2009).

No caso do grupo Teia de Aranha, o espaço-temporal em que se constrói o território existencial é a sala de estar da casa de Maria Alice, às terças-feiras, das 20h às 22h. A sala de estar nesse momento se configura como um “fora/dentro” da casa, um espaço existencial envolvido pela casa, mas que escapa às suas dinâmicas; mas também como um “fora/dentro” da sociedade, em relação a seus modos de produção da velhice. No grupo Teia de Aranha, o cuidado é tecido no plano de relações produzido nesse território existencial. Cuidado tecido a partir do estar junto, do acolhimento às diferenças e também na abertura para a produção da diferença por meio do encontro.

Se retomarmos o exemplo dos moradores de rua, a rua se configura como um “fora/dentro” da cidade, que escapa às suas leis oficiais. E aqui neste exemplo, para cuidar da pessoa em situação de rua é preciso se aproximar, contaminar-se de seu território e de seus modos de vida: primeiramente, habitar esse território existencial. Algo difícil, pois o encontro com essa realidade necessariamente coloca em xeque nossa capacidade de cuidado, uma vez que exige que ela seja revista para além daquilo que consideramos aceitável ou normal. Este processo deve atentar ao espaço relacional: como se portar nessa relação? Que ética nos conduz nessa prática? Como intervir sem cair no risco de produzir normalizações, adaptações e modelos preestabelecidos?

Traçamos esse paralelo com o exemplo dos moradores de rua exatamente para mostrar que nossa pesquisa abre possibilidades de se pensar um *cuidado outro*, aquele que potencializa a vida, em diversos âmbitos e situações. Tal prática do cuidado e alianças com a arte, a filosofia e a literatura podem se dar, ou melhor, se tecer ali no sofrimento, na pobreza e na doença. Ali mesmo, onde a vida é frágil, dura, mínima, é onde pode se experimentar um gingado e uma

malemolência no lidar com a vida e com o cuidado; é preciso uma leveza que a saúde, a riqueza, e todos os modelos hegemônicos enrijecem, e fazem até mais difícil esta arte de existir. É justamente nas bordas da vida, nos seus limites e extremos, que a vida pode transbordar. Trabalho infundável, que se atem às coisas mínimas e cotidianas. Talvez tenhamos que realizar um movimento desconfortável, arriscado e perigoso — sermos menos especialistas, experts, médicos, sábios; descentrarmos nossos corpos e práticas dos ambientes majoritários e nos colocarmos ali onde a vida se faz, fazer corpo *com*. Nos aliarmos mais com Estamira (Cf. TÓTORA, 2012; SOUZA, 2013), para retomarmos um experimento singular já abordado no primeiro movimento deste trabalho.

## TERCEIRO MOVIMENTO

### Teia de Aranha: uma rajada de vida



Foto retirada do blog Teia de Aranha

Rioco – *Teia de aranha é o que? É uma coisa meio circular, que tem montes de fios juntando. Depois tem aquele fio que vai estica e forma outro, forma outro...*

Nívea uma das bordadeiras e responsável pelos bolos de aniversário do grupo, teve um problema de saúde e ficou em coma. A doença de Nívea não importa, importa o relato de sua filha Érika, também bordadeira do grupo: “*minha mãe ao despertar do coma perguntou: ‘onde está minha sacola do bordado? Eu quero bordar’*”.

A partir deste relato, me pergunto: as práticas de leitura e bordado mobilizam espaços de arte na vida e nas ações de cuidado e convidam a processos criativos na produção de uma subjetividade não submissa e que dê sustentação às desestabilizações próprias da vida? Posso pensar no gesto de bordar como uma abertura para a se fugir da normalização do cuidado e do modo de existência na velhice? É possível pensar o gesto de bordar, no grupo Teia de Aranha,

como prática artística e corporal que coloca em suspensão modos estratificados de pensar e praticar o cuidado e que provoca impactos que reverberam em várias direções?

Os encontros entre os diferentes corpos no grupo Teia de Aranha movimentam e incitam ao trabalho expressivo, abrindo diferentes canais perceptivos que ampliam sensibilidades, lugares e tempos. Teia de Aranha: uma aposta nas trocas, nas forças do agir e do pensar, que implicam no cuidado de si (FOUCAULT, 2010; 2014b) e que afirmam a vida. Apoiada na leitura de Fernand Deligny (2015), me pergunto: Teia de Aranha, lugar de ser ou lugar de ter?

[...] o que o aracniano nos ensina é que não se trata, para a aranha, de querer, por meio da tessitura de sua teia, ter moscas; é tramar que importa. [...] O aracniano não é um ter, mas, antes, um achado incessante, uma descoberta, pontilhada de surpresas, sendo estas bem estranhas coincidências que só podem ter lugar se o querer permanece limitado ao que pode fazer e ao que lhe diz respeito. (DELIGNY, 2015, p.65-66).

Para o autor, ser é tramar. Quando estava bordando a colcha do Raul, aprendi a fazer um ponto chamado “trama” para bordar a lua. Neste ponto você vai apenas preenchendo a forma desenhada, traçando um percurso que não está pré-determinado. As linhas não são conectoras de pontos pré-estabelecidos para se formar um ponto, a ideia é fazer um entrelaçamento dos fios de forma que eles fiquem atados. Com este ponto, cada lua bordada será diferente da outra, até mesmo se bordadas pela mesma bordadeira, pois é impossível estabelecer um percurso idêntico. E não é assim a vida? Para Deleuze, a vida surge ao longo dessas linhas-fios ou linhas de deriva. Ao longo delas, pontos não são conectados, mas ultrapassados na corrente de movimento. (DELEUZE & PARNET, 1998)



Foto da autora.

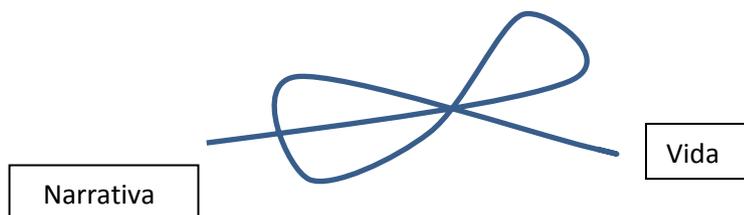
O percurso: um deslocamento e um agrupamento, fugidio ou prolongado, mas sempre perfeito, concluído, o que não quer dizer preenchido. Sem programa, sem intenção, sem preenchimento — sem interioridade, sem segredo. Nem paisagem, nem rosto, ou é rosto desdobrado, ou ainda um rosto segundo suas dobras, não o espelho de uma alma, mas o lugar de uma verdade presente. (NANCY, 2000, p. 116).

Quais mundos se tecem a cada ponto? É essa pergunta que vai direcionar este movimento. No primeiro movimento da pesquisa trouxe o percurso do grupo Teia de Aranha e o processo de feitura dos bordados a partir do texto da Beth, bordadeira e pesquisadora. Agora trarei o percurso do grupo através das vozes das bordadeiras, em diferentes momentos e espaços, para continuar pensando como é tramada a vida neste grupo. Farei grifos nas palavras ou passagens chaves que são como fios lançados, que ao serem tramados produzem uma vida potente. Buscar quais são “os caminhos ao longo dos quais a vida é vivida. [...] Não podemos ir de um lugar ao outro saltando o mundo” (INGOLD:2015: p. 224-225).

## A arte, o bordado... a vida nas bordas e nas dobras

Contar é muito dificultoso.  
 Não pelos anos que já se passaram.  
 Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas  
 de fazer balancê, de se remexerem dos lugares... (ROSA, 2001, p. 241)

Esta passagem do *Grande sertão: veredas* se encontra na foto de capa do blog do Teia de Aranha<sup>36</sup>, que foi criado para contar as trajetórias, experiências e os bordados feitos pelo grupo. Pelo trecho escolhido para abrir o blog, parece que elas sabem do desafio que é manter um blog ativo, sempre alimentando-o com histórias. Segundo Ingold (2015), contar histórias envolve um certo tipo de laçada que se assemelha à laçada do bordado: “na ação da agulha a linha cresce através dos repetidos laços do fio-linha entre onde o ponto encontra a superfície e onde o fio encontra o buraco da agulha. Contar histórias envolve um laço semelhante da experiência presente para conectá-la àquela do passado” (INGOLD, 2015, p. 281).



“Figura 13.2. Narrativa e vida. Na narrativa, as ocorrências passadas são atraídas para a experiência presente. O presente vivido, no entanto, não é definido a partir do passado da história. Ao contrário, passado e presente são contínuos.” (INGOLD, 2015, p. 237).

Para seguir esse movimento, sugiro que fiquemos com a pergunta que o próprio Ingold formula, e que pode abrir o campo de reflexão uma vez que essas bordadeiras bordam a partir de obras literárias: “A relação entre vida como é vivida, e sua reencenação narrativa, é semelhante àquela que existe entre escrever e bordar?” (INGOLD, 2015, p. 281).

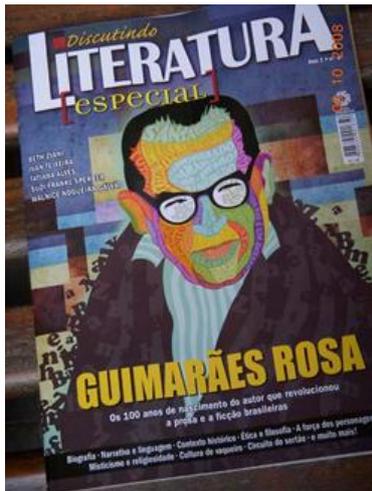
Rioco — *Teia de Aranha se reúne todas as quintas à noite na casa da Maria Alice. Às vezes o grupo fica encolhido, pode ter 2 ou 3 pessoas. Mas seguimos firmes mantendo a regularidade dos encontros. Bordamos juntas, sempre temos uma mesinha com suco*

<sup>36</sup> Disponível em: <http://grupoteiadearanha.blogspot.com/> (Acesso em: 11 dez. 2018). Os trechos atribuídos às bordadeiras do grupo reproduzidos nesta seção foram retirados do blog.

*e coisinhas gostosas feitas pela Ilma ou trazidas por alguém. Falamos o que vier à telha, às vezes quebramos o pau por qualquer motivo relacionado ou não com o bordado, rimos muito. Assim vamos esticando nossas teias para lá e para cá... Eu já nem me lembro direito como era a minha rotina de vida antes desses encontros semanais.*

Rioco — *Gente, um novo grupo de bordado renasceu nesse ano, ainda sem nome. São 5 ou 6 pessoas se reunindo na casa da Cleuzer bordando o tema do parto/nascimento. Vai daí que a Isa e a mãe dela, a Ana, que frequentam o Matutu me convidaram para organizar uma oficina de bordado com as mulheres de lá. Eu topei na hora porque eu adoro fazer oficina. A Isa me perguntou se tem algo escrito sobre a tal oficina. Então resolvi colocar esse texto nesse blog nascente do nosso grupo Teia de Aranha, Eu, a Cris e a Beth temos feito muitas oficinas por aí, principalmente em alguns municípios do sertão mineiro (Morro da Garça, Cordisburgo). A oficina nada mais é que um encontro de pessoas em torno de um tema, um assunto, um interesse. No caso do bordado, a proposta é o aprendizado do bordado (como bordar, os pontos) mas a gente gosta mesmo é de botar as pessoas para criar imagens através do bordado. Demos o nome ao nosso estilo de bordar de "bordado livre" pois fazemos questão de respeitar a maneira pessoal de bordar. Sempre propomos um tema que pode ser intermediado por um texto literário ou não, e colocamos como desafio a criação e a construção coletiva do bordado. É incrível a grata surpresa e a emoção de apreciar um bordado feito coletivamente. No grupo podem participar pessoas de diferentes idades e condições sociais, pode ter 3, 6, 10, 15 ou 20 pessoas, é legal do mesmo jeito! Tentei explicar mas é só participando para pessoa saber como é.*

Rioco — *Saiu nas bancas um número especial da Revista Discutindo Literatura dedicada aos 100 anos de nascimento de Guimarães Rosa. Graças ao empenho da nossa amiga Simone do grupo Mãos de Ariadne que me procurou as vésperas de minha longa viagem à Espanha e a ponte que foi feita com a Beth Ziane saíram muitas ilustrações dos nossos bordados na revista, além de 2 artigos da Beth e outros "roseanos". As fotos em zoom são do painel "Buriti" e do painel sobre a vida de Guimarães Rosa que o grupo está bordando e ainda não foi mostrado para o público.*



Fotos retiradas do blog Teia de Aranha.



Fotos retiradas do blog Teia de Aranha.

Rioco — *Fiquei satisfeita com a edição e a qualidade das fotos e parablenizo a equipe toda da revista, em especial a Lina. E a Nivea que tanto se empenhou em juntar as Aranhinhas lá no estúdio naquela manhã. Achei bem importante o nosso bordado ser divulgado e o nosso jeito de transformar Guimarães Rosa em imagens. Só não gostei de ser referida na matéria como alguém que não sabia nada de bordado, aqui fica o meu protesto a bem da verdade. Também tenho de corrigir a matéria e esclarecer que os painéis do Grande Sertão são cinco e não seis. Afora esses pequenos erros, só falta explicar que o painel "Campo Geral" (alguns pedaços de bordado aparecem na revista) foi bordado pelo "Mãos de Ariadne", grupo de bordado que nasceu inspirado na Teia de Aranha (ver blog Espaço Ciranda<sup>37</sup>). Quero também informar que o painel "Sorôco, sua mãe e sua filha" foi bordado pela equipe de enfermagem do setor de Saúde Mental do Centro de Saúde-Escola do Butantã da USP, fazendo parte da discussão sobre sofrimento no trabalho (2001).*

<sup>37</sup> <http://espacociranda.blogspot.com/2008/05/moslinhaslaosteia.html>

Maria Alice — *Encontrar algo bordado por mim em páginas de uma revista de literatura é algo parecido com um sonho. Confesso que mais esta iniciativa das amigas da Teia de Aranha me surpreendeu, apesar de eu ter, de alguma forma, participado, como guardiã temporária dos bordados, que foram transportados para serem fotografados e depois voltaram. Como mágica, também, participar da tecitura de cada um deles, ao longo de anos de encontros semanais, parece que vai remendando mágoas, construindo uma sustentação para tornar mais suportável minha sobreViVência. Agradeço a todas, e também a Mimi.*

Rioco — *Mãos, linhas, laços ... teia! Acabei de ver os 2 blogs-irmãos e me senti enroscada numa teia de aranha. Às vezes faço confusão dos grupos e dos bordados porque cada vez mais nossas mãos estão se entrelaçando. A sacola do meu netinho Luís por exemplo, fiz o risco, comecei a bordar, levei pra turma do Laços formado por tias-avós e primas do Luisim<sup>38</sup> e algumas Ariadnes<sup>39</sup> completaram o bordado e montaram a sacola. Vi as fotos das bonecas que saíram como atividade integrada entre a Cleide e eu (Ariadnes) e o grupo da Teia. Eu e Cristina fomos até o Morro da Garça e fizemos oficina de boneca que a Cleide nos ensinou. **Todo esse emaranhado não é a própria imagem de uma teia de aranha? Ah, tem mais linhas se cruzando**, surgiu outro grupo de bordado (ainda sem nome) no bairro de Santa Cecília (trabalhando o tema do parto, gestação), uma filial em Fortaleza (grupo Iluminuras) aglutinada pela Neuma, uma das fundadoras da Teia. E tem um pessoal lá no Chile (ver mensagem no blog dos Laços aglutinado pela amiga da Tochico, minha irmã. Não é o máximo?<sup>40</sup>*

Rioco — ***Primeiro a imagem.** A gente nem sabia que ia formar um grupo de bordado e veio uma imagem de **teia de aranha**. Visualmente para concretizar essa ideia, que seria como uma teia de aranha, que **a gente estaria junto e desse fio poderia surgir outros fios que teriam uma ligação de uma coisa com outra e com outra.**<sup>41</sup>*

<sup>38</sup> Disponível em: <http://lacosetracose.blogspot.com> (Acesso em: 25 nov. 2018).

<sup>39</sup> Disponível em: <https://maosdeariadne.wordpress.com/2011/01/21/maos-de-ariadne-construindo-sonhos>. (Acesso em: 25 nov. 2018).

<sup>40</sup> Trecho retirado do blog Espaço Ciranda. Disponível em: <http://espacociranda.blogspot.com/2008/05/moslinhaslaosteia.html> (Acesso em: 25 nov. 2018).

<sup>41</sup> Passagem retirada do vídeo “A tia e a teia”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RqvXsNgRLWo&feature=youtu.be> (Acesso em: 25 nov. 2018).

## Mãos de Ariadne: um fio que se liga com outro



Foto da autora.

O grupo Mãos de Ariadne nasceu da iniciativa da filha da Rioco juntamente com suas amigas, inspiradas pelo grupo Teia de Aranha.

### **Mãos de Ariadne, construindo sonhos**

Ponto a ponto, a linha vai marcando o tecido e dando vida aos projetos do Mãos de Ariadne, que nasceu em 2004 quando seis amigas viram no bordado uma oportunidade de fazer arte e construir algo em conjunto. Buscaram a ajuda de Rioco para ensinar os

pontos. Em 2010 já eram 12 mulheres — inclusive a Rioco, que nunca deixou o grupo —, e muito mais do que os tecidos, os pontos do bordado foram marcando cada uma das integrantes, que deixam suas casas uma vez por mês, aos domingos à tarde com o único objetivo de participar de um projeto coletivo que decora a parede de uma criança, a cama de um casal, o berço de um recém-nascido... Não faltam projetos, não falta vontade. Talvez tempo, mas esse não parece ser um problema.... Porque essas mãos têm necessidade de se encontrar!<sup>42</sup>

Silvio Fudissaku — *O grupo acredita no bordado como antídoto para males contemporâneos que envenenam as relações interpessoais. Contra a produção massificada e descartável, a criação perene e personalizada. Numa era de individualismo exacerbado, o elogio ao empenho coletivo.*<sup>43</sup>

Bordar o encontro, nascimentos, aniversários, batizados, casamentos e, assim, celebrar a vida. Bordar é enfeitar o tecido. Bordar é um gesto que, parafraseando o poeta Manuel de Barros, se repete, se repete, até ficar diferente. Mas o que fica diferente? É a vida que se diferencia a cada ponto. Vida tramada nos fios e pontos do bordado.

O Mãos de Ariadne também tem um vídeo<sup>44</sup> produzido pelo Instituto Candeias<sup>45</sup> em parceria com o Instituto Mpumalanga e Casa Brasileira. A seguir, transcrevo algumas falas das Ariadnes no vídeo:

Rioco — *Você se expressa tentando explicar o que o mundo oferece para nós.*

Cristiane Vieira — *Através do bordado, você pode ali expressar muito das nossas emoções, dos nossos sentimentos, das relações.*

Rioco — *Você coloca o que você é naquilo que você faz. Tanto na pintura, no bordado, como nas artes em geral, eu acho.*

<sup>42</sup> Disponível em: <https://maosdeariadne.wordpress.com/2011/01/21/maos-de-ariadne-construindo-sonhos/> (Acesso em: 25 nov. 2018).

<sup>43</sup> Disponível em: <http://espacociranda.blogspot.com/search/label/Conversas> (Acesso em: 25 nov. 2018).

<sup>44</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6pKZ10epaNg> (Acesso em: 25 nov. 2018).

<sup>45</sup> Ver: <https://www.facebook.com/instcandeias/> (Acesso em: 25 nov. 2018).

Ana Maria — *Nosso bordado não é aquele que você fala: nossa, qual é o lado certo? É o avesso ou é a frente? Para nós o avesso tem que ser como ele é. Cada uma aqui tem um avesso diferente. Todo mundo borda, mas você vê a diferença nítida que são pessoas diferentes bordando.*

Rioco — *O bordado de cada uma expressa a pessoa, o jeito daquela pessoa. Ela começa a aparecer no próprio jeito de bordar e nos pontos também. Por que a gente não fala assim: ah, isso aqui não, está feito. A gente troca opiniões, fala: o que você acha dessa cor... aí tudo bem. Uma influencia a outra. A gente borda porque é gostoso bordar e é um pretexto para a gente se encontrar.*

Simone — *A gente tem uma grande família, todas são familiares para a gente.*



Foto retirada do blog Mãos de Ariadne.<sup>46</sup>

## O que importa são os modos de viver



Foto retirada do blog Mãos de Ariadne.

<sup>46</sup> Disponível em: <https://maosdeariadne.wordpress.com/quemsomos/> (Acesso em: 25 nov. 2018).



Foto da autora.



Foto da autora.

Qual é o modo de viver dessas bordadeiras? Vidas que nunca estão exclusivamente aqui ou ali, vividas neste ou aquele lugar, mas sempre no caminho de um lugar ao outro. Vidas que desdobram-se não em lugares, mas ao longo de caminhos e que, ao prosseguirem um caminho, deixam uma trilha (INGOLD, 2015). Assim, onde as bordadeiras se encontram trilhas são entrelaçadas conforme a vida de cada uma vincula-se à de outra. Isso se estende para encontros com outras pessoas que não sejam bordadeiras, como os cantores, artistas, contadores de histórias que atravessam os caminhos do grupo. A partir dos relatos e percursos dessas bordadeiras, estamos pensando esse tipo de movimento que observamos como peregrinação, uma vez que:

[...] o peregrino está continuamente em movimento. Mais estritamente ele é o seu movimento. [...] Na verdade o peregrino não tem destino final, pois onde quer que esteja, e enquanto sua vida perdure, há algum outro lugar aonde pode ir. [...] Para o peregrino, no entanto, o mundo não é apresentado como uma superfície a ser atravessada. Em seus movimentos, ele costura o seu caminho *por* este mundo, ao invés de *atravessá-lo* de um ponto a outro. [...] O que formam, como já vimos, não é uma rede de conexões ponto a ponto, mas uma malha emaranhada de fios entrelaçados e complexamente atados. Cada fio é um modo de vida, e cada nó um lugar. (INGOLD, 2015, p. 221- 224, grifos do autor).

Grupo Teia de Aranha, uma rajada de vida. Mulheres que tecem agenciamentos, territórios, fluxos e vida. Bordar para afirmar a vida. Arte do bordado como cuidado de si, modos de existir por uma estética da vida. “Viver — isto significa, para nós, transformar continuamente em luz e flama tudo o que somos, e também tudo o que nos atinge; *não podemos agir de outro modo*” (NIETZSCHE, 2012, p. 12, grifos do autor).

Esses corpos-fazedores das bordadeiras, ao saírem do território existencial criado pelo bordado, continuam gestos que cuidam da casa, da família, do trabalho e de si. Mas esses gestos agora estão atravessados pelas marcas deixadas pelos outros corpos-fazedores, com suas diferentes vozes e olhares; pelas histórias lidas ou contadas nos encontros. Elas afetaram e foram afetadas. Talvez seja essa experimentação do bordado, que favoreça a plasticidade do pensamento e promova a ativação do artístico e sua expressão em outros momentos da vida cotidiana. A composição de uma diagonal entre o bordado e o cuidado de si, para ampliar a capacidade de instauração de um campo de saberes e viveres com base numa estética da existência. Bordar, ler, narrar histórias, cantar, dançar — experiências atemporais que se dão junto ao corpo-fazedor e seus processos de subjetivação e que permitem que se vivencie o cuidado de si como promotor de uma ‘grande saúde’:

[...] ou seja, de nova saúde, mais forte alerta alegre firme audaz que todas as saúdes até agora. [...] a *grande saúde* — uma tal que não apenas se tem, mas constantemente se adquire e é preciso adquirir, pois sempre de novo se abandona e é preciso abandonar... (NIETZSCHE, 2012, p. 258-259, grifo do autor).

Amizade possibilitando o enfretamento das incertezas inerentes aos encontros e produzindo vida em expansão. Não é possível selecionar ou evitar determinados encontros, como é o caso da morte ou de uma doença. A questão é o domínio dos afetos produzidos pelos encontros. É sobre os afetos produzidos que se deve pensar, mesmo os mais alegres. É preciso sair de um estado de passividade em relação a esses afetos. Estamos falando aqui de uma arte dos encontros, que nos parece ser potente tanto no grupo Teia de Aranha como no Mãos de Ariadne e que passa pela amizade. Amizade que “diz respeito a *devires*, a condições de afirmação para miríades de associações pautadas na diferença na igualdade, na construção de novas subjetividades, de realizações prazerosas dos desejos” (PASSETTI, 2003, p. 39). As relações de amizades estabelecidas nos grupos Teia de Aranha e Mãos de Ariadne possibilitam

a produção de práticas de si enquanto produção de verdades e afirmam modos de subjetivação<sup>47</sup> que resistem aos modos de ser prescritos aos velhos em nossa sociedade.

A arte do encontro requer uma preparação que leve em consideração as forças que compõem ou decompõem a relação. Isto significa pensar os corpos e suas relações a partir das relações de poder, das intensidades, das forças que operam num modo existente.

Eis porque o esforço para perseverar, aumentar a potência de agir, experimentar paixões alegres, elevar ao máximo o poder de ser afetado, por mais que sempre se efetue, só se logra na medida em que o homem se esforça por organizar os seus encontros: isto é, entre os outros modos, se esforça por encontrar aqueles que convêm com a sua natureza e se compõem com ele, e por encontra-los sob os mesmos aspectos em que convêm e compõem. (DELEUZE, 2002, p. 108).

Outro ponto importante é que o encontro entre corpos provoca uma produção de subjetividade por meio da dobra da força sobre si que resulta dessa relação. Uma inflexão da força, uma dobra do pensamento sobre si mesmo, exige uma experiência de cuidado de si. Cuidar para quê? Para combater o poder que torna as vidas tristes, para ampliar a sua potência, isto é, sua alegria. Não apenas ser afetado exteriormente, mas ser capaz de uma autoafecção. A preparação para os encontros submete o que acontece ao crivo da vida, do aumento da potência, da alegria, que não é só sua, mas de todos e do todo. Esse é o trajeto da ética com estética da existência.

Se as potências de cada corpo, os modos de existir e os modos de subjetivação dependem dos encontros, o trabalho que se deve fazer é no sentido de organizar os encontros. É possível se organizar para ter o maior número possível de encontros alegres a ponto destes se sobreporem aos encontros tristes. Segundo Deleuze (2002), o esforço de organizar os encontros é primeiramente o esforço para formar a associação dos homens sob relações que se compõem. Não é isso que podemos observar em cada bordadeira e na dinâmica do grupo Teia de Aranha? Ter em si mesmo a melhor companhia e também nos amigos que as provocam e aumentam a potência de vida de cada uma delas?

Cuidado de si estabelecido através da ética dos amigos e da arte dos bons encontros. Vemos que esse cuidado não se traduz num abandono nem do mundo, nem de si, mas do que

---

<sup>47</sup> A subjetivação é sempre ética, ou seja, está de acordo ao conjunto de regras facultativas que avalia o que fazemos, o que dizemos, em função do modo de existência que isso implica, e se opõe, como bem salientou Deleuze, à moral que se apresenta como um conjunto de regras coercitivas de um tipo especial, que consiste julgar ações e intenções referindo-se a valores transcendentais (é certo, é errado...), ao código moral, participante ativo da relação saber-poder (DELEUZE, 2002).

as cerca e que pode diminuir a potência de vida. Observa-se uma mudança do olhar. Conversão do olhar de fora para dentro. É assim que elas resistem ao cuidado, poder e saber médico-científico em torno da velhice e da vida na nossa sociedade, criando a si próprias e acolhendo o fluxo do devir. Trata-se, portanto, de colocar o cuidado sobre outra perspectiva: a da vida e da produção de bons encontros. Conforme os relatos acima, esse cuidado caracteriza-se pela invenção de modos de vida tecidos nos emaranhados de linhas, agulhas, conversas, oficinas, viagens — com deslocamentos e sem sair do lugar — que se materializam no bordado.

### **Trama tecida a partir do encontro com a literatura e a poesia**

É a expressão do desejo do homem de triunfar sobre a realidade, sobre a transformação. O sonho artístico do impossível, do miraculoso, resulta simplesmente de sua inabilidade de se adaptar à realidade. Ele cria, assim, uma realidade própria – no poema –, uma realidade que lhe convém, uma realidade em que pode viver integralmente os seus desejos, anseios, sonhos. O poema é o sonho feito carne, num duplo sentido: como obra de arte e como vida, que é uma obra de arte. Quando o homem se torna inteiramente consciente de sua capacidade, de seu papel, de seu destino, ele é um artista e cessa de lutar com a realidade. [...] Vive integralmente o seu sonho do paraíso. Transmuta sua experiência real de vida em equações espirituais.[...] Cria um mundo impossível com uma linguagem incompreensível, uma mentira que encanta e escraviza os homens. Não é que seja incapaz de viver. Pelo contrário, seu gosto pela vida é tão forte, tão voraz que o força a se matar repetidamente. Morre muitas vezes para poder viver inúmeras vidas. (MILLER, 1986, p. 9).

No grupo Teia de Aranha o encontro com a literatura e a poesia se dá através da leitura de obras literárias, do autor escolhido pelo grupo, para compor o projeto de bordado. Para Cabral (2006), a leitura pode ser entendida enquanto experiência inventiva e de produção de subjetividade. Partindo da perspectiva do leitor, ela propõe uma diferenciação entre uma leitura de aquisição de informação e uma leitura de acolhimento ou à espreita. A primeira é uma prática segura e confortável, onde o leitor não se coloca em risco e não se abre para que encontros aconteçam, mas pretende apenas reafirmar suas crenças e concepções de mundo, fazendo uma leitura autocentrada e buscando somente adquirir conhecimentos. Desta forma, são mais reduzidas as possibilidades de que ele venha a se transformar com a leitura. Já a leitura que a autora nomeia de acolhimento ou à espreita é característica de uma cognição inventiva. Esta parece se aproximar da maneira de ler das bordadeiras do grupo Teia de Aranha, pois é aquela

em que o leitor adota uma disposição para acolher o que vem do texto, estabelecendo uma relação intensa, de entrega, que pode levar à criação de outras possibilidades de relação consigo, com o mundo e com a alteridade. O leitor se libera para que ocorram transformações a partir do que leu e das ressonâncias que se deram nele. Assim, o leitor redireciona a atenção para si, estabelecendo uma relação consigo mesmo que não pertence à dimensão cognitiva e que também não é reflexiva, mas que se dá no plano de produção de subjetividade. Após a leitura, ou mesmo nas interrupções que podem ocorrer durante a própria leitura, coloca-se a necessidade de um tempo vazio. Nessa espera, há uma mudança na qualidade da atenção que passa daquela que busca para aquela que acolhe. Se o leitor conseguir sustentar esse vazio sem preenchê-lo, permitindo que o texto ressoe nele, poderá ocorrer a evidência intuitiva: a emergência de algo que nos habitava, mas de que não tínhamos conhecimento e que, por isso, pode nos surpreender. Em uma leitura à espreita o encontro com a literatura pode levar a uma experiência imprevista, inventiva, de encontro consigo mesmo e com a alteridade. Assim, pode se constituir um acontecimento de pluralidade, produção de sentidos e de subjetividade, uma abertura para a invenção. No caso do nosso grupo de bordadeiras, essa invenção também passa pelo gesto de bordar, onde o que será bordado é gerado nessa atenção que acolhe e gestado nesse tempo vazio que se cria após uma leitura.

Assim, bordar a partir da leitura de romances, contos ou poesias é permitir que mundos outros habitem cada bordadeira. É sentir o infinito tramar da vida, não como uma rede, mas como uma malha, um emaranhado de linhas e caminhos, como nos sugere o antropólogo Tim Ingold. Linhas que não se conectam, ao longo das quais se percebe e age. Linhas que formam trilhas que, juntas, compreendem a textura do mundo da vida. O autor parte da análise da obra de Rebecca Solnit, que “compara a escrita ao desbravamento de um caminho, e a leitura à viagem”. Para Solnit, “escrever é desbravar um novo caminho através do terreno da imaginação [...] ler é viajar por esse terreno com o autor como guia” (SOLNIT apud INGOLD, 2015, p. 283). O antropólogo defende, então, que a leitura deve ser também uma prática visual, indo contra outros estudiosos que descrevem o texto escrito como um meio não visual, em contraste com o meio da imagem.

Qual é a diferença, então, entre o observar e o olhar que continuam à medida que se caminha, respectivamente, no terreno da imaginação e naquele na vida real? Podem estes terrenos sequer serem distinguidos? Se, por um lado, e como Elkins sustenta, a imaginação “é um lugar habitado por imagens”, então talvez a leitura e a escrita se envolvam com imagens de uma maneira que o passeio normalmente não o faz. (INGOLD, 2015, p. 284).

Ao nos depararmos com os bordados do grupo Teia de Aranha, não podemos deixar de concordar com as posições de Cabral e Ingold. Como já dissemos anteriormente, os textos dos autores escolhidos pelo grupo são sempre base para a elaboração das imagens bordadas. Guiadas pelo autor, as bordadeiras adentram as paisagens dos territórios físicos e existenciais de cada personagem. São afetadas e, com isso, desbloqueiam a imaginação mergulhando em processos criativos e inventivos que resultam nas belas imagens bordadas — gestadas naquele momento da atenção que acolhe e geradas no tempo do vazio, que elas suportam muito bem e que é necessário para que esse processo inventivo ocorra.

Retomemos o primeiro bordado do grupo, o painel do *Grande sertão: veredas* mas agora com indicando as passagens<sup>48</sup> da obra de Guimarães Rosa lidas pelo grupo e que geraram as imagens bordadas.

---

<sup>48</sup> Passagens indicadas por Ziani (2017, p. 107).



Foto de Gustavo Cadaval.

*Era o mauelzinho-da-crôa, sempre em casal, indo por cima da areia lisa, eles altas perninhas vermelhas, esteiadas muito atrás traseiras, desempinadinhos, peitudos, escrupulosos cantando suas coisinhas para comer alimentação. Machozinho e fêmea – às vezes davam beijinhos de biquiniquim – a galinholagem deles. – “É preciso olhar para esses com um todo carinho ...” – Reinaldo disse. ( ROSA, 2001, p. 192)*



Foto de Gustavo Cadaval.

*Nhorinhá, filha de Ana Duzuca: um dia recebi dela uma carta: carta simples, pedindo notícias e dando lembranças, escrita, acho que, por outra olheia mão... Mas a carta gastou uns oito anos para me chegar; quando recebi, eu já estava casado. Carta que se zanzou para um lado longe e para outro nesses sertões, nesses gerais... Ela tinha botado por fora só: riobaldo que estava com Medeiro Vaz. ROSA, 2001, p. 139)*



Foto de Gustavo Cadaval.

*Otacília comecei a conhecer, nas serras dos gerais, Buritis Altos, nascente de vereda, Fazenda Santa Catarina. Que quando só vislumbrei graça de carinha e riso e boca, e os compridos cabelos, num enquadro de janela, por o mal aceso de uma lamparina. (ROSA, 2001, p. 246).*



Foto de Gustavo Cadaval.

*“[...] era uma flor branca... E essa flor é figurada, o senhor sabe? Morda em que tem moça, plantam dela em porta da casa-da-fazenda. De propósito plantam, para resposta e pergunta. Eu nem sabia. Indaguei o nome da flor. - “Casa-comigo...” – Otacília baixinho me atendeu.” (ROSA, 2001, p. 248)*



Foto de Gustavo Cadaval.

*O meu Urucúia vem, claro, entre escuros. Vem cair no São Francisco, rio capital. O São Francisco partiu minha vida em duas partes. (ROSA, 2001, p. 392).*



Foto: Gustavo Cadaval.

*Diadorim, Diadorim, oh, ah, meus buritizais levados de verde... Buriti do ouro da flor...* (ROSA, 2001, p.737)

Será que as imagens não representam coisas, mas sim nos ajudam a encontra-las? [...] Será que são desenhos ou pinturas *de* coisas no mundo, ou será que são *como* as coisas no mundo, no sentido de que temos que encontrar nossos caminhos através e entre eles, habitando-os como fazemos com o próprio mundo? (INGOLD: 2015: p. 284-285).

Somente habitando as imagens é que as bordadeiras puderam encontrar o sertão e, assim, criar os bordados. Trilharam os próprios caminhos para encontrar o sertão, pois sabem que *o sertão é dentro da gente*. Dobras e redobras que culminam no processo criativo do bordado e que também fortalecem o processo inventivo da própria vida como obra de arte. A necessidade de *falar ao mundo* a partir da obra possibilita a criação de si mesmo.

O grupo Teia de Aranha, ao bordar a partir da leitura de obras literárias, vivencia uma experiência estética inventiva, de passagem, de fluxo, de trânsito. A potência do deslocamento que, ao contrário de convocar para pensar apenas nos domínios da arte, dá novos impulsos a uma experiência estética que se faz justamente na distância que pode-se tomar da obra, acolhendo o tempo do vazio e estando à espreita. Assim, além do processo inventivo, que gera as imagens para os bordados, abre-se um campo para que novos possíveis sejam inventados nos espaços e vivências cotidianas de cada bordadeira. No trajeto entre um e outro podem se transformar, perceber como experimentam uma dimensão estética da experiência se mantendo ligadas aos espaços e tempos cotidianos, com seus ritmos lentos, com poucos acontecimentos e sensações. Assim, elas entram na obra fazendo a ponte entre o espaço literário e as tensões típicas da vida cotidiana e doméstica, seus embates, seus tempos e sua dinâmica. As obras, naturalmente, situam-se no campo da arte, mas se desterritorializam para reterritorializar a vida cotidiana com tempos e memórias percebidos de outra forma.

### **E os fios não cessam de se entrelaçar**

Na viagem ao Morro da Garça, conheci José Antonio Braga Barros, professor e poeta, amante da obra de Guimarães Rosa, que também participava das atividades do “Encontro de Arte e Cultura ao pé da Pirâmide do Sertão”. As atividades foram diversas, sendo uma delas um sarau organizado para entregarmos ao viúvo de Marily da Cunha Bezerra (já citada no primeiro movimento desta pesquisa) sete garças bordadas por bordadeiras que estavam participando do evento.



Foto da autora.

Neste sarau, Braga declamou uma poesia de sua autoria e com a qual ele presenteou a bordadeira Rioco, que idealizou o bordado e o sarau.

*O que é bordar?*

*Antes de tudo, bordar é um risco.*

*Um pensamento, uma intenção.*

----

*Bordar é uma habilidade,*

*- Independente de idade, crença, nacionalidade –*

*comum a todos os povos.*

----

*Bordar é uma ação humana,*

*pode ser, rigorosamente, um gesto solitário,*

*- Bispo do Rosário está aí para nos confirmar -*

*mas também, todos nós sabemos,*

*é quase um parto humanitário, uma atividade agregadora.*

----

*Em cada roda de bordado, cada um, com seu vai e vem*

*de agulhas, linhas e lãs vai superando os riscos,  
dando relevo, enlevo, cor e forma  
a um novo desenho.*

----

*Bordar é um ato transformador.  
Bordar dá visibilidade ao bordado  
e as bordadeiras.*

----

*Bordar é um tecer de histórias,  
É um entrelaçar de mãos sobre os panos e,  
em outros planos: amarrar, no bom sentido,  
abarcas, abraçar, aproximar, irmanar pessoas,  
mais do que isso, unir pensamentos, ideias,  
sonhos e projetos.*

----

*Bordar é construir lindeza.  
Bordar é mostrar que é possível,  
furando túneis e conduzindo cores, ponto a ponto,  
silenciosamente, falando, chorando, rindo ou cantando,  
tornar mais belo, fraterno e humano o universo,  
mesmo com o avesso cheio de nós<sup>49</sup>.*

O lugar da poesia é o lugar da composição. A poesia traz em si mesma e desperta, em cada um que afeta, as forças do impulso criador. Tempo e espaço povoados de intensidades.

Nas dobraduras, nos encontros e desencontros, nas aproximações e distanciamentos com outras linguagens e outros corpos, é a própria vida que compõe novas formas, novas possibilidades, e reinventa-se em recepções e difusões vivas. Vidas que ultrapassam a dicotomia entre ficção e realidade e estão abertas ao estranhamento e ao estrangeiro, que produzem territórios sensíveis e afetivos, que abandonam a dialética do outro e do mesmo. Não se trata de oposição, mas de algo mais radical, de diferenciar-se de si mesmo.

---

<sup>49</sup> José Antonio Braga Barros. Transcrição de poema declamado no sarau realizado no Morro da Garça em 2017.

As relações não são interiores a um Todo, é antes o todo que decorre das relações exteriores em tal momento e que com elas varia. Por toda a parte as relações de contraponto devem ser inventadas e condicionam a evolução. (DELEUZE, 2011, p. 80).

Assim, a cada itinerário, deslocamento e encontro a vida é tramada por estas bordadeiras, respeitando-se o tempo de cada uma delas, as pausas necessárias para um olhar e uma escuta mais apurada, atenta e acolhedora do que o momento oferece. A cada instante, decidem sobre seus bordados e si mesmas. Mulheres em movimento e transformação, num constante processo de afirmação da vida, onde o que importa, mais do que os encontros e o que se passa nesses encontros, que devires surgem, o que se passa de vida nessas possibilidades que são abertas e criadas. E, assim, as molaridades vão sendo quebradas e outros modos de ser e de convívio vão sendo produzidos. Novas **[c]o[m]posições** de bordados e da própria vida.

O grupo Teia de Aranha cria um novo plano de imanência, uma nova imagem de pensamento em torno do bordado, ao renunciar os seus fundamentos históricos e culturais, e assim circunscrevem novos limites para o que pode e deve ser pensado a partir dele. E ao mesmo tempo, em seu modo de ser, o grupo opera uma desmontagem dos agenciamentos vigentes na sociedade em torno do envelhecimento ativo. Desse modo, não só o bordado, mas o próprio território das velhices é atravessado por um movimento de desterritorialização. Descodifica, rompe territórios, reencontra a terra em toda a sua potência (LAPOUJADE, 2015).

## QUARTO MOVIMENTO

### Bordar: Gesto menor que possibilita o cuidar?

Mais que qualquer outra coisa, o mundo teme novas experiências.

Porque uma nova experiência desloca experiências antigas.

E é como tentar usar músculos que talvez nunca tenham sido usados,  
ou que foram se enrijecendo ao longo do tempo. A dor é terrível.

O mundo não teme uma ideia nova.

Ele é capaz de classificar toda e qualquer ideia.

É incapaz, porém, de classificar uma experiência realmente nova.

Só consegue esquivar-se.

O mundo é um mestre em esquiva.

D.H. LAWRENCE<sup>50</sup>

Grupo Teia de Aranha: espaço [entre] que promove possibilidades de encontros que priorizam os tempos dos sujeitos para ver e observar, compreender e concluir; favorecem o conversar ‘com’ no lugar de um falar ‘sobre’.

Silvio Fudissaku — *Diante de um ritmo de vida alucinante, a paciência para respeitar o tempo de que cada projeto precisa para ficar perfeito. Numa sociedade impiedosa na cobrança de resultados, a sabedoria de saborear os processos — maior do que o prazer das bordadeiras em concluir uma peça é o enriquecimento mútuo das mulheres interagindo em volta da mesa de trabalho. Ali se faz mais do que ornamentar tecidos: ali as bordadeiras arrematam o aprendizado da convivência.*<sup>51</sup>

Essas mulheres estão na contra mão da nossa sociedade capitalista e produtivista. Elas se dão ao luxo de perceber, experimentar e dilatar o tempo, ou ainda, de se demorar no tempo. Assim, vitalizam o instituído no agora da vida. Permitem movimentos e ideias, pois estão abertas ao novo e às potências do acontecimento, ou seja, são capazes de modificar a si mesmas de modo aberto e sem nenhuma mediação através do movimento, do tempo e da sensibilidade.

<sup>50</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/1080397-classico-da-critica-literaria-recebe-nova-edicao-no-brasil.shtml> (Acesso em: 25 nov. 2018).

<sup>51</sup> Disponível em: <http://espacociranda.blogspot.com/search/label/Conversas> (Acesso em: 25 nov. 2018).

Usam o fluxo que chega por meio dos acontecimentos da vida para criarem realidade, dobrando e redobrando e desdobrando as forças. São vidas intensivas, que nada têm de intencionalidades. Inspiram umas às outras e aos mais atentos a agirem a partir de situações, e não de modelos. É sempre um convite ao improvisado, no sentido que Ingold nos fala: “improvisar é seguir os caminhos do mundo, na medida em que se abrem, ao invés de recuperar a cadeia de conexões, desde um ponto-final para um ponto de partida, em uma rota já percorrida” (INGOLD, 2015, p. 309). Grupo Teia de Aranha: lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente e onde é possível transitar de uma extremidade temporal a outra.

Marily — *As descobertas são do lado de dentro ou de fora, do avesso ou do direito, de cima ou de baixo, de ontem ou de amanhã? Para quem tenha olhos para ver e ouvidos para ouvir, a geografia e a ficção se misturam e envolvem o viajante.*<sup>52</sup>

Fios a produzir teias. As linhas de uma teia de aranha “não conectam pontos ou juntam as coisas (...) secretadas do corpo da aranha enquanto ela se move, são linhas ao longo das quais ela age e percebe” (INGOLD, 2015, p. 139). Fios a produzir dimensões múltiplas de sentido e **[c]o[m]posições** que geram estados inéditos, inteiramente estranhos, e, cada vez que isto acontece, é o próprio corpo que se desestabiliza. Os contornos são abalados. Assim, surge a exigência de se criar um novo modo de sentir, de pensar, de agir — que venha encarnar este estado inédito. Potência dos corpos em movimento entre os fios e as agulhas. Experimentação criativa como possibilidade do encontro de bordado. Costurar-se enquanto si; desmanchar-se, também.

Espiral de processos, vontades, o *quero, mas não quero*. Quantas vezes é preciso ir e vir para encontrar-se em presença? Os pontos se repetem e vão construindo cada painel bordado recursivamente. Ao mesmo tempo que os pontos são sempre os mesmos, eles são sempre outros na trama que constroem. Ao longo do percurso, cada bordadeira observa seu caminho, escolhe se muda de cor, se muda de ponto, percebe que esqueceu um ponto, decide se desfaz ou se continua o bordado depois de reconhecer as possíveis imperfeições do processo. Ir experimentando o que faz sentido sem ter a obrigação de ter sentido. Trata-se de uma lógica constituída por um conjunto de elementos que contribuem para produzir o próprio tempo, na

---

<sup>52</sup> Marily da Cunha Bezerra, disponível em: [http://www.celpsyro.org.br/joomla/index.php?option=com\\_content&view=article&id=662:grande-sertao-veredas-de-guimaraes-rosa-literatura-e-cinema-&catid=39:acontecencias](http://www.celpsyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&id=662:grande-sertao-veredas-de-guimaraes-rosa-literatura-e-cinema-&catid=39:acontecencias) (Acesso em: 17 set. 2018).

medida em que são como que *linhas de tempo* que se abrem nestas múltiplas e imprevisíveis direções em que vai se produzindo a realidade.

Tecido bordado que produz uma escuta da sensação, algo que se passa entre uma textura, uma imagem, uma cor, um sabor, um toque, um odor, um som, uma palavra que atravessa o corpo de cada bordadeira, não em seu estado visível e orgânico, mas sim em seu estado invisível, onde o corpo integra uma textura que se compõe das misturas dos mais variados fluxos dessas **[c]o[m]posições**, e onde se produzem as diferenças que engendram os devires — devires dessa própria textura. E assim, estar junto às sensações é produzir modos de existir legitimadores dos afetos, sentidos, sentires e devires.

Nesses devires não se trata de indivíduos novos, mas de velocidades novas, relações de movimento e repouso singulares, *afectos* e *perceptos* envolvendo-se, graus de potências correspondentes. A questão é aprender a fazer variar a linha a nosso favor. A grande jogada é não se conformar com o que é dado, aquilo que é da ordem do extensivo, mas se apegar a alegrias que permitam criar novas estratégias, novas “saídas para a vida”. Devir é uma aliança com as aprendizagens de uma vida, com seus conhecimentos, um contágio com as vibrações e porosidades das experiências, uma propagação de encontros e desencontros, um povoamento de composições. (NIQUETTI, 2016, p. 129).

Isso exige que se deixe para trás as certezas e o ressentimento e se abra à vida. Desinvestimento em fios que levem à certeza do entendimento. Composição de um labirinto onde a razão se perca e possa encontrar a sensação. Como já dissemos, não interessa tanto o fim, mas a vida que se vive também como dúvida, como indagação, como falta.

Ao acompanhar essas bordadeiras, pude ver como elas experimentam a vida e suas potências de uma maneira singular e artista. Mulheres que desafiam e traçam um caminho outro para os bordados e para as suas velhices, onde a criação passa a ser sinônimo de suas próprias vidas; o criar intimamente ligado ao continuar produzindo modos de existência. Abandonam os lugares estabelecidos e fixados para o bordado e para o velho, lugares maiores e sem potência, e se lançam “na aventura de desbravar veredas menores” (MASCHIO; TÓTORA, 2016, p. 50). Operam uma desmontagem dos agenciamentos vigentes, uma descodificação, desestratificação e desterritorialização em relação à velhice. Assim, ao invés de caminharem em busca de uma ‘longevidade ativa’ com ‘bem-estar’ e ‘qualidade de vida’, elas optam por uma escolha ética e procuram fazer de suas velhices um fenômeno estético repleto de intensidades. São mulheres que envelhecem com o passar dos anos, mas que se tornam velhas “por um acontecimento

singular, delicado e nada ruidoso; audível apenas para orelhas pequenas e seletivas” (TÓTORA, 2015, p. 217).

O acontecimento é algo que deve interromper e ao interromper, cria algo que não estava ali. O acontecimento não é só o que ocorre, mas é a surpresa absoluta, imprevisível, por isso não é um objeto, algo manuseável. Deleuze dirá, através dos estoicos, que os verbos no infinitivo como por exemplo, o morrer e o viver, expressam acontecimentos. Pois morre-se de diversas formas, nunca se acaba de morrer, da mesma forma vive-se de diversas formas.

[...] todo acontecimento é uma névoa. Se os infinitivos ‘morrer’, ‘amar’, ‘mover’, ‘sorrir’ etc., são acontecimentos, é porque há neles uma parte que sua realização não basta para realizar, um devir em si mesmo que está sempre, a um só tempo, nos esperando e nos precedendo como uma terceira pessoa do infinitivo, uma quarta pessoa do singular. Sim, o morrer engendra-se em nossos corpos, produz-se em nossos corpos, mas chega de Fora, singularmente incorporal, e fundindo-se sobre nós como a batalha que sobrevoa os combatentes, e como o pássaro que sobrevoa a batalha. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 78).

Os estoicos diziam que devíamos ser dignos do que nos acontece, tornarmo-nos filhos dos nossos acontecimentos, daquilo que nós produzimos, inventamos. Ser digno do que nos acontece não é aceitar tudo, resignar-se, mas algo diferente.

O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera. [...] ele é o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece [...] tornar-se digno daquilo que nos ocorre, por conseguinte, querer e capturar o acontecimento, tornar-se o filho de seus próprios acontecimentos e por aí renascer, refazer para si mesmo um nascimento, romper com seu nascimento de carne. (DELEUZE, 2015, p. 152).

Em cada instante de nossas vidas não fazemos nada senão atravessar picos de singularidades: caminhamos de uma situação de menor diferenciação para uma situação de maior diferenciação; nossas vivências e experiências valem como modos de nos individualizar, nos singularizar, e o fazemos sempre coletivamente, em comunidade. Também encaramos o devir, mas quase sempre o negamos: apegamo-nos a modelos certos que facilitam ou dão previsibilidade e segurança aos efeitos, tal como os métodos científicos tradicionais; seguimos o bom senso e reproduzimos o senso comum. Por isso os acontecimentos são raros. Pouquíssimos ao longo de uma vida. Aproximei-me do sentir e do viver dessas mulheres que

bordam travessias e, em descaminhos, traçam jornadas; que, selecionando, compondo, afirmando, aprendendo o caminho dos bons encontros, tecem suas teias para sustentar a vida. Lembro-me aqui de uma passagem do livro “Grande sertão veredas” que foi lida pelo grupo e inspirou a confecção do primeiro painel bordado pelo Teia de Aranha:

[...] Travessia, Deus no meio. Quando foi que eu tive minha culpa? Aqui é Minas; lá já é Bahia? Estive nessas vilas, velhas, altas cidades... Sertão é o sozinho. Compadre meu Quelemém diz: que eu sou do muito do sertão? Sertão é dentro da gente. O senhor me acusa? Defini o alvará do Hermógenes, referi minha má cedência. Mas minha padroeira é a Virgem, por orvalho. Minha vida teve meio-do-caminho? Os morcegos não escolheram de ser tão feios tão frios – bastou só que tivessem escolhido de esvoaçar na sombra da noite e chupar sangue.” (ROSA, 2001, p. 391)

Vejam que não se trata de manter uma certa distância do cotidiano, mas sim de habitar um cotidiano de modo *menor*, a fim de que as linhas de segmentação que ordenam esse cotidiano sejam atravessadas pela imprevisibilidade do acaso. *Menor* é sempre uma urgência de experimentar.

Um tecido sobre os joelhos, que se alarga em potência e originalidade à medida que se estabelece o encontro. Tateando e aprendendo com o *de fora* que se torna também dentro, as bordadeiras criam ferramentas que modificam a própria percepção e, assim, podem construir mapas de deslizamentos, deslocamentos e de variações dos *afectos* que são devires. Caminhos e percursos que traçam uma linha de fuga que não tem começo nem fim, tem apenas o meio.

É que o meio não é média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma parte para outra reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE & GUATTARI: 2011, p. 49).

Mulheres que fazem da linha de fuga uma linha criadora de novos possíveis, ou seja, uma linha de vida. Bordar coletivamente no grupo Teia de Aranha passa a ser um gesto que, ao invés de concluir, apaziguar ou dar respostas, permite múltiplas saídas em busca da afirmação da existência. E nesse ato abre-se um vazio repleto de impessoais. No bordado, não está mais em jogo o sujeito e sua relação com o mundo, mas sim uma nova série de matérias e intensidades não formatadas.

E, assim, retomo meus questionamentos: será possível pensar o ato de bordar como um gesto que pode contribuir para a constituição de um novo plano de imanência, capaz de romper fronteiras e criar outros modos de habitar, coexistir e cuidar na contemporaneidade?

Os conceitos de Gilles Deleuze — *acontecimento*, *devir*, *menor* —, atravessados e rearranjados pelas formulações de Erin Manning em seu livro *The Minor Gesture*, produzem uma composição curiosa e potente para pensarmos o gesto de bordar no grupo Teia de Aranha. Manning trabalha para criar um campo de ressonância para o *menor* e diz que o “gesto menor é a força gestual que abre a experiência para seu potencial de variação. O *menor* realiza isso do meandro da própria experiência, ativando uma mudança de tonalidade, uma diferença de qualidade” (MANNING, 2016, p. 1, tradução livre). O *menor* é uma contínua variação na experiência e seus ritmos não são controlados por nenhuma estrutura preexistente, mas estão abertos à fruição. Inventa ritmicamente seu próprio pulsar e não é conhecido de antemão. O *menor* nunca reproduz a si em imagens próprias. Para Manning (2016), o *gesto menor* está singularmente conectado com o acontecimento iminente; está ativo nessa fase de indeterminação do acontecimento, ou seja, na fase da realização do acontecimento, da experiência, na qual ele ainda não se tornou integralmente isso ou aquilo. Assim, o *acontecimento* e o *gesto menor* estão sempre em co-composição: pontuam o processo e movem o desenrolar do acontecimento em novas e divergentes direções, alterando o rumo no qual a experiência poderia de outra forma assentar-se; é a força que faz tremular as linhas que compõem os dias — linhas tanto estruturais quanto fragmentárias, que articulam maneiras outras da experiência se expressar. E assim o gesto menor inventa novas formas de existência. O registro do *gesto menor* é sempre político: ao pontuar a reorientação do acontecimento, o *gesto menor* inventa novos modos de vida-vivendo<sup>53</sup>. Ele se movimenta através do acontecimento, cria uma pulsação, abre os caminhos para emergência de novas tendências, e, por entre as ressonâncias despertadas, um potencial para diferença se anuncia.

O que age no cerne do acontecimento é o *gesto menor*. Isso não significa dizer que o *gesto menor* é intrinsecamente positivo ou bom. O *gesto menor* desloca o campo, alterando as valências do que acontece. Compor com o gesto requer, como Deleuze (1988) adverte, a prudência do experimentador, uma prudência experimental, uma prudência vigilante ao pragmatismo especulativo no cerne do acontecimento emergente. Esta não é a prudência de um

---

<sup>53</sup> “Vida-vivendo é um maneira de pensar a vida com e para além do humano, uma maneira de pensá-la como mais-que-humana. O conceito deleuziano de *uma vida* ecoa fortemente aqui. *Uma vida* define-se por uma derradeira ode à vida, ao jorro vital que atravessa a experiência ilimitada. A conjunção entre o gesto menor e a vida-vivendo implica uma ecologia política que opera no nível do em-ato e que pergunta a cada ponto o que mais a vida poderia ser” (MANNING, 2016, p.3-4, tradução livre).

desviante passivo. É a impermanência em ato que salta da possibilidade de descobrir o que mais pode um *acontecimento* produzir. É uma prudência que compõe, no ritmo do gesto menor, com as margens do ainda-não-pensado.

O gesto menor é o ativador, o portador, o agenciamento que traça o evento. Ele move o não-consciente, torna sensível o indivisível no divisível, faz ressoar efeitos do campo que estariam de outro modo encobertos na experiência. Ele é a força-direta capaz de conduzir a tonalidade afetiva que ressoa no não consciente e articulá-la, margeando-a por dentro da consciência, em novos modos de existência. (MANNING, 2016, p. 7, tradução livre).

Segundo Manning em ressonância direta com Deleuze, as estruturas da vida cotidiana são igualmente da ordem do acontecimento. E sendo assim, como em todo *acontecimento*, podem ser moduladas por gestos menores. Elas podem ser expostas às suas potencialidades de maneira a intervir, por exemplo, no tempo capitalista: tonar-se-iam formas de resistência. Fariam isso alterando os ritmos, reduzindo nosso alinhamento para com a homogeneidade da velocidade capitalista. Alterar a velocidade do funcionamento cotidiano torna possível modos de encontro de outra maneira elididos. Esse chamado à fruição do *gesto menor* no interior da cotidianidade implica a manufatura de técnicas que instaurem as condições não para uma freagem exatamente, mas para a percepção das gradações e colorações da experiência que resistem à formação do tempo suficiente para permitir que vejamos o potencial de mundos se fazendo. Demanda, assim, estarmos afinados com o tempo-acontecimento, a duração vivida não linear da experiência em seu fazer. É imerso no tempo-acontecimental, conseqüentemente, que o *gesto menor* afina o acontecimento com o que pode ele produzir. Um tom menor está sempre entrelaçado com tons maiores — o *menor* opera o maior de dentro, e nenhum deles é fixo. O maior é a tendência estrutural que organiza a si próprio de acordo com definições de valor pré-determinadas. O *menor* é a força que flui de seu interstício, desarmando sua integridade estrutural, problematizando seus padrões normativos.

Voltemos à questão do tempo na nossa sociedade e a relação das bordadeiras com ele. No grupo Teia de Aranha não existe a impaciência para se terminar um bordado. O tempo do grupo está em total desalinho com o tempo capitalista. Essa é uma marca já consagrada do grupo. Um amigo do grupo, que é compositor e cantor, pediu para que elas bordassem um painel para que ele usasse em suas apresentações, já que ele compõe e canta músicas inspiradas no sertão do Guimarães Rosa. Elas não são de aceitar encomendas, mas como ele é um amigo muito querido pelo grupo, decidiram aceitar, mas com uma condição: não teriam prazo para a

entrega. Ele aceitou a condição. O que ele não esperava é o que seu painel fosse demorar três anos para ficar pronto. No decorrer desse tempo ele não cobrou o pedido, deve ter achado que elas haviam desistido. Um certo dia, para a surpresa do amigo, uma delas telefona para ele e diz: *seu painel está pronto, mas para entregar queremos que você organize um sarau*. Pois é, essa também é uma condição do grupo, sempre que terminam um bordado elas organizam um sarau. Terminar um bordado é motivo de celebração, não só pelo tecido bordado, mas pela vida, pela amizade e porque é bom se divertir.

A ação brutal do mundo moderno, a impaciência que se agita na urgência vazia das coisas a fazer, é uma falta contra uma maturidade profunda. É um tempo que nega, que corta, que nada retém. A paciência das bordadeiras fala de outro tempo, de um outro trabalho, de que não vê o fim, que não nos atribui qualquer objetivo. Mas essa paciência se nos distancia de todas as formas de ação cotidiana, ela não é inativa. O seu modo de agir pode ser misterioso: parece que elas devem fazer algo, e entretanto não têm pressa alguma, e também parece que é algo que não depende delas, mas de que elas dependem. Mas isso não será assim porque o que está em jogo para essas mulheres é a própria vida que se cria e que se vive ao bordar? E não será o próprio gesto de bordar que abre o campo de percepção dessas mulheres para as possibilidades de uma vida outra? De um cuidado outro? E não é isso que o *gesto menor* faz: abre caminho para que se invente novas formas de existência, ou seja, para a potência que está por vir?

Pensar no gesto de bordar como um *gesto menor* é continuar em movimento, lançar mais uma linha nessa teia, pois a intenção não é a de concluir teia alguma, mas deixar linhas soltas que possam ser trabalhadas em movimentos por vir. O que interessa para as aranhas, infinitas fiandeiras, é sempre continuar a tecer teias.

A aranha, aquela aranha, era tão única: não parava de fazer teias! Fazia-as de todos os tamanhos e formas. [...] E alfaiatava, alfinetava, cegava os nós. Tecia e retecia o fio, entrelaçava e reentrelaçava mais e mais teia. [...]

- Não faço teias por instinto.

- Então faz por quê?

- Faço por arte. (COUTO: 2009: p. 73-74)

Bordar coletivamente, um gesto menor, gesto que permite o entrelaçar e o reentrelaçar das linhas da vida e do pensamento e que abre um campo para novas possibilidades de cuidado. Assim o gesto de bordar passa a ser uma membrana de contato entre linhas de atravessamentos

estéticos, éticos e afetivos constituidoras de um cuidado outro, ou seja, um cuidado repleto de potência capaz de desencarcerar a vida.

A pesquisa mostrou um percurso que possibilita repensarmos a noção de cuidado como uma técnica dos saberes da saúde ligados à decrepitude do corpo biológico. Buscou-se construir um outro sentido de cuidado em íntima conexão com a vida. Trata-se de um cuidado que honra as complexas formas inter-relacionais e cria modos de encontro para a diferença. Bordar coletivamente, um gesto que opera produzindo cismas, fendendo o acontecimento para a potência coletiva rica em diferença.

Bordar coletivamente no grupo Teia de Aranha: um *gesto menor*, que afirma a vida e acredita neste mundo. Há nisso um traço nietzschiano: “*Isso era a vida? Muito bem! Mais uma vez!*” (NIETZSCHE, 2011, p. 150, grifo do autor).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. **Nudez**. Tradução de Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- ALVAREZ, J; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método cartográfico**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 131-149. PELBART, P. P. **O Averso do nilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- ASSMAN, S. J. Apresentação. In: AGAMBEN, G. **Profanações**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- AZEVEDO, C. D. **Envelhecer na contemporaneidade: subjetivações, modelos e resistências**. 2018. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20880> (Acesso em: 18 abr. 2018).
- BANDEIRA, M. Profundamente. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.
- BEZERRA, M. C.; HEIDEMANN, D. Viajar pelo sertão roseano é antes de tudo uma descoberta!. **Estudos Avançados**, 20 (58), p. 5-17. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n58/01.pdf> (Acesso em: 19 abr. 2017).
- BORGES, J. L. **Nova antologia pessoal**. Tradução de Davi Arrigucci Jr, Heloisa Jahn, Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- CABRAL, M. C. **Encontros que nos Movem: a leitura como experiência inventiva**. 2006. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Tradução de Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.
- CASTRO, E.V. **Os Involuntários da Pátria**. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- CENTRO INTERNACIONAL DE LONGEVIDADE BRASIL ILC-Brasil. **Envelhecimento Ativo: Um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade**. Rio de Janeiro: Centro Internacional de Longevidade Brasil, 2015. Disponível em: [http://ilcbrazil.org/portugues/wp-content/uploads/sites/4/2015/12/Envelhecimento-Ativo-Um-Marco-Pol%C3%ADtico-ILC-Brasil\\_web.pdf](http://ilcbrazil.org/portugues/wp-content/uploads/sites/4/2015/12/Envelhecimento-Ativo-Um-Marco-Pol%C3%ADtico-ILC-Brasil_web.pdf) (Acesso em: 20 ago. 2017).
- CONTO o que vi, o que não vi não conto. Direção de Beth Ziani. (80 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ytS1dK6o8ao> (parte 1); <https://www.youtube.com/watch?v=5oMZpCmc3p0&feature=youtu.be> (parte 2);

<https://www.youtube.com/watch?v=vwRwbDYqMwE&feature=youtu.be> (parte 3);  
<https://www.youtube.com/watch?v=wCx5rvoabg&feature=youtu.be> (parte 4);  
<https://www.youtube.com/watch?v=ijeEDQOkLIQ&feature=youtu.be> (parte 5);  
<https://www.youtube.com/watch?v=TbiBCP-LyeY&feature=youtu.be> (parte 6);  
<https://www.youtube.com/watch?v=VfEAJ0ep7UA&feature=youtu.be> (parte 7);  
<https://www.youtube.com/watch?v=btp3VxiQoZY&feature=youtu.be> (parte 8) (Acesso em: 20 ago. 2017).

COUTO, M. **Venenos de Deus, remédios do diabo**: as incuráveis vidas de Vila Cacimba. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo; Perspectiva, 2015.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

\_\_\_\_\_. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2012.

\_\_\_\_\_. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.

\_\_\_\_\_. **Espinosa: Filosofia prática**. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G; PARNET, C. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F.. “Devir intenso, devir-animal, devir-imperceptível”. In: **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2**. Vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2**. Vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélia Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2**. Vol. 2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELIGNY, F. **O Aracniano e outros textos**. Tradução de Lara de Malimpensa. São Paulo: n-1 edições, 2015

FÉLIX, J. S. Economia da Longevidade: uma revisão da bibliografia brasileira sobre o envelhecimento populacional. In: **Anais do VIII Encontro da Associação Brasileira de Economia da Saúde**. São Paulo: 2007. Disponível em: <[https://scholar.google.com.br/citations?view\\_op=view\\_citation&hl=pt-BR&user=y0am3swAAAAJ&citation\\_for\\_view=y0am3swAAAAJ:qjMakFHDy7sC](https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=y0am3swAAAAJ&citation_for_view=y0am3swAAAAJ:qjMakFHDy7sC)>. (Acesso em: 18 ago. 2016).

- FERRACINI, R. Em torno da fronteira. [2014]. Disponível em: <https://primeiroteatro.blogspot.com/2014/07/em-torno-da-fronteira.html>. Acesso em: 15 jul. 2018.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014a.
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade 3: O cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014b.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 2014c.
- \_\_\_\_\_. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política**. Organização de Manuel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014d, p. 264-287.
- \_\_\_\_\_. **A Hermenêutica do Sujeito**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber**. Organização de Manuel Barros da Motta. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GIL, J. Medo de existir. [2016]. Disponível em: <http://www.tiagosousa.org/medo-de-existir> (Acesso em: 15 jun. 2018).
- GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.
- HAN, B.C. **Sociedade da Transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- INGOLD, T. **Estar Vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, Liliana (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- \_\_\_\_\_. Experiência estética para uma Aprendizagem Inventiva: notas sobre acessibilidade de pessoas cegas a museus. **Informática na educação: teoria e pratica**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 38-45, jul./dez, 2010.

- LAPOUJADE, D. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- MANNING, E. **The minor gesture**. Durham: Duke University Press, 2016.
- MASCHIO, B.; TÓTORA, S. Oficina de modelo vivo: um experimento ético-estético. **Aurora**: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v. 9, n.27, p. 6-17, out. 2016-jan. 2017
- MILLER, Henry. **A sabedoria do coração**. Tradução de Lya Wyler. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- NANCY, J. Dobra deleziana do pensamento. In: ALLIEZ, É. (org.). **Gilles Deleuze: Uma vida filosófica**. Cordenadora de tradução Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora 34, 2000.
- NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- \_\_\_\_\_. Assim falou Zaratustra: Um livro para todos e ninguém. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Além do Bem e do Mal**. Tradução de Heloísa da Graça Burati. São Paulo: Editora Rideel, 2005.
- NIQUETTI, R. Deleuze e os devires minoritários na velhice. **Aurora**: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v. 9, n. 27, p. 114-136, out. 2016-jan. 2017.
- OHNO, K. **Treino e(m) poema**. Tradução de Tae Suzuki. São Paulo: n-1 edições 2016.
- PASSETI, E. Transformações da biopolítica e emergência da ecopolítica. **Revista Eccopolítica**, São Paulo, n.5, jan-abr, p. 2-37, 2013.
- PEALBART, P.P. **Vida capital** – Ensaio de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Vida nua, vida besta, uma vida**. 2006. Disponível em <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2792,1.shl> (Acesso em: 22 fev. 2017).
- \_\_\_\_\_. **O Averso do niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- \_\_\_\_\_. Políticas da vida, produção do comum e a vida em jogo... **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.24, supl.1, p. 19-26, 2015.
- RILKE, R.M. **Cartas a um jovem poeta e A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke**. Tradução de Paulo Ronai e Cecília Meireles. São Paulo: Globo, 2001.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental** – transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina / Editora UFRGS, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia**. [2005] Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/terapeutica.pdf> (Acesso em: 10 nov. 2017).
- ROSA, J.G. **Grande sertão: veredas**. - 20ª ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

- \_\_\_\_\_. **Primeiras Estórias** – João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSMANINHO, L.A.F. **Luba sem titubear**. São Paulo: 2002.
- SÊNECA, L. **Cartas a Lucílio**. Tradução de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.
- SOUZA, E. G. **Estamira**: Fragmentos de um mundo em abismo. São Paulo: n-1, 2013.
- SPINOZA, B. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- TÓTORA, S. Apontamentos para uma ética do envelhecimento. **Revista Kairós**, São Paulo, EDUC, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Velhice**: uma estética da existência. São Paulo: Educ/Fapesp, 2015.
- \_\_\_\_\_. Uma existência atravessada pela vida. **Verve**: Revista semestral do NU-SOL – Núcleo de Sociabilidade Libertária / Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP. nº21, São Paulo, Maio de 2012.
- UNO, K. **A gênese de um corpo desconhecido**. Tradução de Christine Greiner. São Paulo: n-1 edições, 2012.
- VEIGA, Ana Lygia V. S. **Fiar a escrita**: Políticas de narratividade – exercícios e experimentações entre arte-manual e escrita acadêmica. Um modo de existir em educação inspirado em uma antroposofia da imanência. 2015. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2015. Disponível em <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/5465> (Acesso em: 08 out. 2018)
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Tradução de Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf) (Acesso em: 15 jan. 2017).
- ZIANI, E. M. **As dobras do texto**: trajetória da obra de Guimarães Rosa. 2017. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-02052018-154410/pt-br.php> (Acesso em: 14 ago. 2018).



## ANEXO 1

Fotos<sup>54</sup> da Colcha de Raul

---

<sup>54</sup> Todas as fotos foram tiradas pela avó Cristina.



















## ANEXO 2

### Grupo Mãos de Ariadne

Fotos<sup>55</sup> dos bordados do projeto “Elas, alinhavos no tempo”



Sarau de lançamento do calendário – Outubro de 2018

---

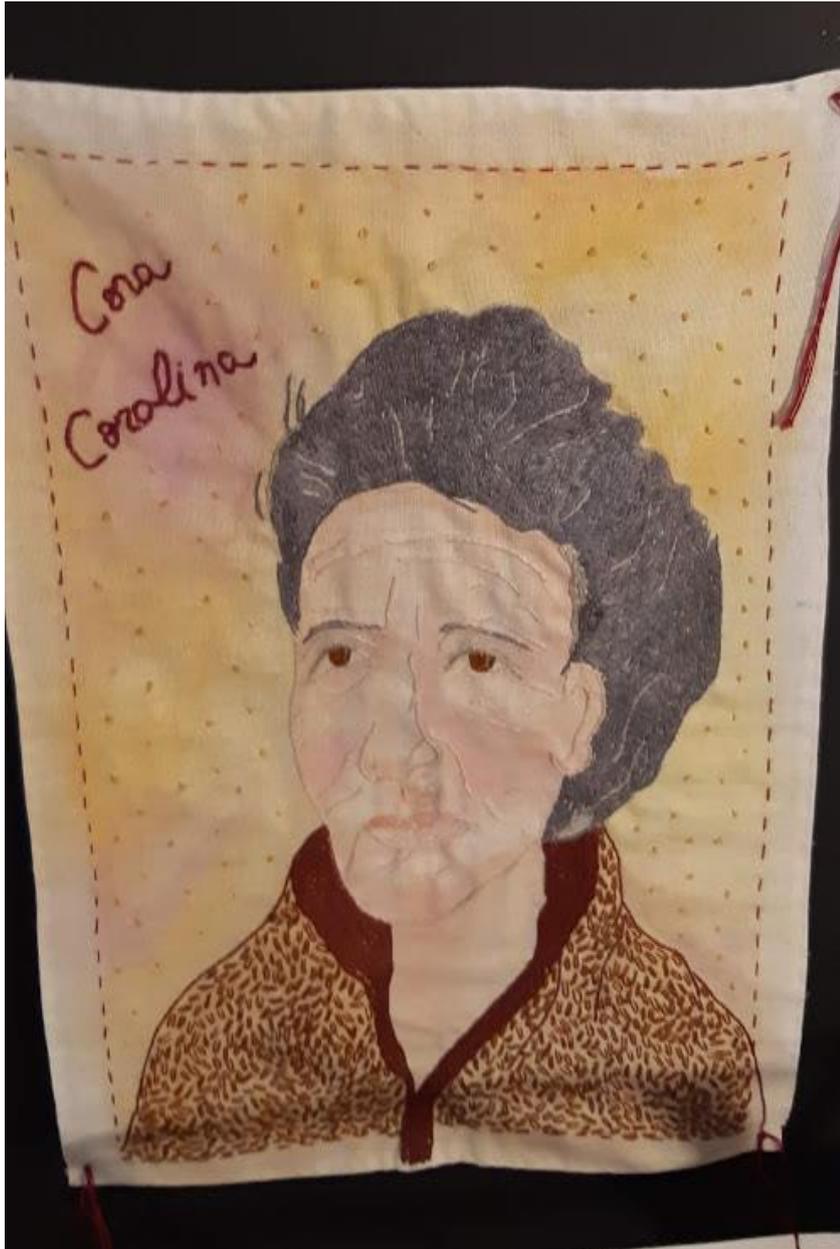
<sup>55</sup> Todas as fotos deste anexo foram tiradas pela autora.



*“Maria agora bonita  
Já mandava no cangaço  
Mulherada se chegou  
Conquistando seu espaço”  
(Soraia da Brasa, cordel “Maria Bonita”)*



“Meu coração não se acalma  
não cessa de te adorar  
deixa abraçar a minh'alma  
nas chamas do te olhar” (“A Corte na Roça”)



“Meus versos têm cheiro de currais, de  
Terra, têm o som livre do aberrante”



“Tornou-se exemplo de bravura  
nos campos de batalha”



“Você pode fazer tudo na vida com educação, postura e comportamento”



“Viver é ir ao encontro.

Não se pode viver em estado de contemplação.

Tudo está a nossa espera. É uma questão de coragem e amor”



“Pagu tem os olhos moles,

Olhos de fazer doer.

Bate Coco quando passa

Coração pega a bater”

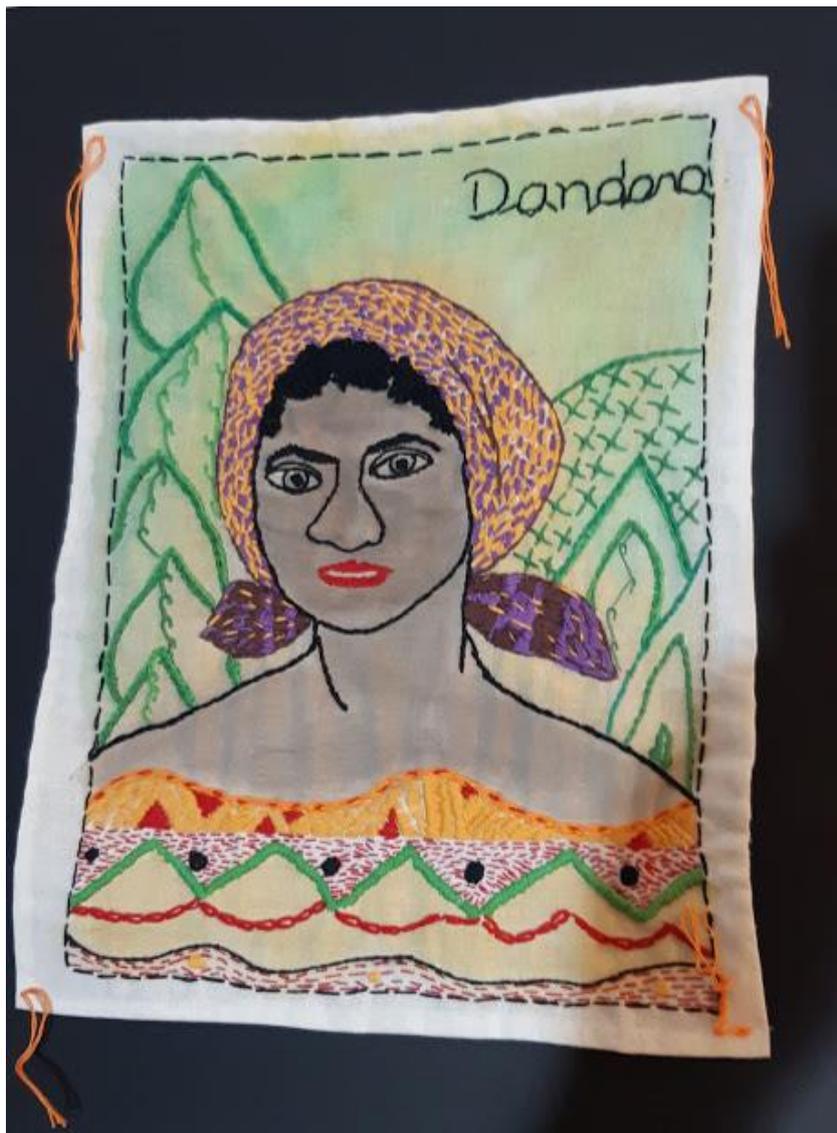
(Poema “Coco de Pagu”, Raul Bopp)



“Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo”



“Eu invento tudo na minha pintura, e o que vi ou senti, eu estilizo”



“Sempre perseguindo o ideal de liberdade,  
Dandara não tinha limites quando  
o que estava em jogo era a segurança  
do quilombo e a eliminação do inimigo”



“Eu me chamo Lia e vivo por lá  
Cirandando a vida na beira do mar”  
 (“Eu sou Lia”, Paulinho da Viola)



“Porque há direito ao grito. Então eu grito”

(“A hora da estrela”)



### ANEXO 3

#### Currículo — Teia de Aranha

O grupo originou-se em 2001 com a criação de um painel sobre a obra *Grande sertão : veredas* do escritor João Guimarães Rosa. A partir desse trabalho e de atividades realizadas por integrantes do grupo em cidades do Circuito Guimarães Rosa, o grupo passou a ser reconhecido pelas leituras bordadas da obra do escritor mineiro e também pelo registro da cultura brasileiras. O grupo faz da arte de criar através dos fios coloridos uma maneira de valorizar a tradição popular, de estímulo à leitura e de compartilhar experiências em grupos.

#### 2017/2018

Projeto: **Euclides da Cunha**. Leitura do livro “Os sertões - Campanha de Canudos” (em andamento)

#### 2015/16

Painel para o Canto Livro.

#### 2010/11

Projeto: **Bordar São Paulo**. Parceria com três grupos de São Paulo..

Projeto: **Mia Couto**. Leitura de contos do escritor moçambicano.

#### 2009

Exposição : **De Danúbio ao São Francisco – Guimarães Rosa para Todos**

- Biblioteca Alceu Amoroso Lima (maio)
- Cordisburgo/MG – Semana Roseana – Centenário Guimarães Rosa (julho)
- Andrequicé; MG – Semana Manuelzão (julho)
- Morro da Garça – Semana ao pé da Pirâmide (setembro)
- Itapetininga – Salão Cultural (outubro)
- Belo Horizonte – ZAP Cultural (novembro)

#### 2008

**Janeiro** – Morro da Garça – Oficina de Bonecas.

**Abril** – Exposição Tuca Arena - *100 anos de Rosa*.

**Mai** – Exposição na Galeria Olido – *Era Infinitamente maio*.

**Setembro** – Exposição Banco do Nordeste- Fortaleza/CE.

**Outubro** – Morro da Garça - Oficina

## 2007

**Janeiro/setembro** – Oficina no Morro da Garça.

**Agosto** – Estandarte – cenografia espetáculo de dança “Era Infinitamente maio”, de José Maria Carvalho.

## 2006

**Mai** – Projeto **Corpo de Baile** – 50 anos. Exposição da USP/Anfiteatro de Geografia – Buriti. Orelhas do GSV. Oficina – *Coração de Cordisburgo* – Cordisburgo/MG.

**Julho** – Oficina – Cordisburgo/MG. Semana Roseana.

**Agosto** – Exposição na Bienal do Livro de Fortaleza.

**Setembro** – Oficina - Morro da Garça. Oficina de Bonecos “A menina de Lá”.

## 2005

Projeto: **Lugares** – Morro da Garça/MG. Janeiro/abril/setembro/outubro. Pannel do Morro criado a 50 mãos.

Projeto: **Memória do Sertão**. Trabalhos individuais.

## 2004

**Janeiro** – Oficina de Bordado no Morro da Garça. Crianças e adultos.

**Fevereiro** – Coração do João.

**Abril** – Evento do Museu da Casa Brasileira e Teatro do Municipal de São Paulo.

Estandartes: Boi Bonito e uma História de Amor.

**Junho/Julho** – **Andrequicé/MG** – **Oficina de Adereços**: adereços para a procissão; Pannel - **Manuelzão em Andrequicé**

## 2003

**Janeiro** – Oficina no Morro da Garça - estandartes.

**Fevereiro/Março** – Bandeira da Paz (Guerra do Iraque).

**Julho** – Cordisburgo – Oficina 50 anos de GSV.

**Mai a Julho** – Colcha de retalhos.

**Setembro** – Oficina de Mandala em São Paulo e Morro da Garça.

**2001**

Painel Grande sertão: veredas.

**Agosto** – Mandala para GTPOS.